



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)
Especialidade: Teologia Bíblica

Tiago Ferreira Roque

“Tu impossivelmente morto”
Auscultação Teológica da Obra Literária de José Luís
Peixoto

Dissertação Final sob a orientação de:
Prof. Doutor José Tolentino Calaça de Mendonça

Lisboa
2019

A presente dissertação encontra-se redigida ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico.

RESUMO

A morte é um dos maiores mistérios para o homem. A aura de desconhecido que a circunda tem um impacto de medo e repulsa, que leva o sujeito a adiar a necessária reflexão. A presente dissertação perscruta a verdade sobre a morte e o morrer, tendo em conta o misto de trevas e luz que os envolve. Pretende-se realizar um estudo da obra literária de José Luís Peixoto, que coloca estes temas no centro do pensamento do leitor. Reconhecemos o modo único da literatura de iluminar a verdade. Juntaremos a tais dados, um aprofundamento da Sagrada Escritura. Jesus Cristo, síntese de toda a Palavra de Deus, enfrenta a morte até às últimas consequências, por amor. O itinerário de uma teoliterária será elucidativo para entender os contributos que Teologia e Literatura poderão prestar-se mutuamente.

Palavras-chave: morte, luto, literatura, José Luís Peixoto, Cristo.

ABSTRACT

Death is one of the greatest mysteries for man. The aura of the unknown that surrounds it has an impact of fear and repugnance, that takes the subject to postpone the necessary reflection. The present dissertation peers the truth about death and dying, taking into account the due of dark and light that involve them. We intend to carry out a study of the literary work of José Luís Peixoto, that focus these issues in the thought of the reader. We recognize the singular way of literature to illuminate the truth. We will join to these facts the deepening of the Scriptures. Jesus Christ, the synthesis of the whole Word of God, faces death to the full consequences, for love. The way of theoliterary will be instructive to understand what kind of contributions Theology and Literature can give each other.

Keywords: death, mourning, literature, José Luís Peixoto, Christ.

ABERTURA

Depois de Deus, a morte é talvez o maior mistério para o homem. Todos os conceitos se tornam limitados e escassos para a definir. O desconhecido gera no ser humano um sentimento muito natural: o medo. Sentir que nos extinguímos. Experimentar o fim dos dias. A incerteza do que virá depois. O receio do sofrimento. O homem moderno orgulha-se das suas capacidades e obras construídas. Contudo, foge deste tema que não domina. Nem pode dominar. Procura, de tantas formas, iludir esta questão crucial. Todo o homem tem de morrer. Como enfrentar o inevitável?

1. OLHAR O CONTEXTO

Ao longo dos séculos, por exemplo, a sociedade ocidental viu substancialmente transformada a sua visão sobre a morte. Philippe Ariès, num texto que se tornou clássico, aborda o caminho percorrido quanto à significação da morte e descreve as etapas seguintes. A primeira corresponde à interrogação explícita da morte no território doméstico. Atitude antiga, que concebe o momento derradeiro como algo de familiar. Na proximidade da morte, o quarto do moribundo enchia-se com todos quantos desejassem comparecer. Era um acontecimento público. Os aposentos do moribundo convertiam-se numa capela, onde se desenvolvia uma espécie de ato litúrgico. O moribundo assumia a presidência da celebração. Os presentes compunham a assembleia dos fiéis. Entre eles era normal haver crianças.¹ Prestes a partir, o homem recordava os anos da sua vida. Tinha presente a imagem daqueles que amou. O momento era selado com as suas lágrimas, parte integrante do ritual. Por sua vez, os que o rodeavam reconheciam as faltas cometidas contra ele e acolhiam o seu perdão. De seguida, o moribundo elevava-se para Deus, a quem entregava também as almas dos presentes. Por fim, intervinha o clérigo, para lhe dar a absolvição. Incensava o corpo e aspergia-o com água benta. O

¹ Cf. P. ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Teorema, Lisboa, 1988, 24-25.

ambiente era marcado pela serenidade. Terminado o rito, restava aguardar a morte, em silêncio.²

Os vivos não temiam aproximar-se dos mortos. Quanta alegria poder ser sepultado junto ao túmulo de um mártir. Sinal de esperança para o fiel. O santo acompanhá-lo-ia no trânsito para a vida eterna. O interior das igrejas começa a ser lugar de sepultura e estende-se a todo o adro, espelho de uma fé que põe a morte no centro. Se os restos mortais dos cristãos eram confiados à Igreja, esperava-se que esta os encaminhasse para o seu esposo, Jesus Cristo. Um número considerável das antigas igrejas contém em si um complexo subterrâneo, de vários andares, onde se encontram as sepulturas dos cristãos. A construção de habitações em torno das basílicas veio dar origem à malha urbana. A morte era o centro simbólico das cidades e do quotidiano dos vivos. Quanta proximidade da morte à vida. Fenómeno tão natural o morrer como o viver.

O homem antigo configurava o seu inteiro destino partindo da chave religiosa. Por isso, conseguia ver para lá da fronteira do visível. Na sua visão, Deus tinha poder sobre a vida, mas também o poder de salvar o homem da morte eterna, nas moradas infernais.³ Espelho desta esperança é a imagem do Bom Pastor, tão comum na arte paleocristã. Veja-se a representação nas Catacumbas de Priscila, no Cubículo da Velada, em Roma. Foi pintada entre os séculos III e IV da nossa era. Na figura de Cristo, a harmonia plástica resplandece. É o regresso ao Paraíso primordial, obra do Criador. Aos ombros, Ele carrega não apenas uma ovelha, mas por vezes também uma cabra. Animal inquieto, errático, rebelde. Imagem do pecador. Jesus não recusa abrir-lhe a porta do Reino. Ele deseja a plena realização do homem.

No século XII, dá-se uma inversão de mentalidade. À representação de Jesus misericordioso sobrepõe-se a de Cristo Juiz, aquele que separa bons e maus. Uns são elevados

² Cf. P. ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente*, 22-23.

³ Cf. P. ADNÈS, "Mort (Liturgie de la)", in M. VILLER; F. CAVALLERA, & J. DE GUIBERT, *Dictionnaire de Spiritualité: Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, tomo X, Beauchesne, Paris, 1980, 1772.

ao céu e outros entregues à condenação eterna. O quarto do moribundo passou a assumir a forma de tribunal. De um lado, o espaço do Paraíso. Do outro, o do demónio e dos seus cúmplices.⁴ O momento da morte tornou-se envolto numa aura de terror e de drama, o que anteriormente não se fazia notar, pelo menos em termos culturais. Surgiu em Itália, por volta do século XII, a tradição do *Dies Irae*. Meditação sobre uma alma que, diante do seu julgamento, se abandona à misericórdia divina e que virá a tornar-se a sequência da missa pelos defuntos. É requerido aos sacerdotes, principais mediadores entre Deus e os homens, que multipliquem o número de missas a celebrar em sufrágio das almas dos defuntos. No século XIII, generaliza-se o uso de paramentos negros, nas celebrações, o que acentua a desolação e o medo face ao futuro. O novo imaginário que subjaz às exéquias cristãs vem a culminar no *Ordo* tridentino, datado de 1614. O ritual optará pelos textos que abordavam o julgamento do defunto, em detrimento daqueles que se referem à esperança da salvação.⁵ As celebrações exequiais deixaram de ter como acentuação primeira o memorial do mistério pascal de Cristo. O medo da perdição ocupou o lugar que cabia à esperança de ser salvo.

Nesta segunda etapa, o homem medieval começa a ligar-se com outro apego às realidades temporais. Descobre um encanto por elas e teme perdê-las. Ganha um forte amor à sua vida, que não quer que sucumba. Toma consciência de que a morte representa a “morte de si mesmo”⁶. Das sepulturas dos mais abastados constava a representação do rosto e uma inscrição com a identidade. Deu-se uma viragem do puro anonimato para o reconhecimento de quem parte, para que seja recordado até ao fim dos dias. No século XVIII, multiplicam-se as placas tumulares também esculpidas para as campas dos mais humildes.

Na sociedade setecentista, registou-se uma nova mutação: a morte perdeu o seu carácter ordinário para ganhar um alto teor de dramatismo. Lágrimas e lamentações. Mentalidade romântica pela irradiação das paixões mais exasperadas. O homem sofre a

⁴ Cf. P. ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente*, 32-33.

⁵ Cf. P. ADNÈS, “Mort (Liturgie de la)”, 1773-1774.

⁶ Cf. P. ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente*, 42.

saudade da separação. Chora a tristeza da morte. Os vivos sentem-se responsáveis pela salvação do seu ente e empenham-se nas obras de piedade. Tudo o que desejam é que encontre a paz na morte. Acrescem em intensidade as práticas de luto, sobretudo em termos de vestuário. O tempo de luto passa a integrar as mais importantes prescrições culturais, sem deixar de conservar a marca individual que permite a exteriorização dos sentimentos que se debatem no íntimo. Com o despontar das Luzes, propôs-se um cuidado laico e secularizado das sepulturas. A sensibilidade moderna distancia-se do amontoamento de corpos no interior das igrejas. Culpava a instituição eclesial de hiper-centralização. Um dos tópicos mais discutidos é a questão da propriedade e defendia-se que a jurisdição ficava a cargo da família. Até à primeira parte do século XX, pensar a morte tornou-se um árduo empreendimento, aos níveis mais diversos. Porém, a tónica é colocada na “morte do outro”.⁷ Não já na “minha morte”, essa tornada cada vez mais impensável e invisível.

Desde a segunda metade do século XIX até à atualidade, verificamos um acentuar deste paradigma: a morte tornou-se uma realidade longínqua. Entra no pensamento, sobretudo de uma forma fetichizada e indirecta, graças ao fenómeno do “espectáculo”, como afirma Franco Brovelli. É-nos revelada pelos meios de comunicação social. Nos telejornais, às horas de almoço e jantar, são servidas imagens de morte, mas de uma morte banalizada pela repetição. A cultura do analgésico educa para a insensibilidade. Que temos nós a ver com a morte que bate à porta dos outros? Somamos simplesmente voyeurismo e indiferença.⁸

O homem rejeita a sua condição de mortalidade. Esconde aos moribundos o estado em que se encontram e tarda a informá-los. Procura-se defender do sofrimento que a morte carrega. A partir da primeira metade do século XX, o lugar privilegiado mais comum para morrer passa a ser o hospital. O momento do último suspiro torna-se uma decisão da equipa médica, quando nada mais há a fazer. Decrescem os rituais de despedida em torno do

⁷ Cf. P. ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, 44-48.

⁸ Cf. F. BROVELLI, “Exéquias”, in D. SARTORE & A. TRIACCA (org.), *Dicionário de Liturgia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1992, 427.

moribundo. A dor dos familiares e amigos entra na esfera do privado. As práticas de luto são reduzidas e transferidas para o anonimato social. As lágrimas são reservadas para a solidão. Evita-se o espetáculo público das lágrimas.⁹ Estar enlutado é sinónimo de enfermidade, a qual há-de ser tratada o mais rapidamente possível. Cessam as visitas às sepulturas. Todavia, esta retenção do sofrimento na esfera íntima e a proibição de exteriorizá-la conduzem a um adensamento da questão. As crianças são excluídas dos rituais da morte e do luto, nos quais sempre foi natural a sua presença.

A cultura ocidental contemporânea age como se o homem fosse imortal. A publicidade propaga os ideais da eterna juventude. A repressão do tema da morte generaliza-se. A reflexão tanatológica é vista como uma incómoda pedra de tropeço para a vida corrente. Que decisão mais óbvia se não suprimir a meditação sobre a morte?¹⁰ Quando emerge qualquer reconhecimento de que a vida terrena tem um fim, a questão é empurrada para canto. Franco Brovelli dá-nos três possíveis explicações para o desaparecimento da morte do imaginário atual. A primeira consiste na cultura do prazer. Revela-se na sociedade ocidental um desejo desenfreado de felicidade, que não consente no confronto com o sofrimento. Se a vida é bela e tenho tudo quanto possa desejar, que sentido fará pensar em perdê-la? A segunda hipótese terá que ver com o ambiente de secularização. A multiplicidade de temáticas que se propõem ao pensamento humano são relegadas para o domínio do privado e terreno. Se a morte é um entre vários temas de meditação, tenho liberdade para escolhê-lo ou rejeitá-lo. O terror que envolve a morte torna-a desinteressante, evitável, condenada à obscuridade, envolta numa penumbra de trevas. Uma terceira alínea corresponde à ascensão do conhecimento e à criação de instrumentos técnico-científicos sofisticados. O homem orgulha-se da sua inteligência, da capacidade de descobrir antídotos e contribuir para o bem-estar crescente na sociedade. Se a técnica providenciou soluções para tantos problemas do ser humano, não lhe será possível

⁹ Cf. P. ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente*, 56-57.

¹⁰ Cf. J. de SOUSA TEIXEIRA, "Morte", in *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 3, Verbo, Lisboa, 1999, 987.

postergar indefinidamente a morte?¹¹ Ariès alerta para o perigo em que o homem cai por adiar o inadiável:

“A atitude antiga, em que a morte é simultaneamente familiar, próxima e atenuada, indiferente, opõe-se muito à nossa, em que a morte provoca medo, a ponto de nem ousarmos dizer-lhe o nome. Por isso eu designarei aqui esta morte familiar como a “morte domesticada”. Não pretendo dizer que a morte tenha sido anteriormente selvagem, uma vez que deixou de o ser. Quero dizer, pelo contrário, que ela se tornou selvagem nos nossos dias.”¹²

É empobrecedor para o homem descartar a morte do pensamento. A cultura hodierna necessita de reconciliar-se com a morte e de reaprender o luto.

2. PROJETO DE TRABALHO

O nosso trabalho inscreve-se disciplinarmente no âmbito da chamada teoliterária e propõe-se, nesse interface entre Teologia e Literatura, sondar a problemática da morte e do luto. Entusiasmou-nos interrogar o complexo silêncio contemporâneo em relação a estes tópicos. Acreditamos que um parceiro importante para a pesquisa teológica poderá ser a literatura. Atendamos às palavras de Antonio Spadaro:

«O “serviço” da obra literária, para uma vida humana, joga-se sobretudo a este nível. Ela, de facto, propõe-se como “uma espécie de instrumento ótico”, que permite ao leitor “desenvolver” o que talvez, sem o livro, não observaria dentro de si.»¹³

A obra literária permite-nos um contacto com a realidade, um contacto mediado e com efeitos especulares. A literatura é, de facto, esse “instrumento ótico” mas não só. Ela mimetiza a realidade, também a interroga e expande. Disso fala, por exemplo, o escritor português José Luís Peixoto:

¹¹ Cf. F. BROVELLI, “Exéquias”, 427.

¹² Cf. P. ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente*, 25.

¹³ A. SPADARO, *O Batismo da Imaginação: A Experiência da Palavra Criativa*, Paulinas, Prior Velho, 2016, 25.

“O que sinto é que a literatura tem uma coisa que a vida não tem, que é a capacidade de voltar atrás, de poder de certa forma tentar resolver aquilo que não ficou resolvido na vida. Uma vez que a vida vai constantemente avançando nunca pode ser parada. Realmente a literatura dá essa capacidade de voltar atrás, de determo-nos perante as coisas. De certa forma, de parar o tempo.”¹⁴

Peixoto refere-se ao recurso da analepse, da qual a literatura dispõe, e que nos dá o poder de perscrutar o sentido dos acontecimentos passados. Tomemos o exemplo da obra *Morreste-me*. As palavras estão ao serviço do narrador para manter um diálogo com o seu pai já falecido. Trata-se de uma situação para lá do espaço físico e do tempo cronológico.¹⁵ Estamos, sim, no âmbito do tempo e do espaço literários. Mas este é o reverso recriador daquele, construindo assim um dispositivo de pensamento do humano.¹⁶

Ora, pareceu-nos oportuna uma leitura e análise da obra de José Luís Peixoto, precisamente para enfrentar as problemáticas que vimos contextualizando. O tema da morte e do morrer é transversal à sua obra. Escolhemos incidir o nosso estudo nas três primeiras da produção romanesca do autor. Correspondem ao arranque da atividade literária de Peixoto: *Morreste-me* e *Nenhum Olhar*, publicados no ano 2000, e *Uma Casa na Escuridão*, em 2002.

Muitos teólogos contemporâneos aperceberam-se da riqueza que a literatura representa. Marie-Dominique Chenu, em 1969, definiu-a como “lugar teológico”, arriscando colocar a literatura ao lado das fontes clássicas da investigação teológica. Em 1995, Adolphe Gesché defendeu a importância de conhecer o homem como paragem obrigatória no caminho rumo a Deus. Acrescia, assim, o dever da Teologia se aliar a uma antropologia literária, pois

¹⁴ L. GARCIA, “Dois livros, uma casa com vista para dentro” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Jornal do Centro*, 20-12-2002, citado a partir de <http://papeisjlp.blogs.sapo.pt/jornal-do-centro-20-dezembro-2002-30046> [acedido a 15-04-2019].

¹⁵ Cf. A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Diário de Notícias*, 24-02-2001, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/2001> [acedido a 15-04-2019]: “A escrita é um ato a realizar à distância. Para escrever que estou sentado nesta mesa, tenho de estar sentado ao longe a ver-me. Não se coloca a questão de saber se eu senti ou não essas coisas na hora em que estava a escrevê-las. Mas para o fazer tive de “sair” delas até conseguir vê-las.”

¹⁶ Cf. A. M. GASTÃO, “O Mal em Coabitação com o Amor” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Diário de Notícias*, 6-11-2002, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/2002> [acedido a 15-04-2019], 38.

na literatura se encontra a verdade humana (ou o seu sintoma). Hans Urs von Balthasar assumiu a tarefa de reapresentar à ciência teológica os três transcendentais da filosofia clássica: o belo, o bom, o verdadeiro. No seu ambicioso projecto teológico, centra-se na estética, contemplação da beleza, e conclui que o belo é o modo como o homem apreende o bem como verdadeiro. Neste sentido, a arte, a música e a literatura podem ser meios para a descoberta da verdade cristã.¹⁷ De facto, a literatura e a Teologia complementam-se no objetivo que lhes é mais querido: a aproximação à verdade. Unida à sua aliada, a Teologia salvaguarda-se do perigo que constantemente a ameaça: a autorreferencialidade.¹⁸

Todavia, a declaração de agnosticismo que faz Peixoto poderia deixar-nos sem chão para o diálogo: “Não há amparo divino no que escrevo porque na minha cosmovisão não conto com Deus. Deus para mim não é uma possibilidade.”¹⁹ O autor não se inscreve, portanto, no âmbito da fé cristã. O eixo em que Teologia e Literatura se cruzam é a Antropologia. Ambas denotam essa preocupação essencial para com o ser humano.²⁰ Ora, esse cruzamento entre Teologia e Antropologia acontece já na Sagrada Escritura. E esta, ao mesmo tempo, é um grande código continuamente revisitado pela tradição literária do Ocidente. Nela, os romancistas, poetas e artistas de ontem e de hoje encontram inspiração. Oscar Wilde comprova-o:

“Mas, onde quer que haja um movimento romântico na Arte, aí está, de alguma maneira, e sob alguma forma, Cristo, ou a alma de Cristo. Ele está em *Romeu e Julieta*, na *Fábula de inverno*, na poesia provençal, em «O antigo marinheiro», em «La belle dame sans merci», e na «Balada da caridade», de Chatterton. Devemos-lhes as mais diversas coisas e

¹⁷ Cf. J. C. BARCELLOS, “Teologia e Literatura”, in C. CEIA, *E-Dicionário de Termos Literários*, in <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/teologia-e-literatura/> [acedido a 26-02-2019].

¹⁸ Cf. J. T. MENDONÇA, “A Literatura serve alguma coisa a quem estuda Teologia?”, *Fundamentum* 5 (2016) 8.

¹⁹ L. PINHÃO, “Deus não é uma Possibilidade” [Entrevista a José Luís Peixoto], (*Livros*), 2001, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/2001> [acedido a 15-04-2019].

²⁰ Cf. A. MANZATTO, “Teologia e literatura: aproximações pela antropologia”, 4, in <http://www.alalite.org/files/IColoquio/docs/Manzatto.pdf> [acedido a 1-03-2019].

peçoas. *Les misérables*, de Hugo, as *Fleurs du mal*, de Baudelaire, a nota de piedade dos romances russos, os vitrais e tapeçarias.”²¹

Também em José Luís Peixoto podemos rastrear um diálogo com o mundo bíblico. Em 2001, não escondeu à revista (*Livros*) a sua admiração por ela, à qual recorre com frequência. Reconhecia-a como um verdadeiro tesouro literário:

“Não passa um dia que não leia um pedacinho da Bíblia. Sou fascinado pela Bíblia, pela sua riqueza literária, pela forma como está escrita, pela estrutura das suas narrativas, pelo poder das palavras. É uma referência constante para mim.”²²

A afirmação de Peixoto acima mencionada vem ao encontro dos nossos objetivos. Estabeleceremos a partir das obras do escritor pontos de conexão com a Teologia Bíblica.

Nesta dissertação final de Mestrado Integrado em Teologia, propomo-nos sondar o tópico da morte. Conscientes de que o homem contemporâneo a teme e, por isso, a repudia, mas precisa de perspetivá-la com esperança. A partir do conhecimento do humano que brotará do estudo literário, elaboraremos um ensaio de reflexão teológica.

²¹ O. WILDE, *De profundis*, Editorial Estampa, Lisboa, 1991, 120-121.

²² Cf. L. PINHÃO, “Deus não é uma Possibilidade”.

PARTE I: PEIXOTO, A MORTE E O LUTO

O escritor português José Luís Peixoto nasceu, em 1974, na aldeia de Galveias, concelho de Ponte de Sôr. Na sua terra natal, pôde viver na primeira pessoa a experiência da ruralidade: as vivências e trabalhos do campo, bem como a imersão na cultura oral, que veio a enriquecê-lo no ofício de escritor. O acesso à literatura começou por acontecer através dos livros que encontrava no seu círculo familiar. Beneficiou com a passagem da biblioteca itinerante da fundação Calouste Gulbenkian pela sua vila, uma vez por mês, à qual requisitava obras. Mais tarde, frequentou a Biblioteca de Ponte de Sôr, o que lhe permitiu aceder a um repositório mais amplo de textos literários.

Realizou o seu ensino primário por meio da *Telescola*. Na maioridade, partiu para a capital, para ingressar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde se formou em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de estudos ingleses e alemães. A par dos estudos pôde participar em movimentos cívicos e culturais. Integrou, por exemplo, a redação do suplemento literário do jornal *Nova em Folha*, que se tornaria relevante para a emergência da sua vocação de escrita.

Em 1995, José Luís Peixoto viveu uma experiência que o marcou profundamente: a morte do pai, José João Serrano Peixoto. No decurso do luto, redigiu uma novela sobre um filho que enfrenta a morte do seu pai. Esta veio a ser publicada no *DN Jovem*, o importante suplemento literário do *Diário de Notícias*, que foi um viveiro para a descoberta de novos escritores. Posteriormente, viria a estender esse texto, introduzindo novos capítulos. Em 2000, surgiu a edição de autor, com a tiragem de quinhentos exemplares.²³ Quem diria que esse modesto volume viria a ser escolhido como um dos “10 livros portugueses da primeira década do século XXI”?

²³ Cf. M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar (2000)*, de José Luís Peixoto, in <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3408/1/Intertextualidades%20b%C3%ADblicas%20em%20Nenhum%20olhar,%20de%20Jos%C3%A9%20Lu%C3%ADs%20Peixoto.pdf> [acedido a 16-04-2019], 16.

Após terminar a licenciatura, foi professor no ensino secundário em várias escolas, como na Lousã e em Oliveira do Hospital. Exerceu também esta profissão na Cidade da Praia, em Cabo Verde. Foi aí que terminou a redação do seu primeiro romance *Nenhum Olhar*. Inicialmente, a obra não encontrou boa receptividade por parte das editoras portuguesas. Acabou por ser acolhido na editora Temas & Debates.²⁴ Apesar de todos os obstáculos, este livro de José Luís Peixoto foi galardoado com o Prémio Literário José Saramago, em 2001. Com 27 anos de idade, tornou-se o mais jovem vencedor do Prémio atribuído pelo Círculo de Leitores.²⁵ Foi a consagração. Hoje, os seus livros estão traduzidos e publicados em 26 idiomas. Disposto a arriscar uma mudança de vida, decidiu dedicar-se profissionalmente à escrita. Em 2002, publicou o seu segundo romance *Uma Casa na Escuridão*, juntamente com a coletânea de poesia *A Casa, a Escuridão*, obras diretamente relacionadas. O romance *Uma Casa na Escuridão* foi incluído na edição europeia de "1001 Livros para Ler Antes de Morrer - Um guia cronológico dos mais importantes romances de todos os tempos".²⁶ José Luís Peixoto tornou-se um escritor com reconhecimento internacional. As suas produções literárias têm sido adaptadas para espetáculos e realizações artísticas de diversos géneros. A par dos livros, mantém escrita regular em vários órgãos da imprensa portuguesa, como o *Jornal de Letras* ou as revistas *Visão*, *GQ*, *Time Out*, *Notícias Magazine* e *UP*.²⁷

A obra de José Luís Peixoto como escritor justifica amplamente um trabalho de auscultação teológica. Ela dá voz a um tempo próprio, com os seus detalhes e enunciados, a sua riqueza antropológica. Reflete a alma do homem contemporâneo e as suas perplexidades. Com o seu apoio, entraremos neste bosque cerrado que é o mistério da morte.

²⁴ Cf. M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar*, 17.

²⁵ *Nenhum Olhar* foi escolhido como um dos livros da década pelo jornal *Expresso*. Foi incluído na lista do *Financial Times* dos melhores romances publicados em Inglaterra em 2007, tendo também sido incluído no programa *Discover Great New Writers* das livrarias americanas *Barnes & Noble*.

²⁶ Cf. "José Luís Peixoto", in <http://www.joseluispeixoto.net/tag/biografia> [acedido a 15-04-2019].

²⁷ A biografia de José Luís Peixoto que se apresenta neste trabalho cruza as informações obtidas a partir de: M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar*, 13-20; "José Luís Peixoto", in <http://www.joseluispeixoto.net/tag/biografia>.

CAPÍTULO I: MORRESTE-ME

No livro que abre as suas publicações, Peixoto descreve o acompanhamento do pai até à morte, uma viagem intensíssima do ponto de vista emocional. O foco principal é o luto e a dramática consciência da perda.²⁸ A estratégia narrativa foi construir uma forma de diálogo com a figura paterna, num jogo de presença e ausência. Embora se trate de um texto de prosa, conserva-se em cada frase uma respiração próxima da poesia.²⁹ Debrucemo-nos, então, sobre este primeiro livro do autor, que o próprio confessa ser a obra da sua vida.³⁰

1. UM TÍTULO, UMA OBRA

“*Morreste-me*” é uma expressão que não tarda a magoar o ouvido. Entra em conflito com um português correto e cuidado. Em termos de gramática portuguesa, “morrer” trata-se de um verbo intransitivo absoluto e isenta-se de quaisquer complementos, pois fornece toda a informação necessária.

Embora provenha de um estilo coloquial, pode ser analisada sintaticamente. Deixemo-nos guiar por Evanildo Bechara na sua *Moderna Gramática Portuguesa*. A expressão “me” apresenta-se como um dativo livre. Esta função sintática designa um termo que surge com papel semelhante ao objeto indirecto. No entanto, não se relaciona, nem direta, nem indirectamente, com o predicado. Dentro do grupo dos dativos livres, temos quatro subdivisões: o dativo de interesse, o dativo ético, o dativo de posse ou ainda o dativo de opinião. A forma pronominal “me”, presente no título do livro, é um dativo de interesse,

²⁸ Cf. A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais”.

²⁹ Cf. J. TRAQUETE, “José Luís Peixoto: Prémio Saramago 2001” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Ecos do Sor*, 26-11-2001, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/jorge+traquete>, acedido a 15-04-2019.

³⁰ Cf. J. L. PEIXOTO, Participação no Programa Televisivo *Ler Mais, Ler Melhor*, in <https://www.youtube.com/watch?v=-SsrGat0u7U> [acedido a 28-02-2019], ver com especial atenção entre os segundos 0:16 e 0:46.

também conhecido pela expressão latina *dativus commodi et incommodi*. Dá-se a entender quem sai favorecido ou prejudicado na ação indicada pelo verbo.³¹

Neste caso, em *Morreste-me*, o sujeito da ação é o pai. Foi ele quem morreu. Todavia, o termo “me” enfatiza o facto de que o narrador foi afetado. Foi impressa nele uma marca profunda, para não mais se apagar. É como que se o filho tivesse perecido no mesmo momento com o pai. Pelo menos, algo de substancial no seu íntimo foi abalado.³²

2. “SERES INCAUTOS”: A VERDADE QUE SE IGNORA

O ser humano parece alheio a uma consciência da morte. Como que se sente capaz de desviar-se de um destino necessário. O autor retrata essa ignorância deste modo: “Como eu, esperavam; não a morte, que nós, seres incautos, fechamos-lhe sempre os olhos na esperança pálida de que, se não a virmos, ela não nos verá.”³³ Este “fechamos-lhe sempre” revela o inatismo humano para ocultar o difícil tema do morrer. É preferível diferir do que tomar consciência. A citação recorda-nos uma passagem de *A Morte de Ivan Ilitch*, de Lev Tolstoi:

“Aquele exemplo de silogismo que aprendera no manual de lógica de Kieseweter: Caio é homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal – aquele raciocínio parecia-lhe exato quando se tratava de Caio, mas não quando se tratava da sua própria pessoa. Era Caio, um homem em geral, e tinha de morrer. Mas ele não era Caio, não era um homem em geral; era um ser à parte, totalmente à parte dos outros seres (...).”³⁴

Ivan cobre a morte com um manto de desprezo. Como que a subestima. Por isso, só os outros é que morrem. O resultado da sua convicção é, no entanto, um beco sem saída, pois viver exige sempre morrer. A morte impõe-se sem que o homem possa escolher o dia e a hora. Em

³¹ Cf. J. FERREIRA, *Dativo Ético e de Posse em Português*, in <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/dativo-etico-e-de-posse-em-portugues/29880> [acedido a 15-04-2019].

³² Cf. A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais”: “E mesmo que não tenhamos morrido, com a morte do Outro apercebemo-nos que algo de nós morreu com essa pessoa. Há coisas que nunca mais voltam.”

³³ J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, Quetzal Editores, Lisboa, 2009, 10.

³⁴ Cf. L. TOLSTOI, *A Morte de Ivan Ilitch*, Cardume Editores, Matosinhos, 1940, 57.

Morreste-me, o narrador reconstrói o que viveu com o pai, no hospital. Promete-lhe o impossível, o que não poderia cumprir. Agora, denuncia-o como uma mentira:

“Pousei-te as mãos nos ombros fracos. Toda a força te esmorecera nos braços, na pele ainda pele viva. E menti-te. Disse aquilo em que não acreditava. Ao olhar amarelo, ofegante, disse que tudo seria e seríamos de novo. E menti-te. Disse vamos voltar para casa, pai; vamos que eu guio a carrinha, pai; só enquanto não puder, pai; vá, agora está fraco mas depois, pai. Menti-te.”³⁵

O sujeito tinha noção de que a morte do pai estaria para breve. Contudo, optou por lhe esconder isso. O homem não tem o poder de dar a vida aos outros, nem mesmo de a manter. Mas como é complexo e árduo o caminho a trilhar!³⁶

3. O AMOR QUE MOVE MONTANHAS

O amor é conceito fundamental. José Luís Peixoto revela que a sua pequena obra maior explanando a gramática do luto, não deixa de ser sobretudo um livro sobre o amor.³⁷ A hora de partir é iluminada pelo ato de amar e saber-se amado. Peixoto assume-o como oportunidade para o fortalecimento do vivido. Como capacidade de agir para além da dor. Não há obstáculos intransponíveis para quem se dá. A morte será mesmo uma linha de silêncio intransponível?

³⁵ J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 11-12.

³⁶ O doente merece ter conhecimento do estado em que se encontra. Tem direito à verdade. A consciência de que algo lhe está a ser encoberto produz um mal-estar na relação com os outros e um maior sofrimento. Veja-se a reação de Ivan Ilitch: “O principal tormento de Ivan Ilitch era a mentira, aquela mentira, não se sabe porquê admitida por todos, que ele era apenas um doente e não um moribundo, e que bastava conservar-se calmo e tratar-se para tudo se arranjar. Ao passo que ele bem sabia que, fizesse-se o que se fizesse, o único resultado seriam sofrimentos ainda mais terríveis e a morte. E essa mentira atormentava-o; sofria por não quererem admitir o que todos muito bem viam, inclusive ele próprio, por mentirem obrigando-o a ele próprio a tomar parte naquela intrujice. Essa mentira que cometiam para com ele nas vésperas da sua morte, essa mentira que rebaixava o ato formidável e solene da sua morte até ao nível das suas visitas, dos seus cortinados, dos seus jantares, era atrozmente penosa a Ivan Ilitch.” [L. TOLSTOI, *A Morte de Ivan Ilitch*, 65.]

³⁷ Cf. J. L. PEIXOTO, Participação no Programa Televisivo *Ler Mais, Ler Melhor*, ver com especial atenção entre os segundos 2:34 e 3:10.

Em primeiro lugar, o escritor refere o amor à própria vida. Mostra esse agarrar-se com firmeza e fragilidade ao que nos é oferecido. O pai parecia viver deste modo: “(...) eu, teu filho, via-te ir ao tratamento e doía-me a vida, doía-me a vida que em ti se negava, a vida a gastar-te, ainda que a amasses, a vida a derrubar-te, ainda que a amasses.”³⁸ O amor é fonte de perseverança na adversidade. Em segundo lugar, é referido o amor aos outros. Por maiores que sejam as dificuldades de mobilização, o doente não desiste do encontro, porque verdadeiramente os ama: “Pai que te esforçavas a sair da cama, que aguentavas dores para estares minutos connosco, e nesse início de noite pegaste na tua neta.”³⁹ A fortaleza do pai é a prova de que o amor pressupõe o movimento. É um espasmo e um anti-espasmo. Encontra novas forças num lugar indeterminado. Rebusca o ânimo que parecia esgotado até ao fim. Perscrutando o enigma do amor, Santo Agostinho define-o como desejo de uma coisa por si mesma. O amor diz: “desejo que tu sejas”. Todo o seu ser está envolvido no empreendimento de ir ao encontro. Custe quanto custar. Porque o ente que se ama é tudo. A vontade do amante torna-se o seu motor. O *pondus*, que o faz tender para o amado.⁴⁰ Um peso que arrebatava a alma. Será isso o amor? Quem ama de verdade, tateia o enigma e o milagre.

4. “PAI, PERDER-TE”: O LUTO

Por fim, acontece o irremediável. Abre-se um fosso na vida do narrador. A obra descreve os momentos rituais que se sucederam: as exéquias, o cortejo de condolências e o enterro do corpo:

³⁸ J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 14.

³⁹ Cf. *Ibidem*, 35.

⁴⁰ Cf. SANTO AGOSTINHO, “Epistula 55”, X, 18, in *Obras de San Agustin: Cartas*, tomo VIII, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1951: “(...) aquilo para que tendem também os próprios corpos pelos seus pesos, tendem as almas pelos seus amores.” [Tradução da língua latina para a portuguesa da seguinte citação: “(...) nec aliquid appetunt etiam ipsa corpora ponderibus suis, nisi quod animae amoribus suis.”]

“E a Capela de São Pedro cheia de gente a abraçar-me, cheia de gente a dizer-me coitadinho e os meus pêsames e sinto muito, cheia de gente a procurar-me e a querer agarrar-me e prender-me e dizer coitadinho e os meus pêsames e sinto muito. Pai. Perder-te.”⁴¹

Uma vez caído nesse abissal labirinto de dor, toda a palavra sufoca. O silêncio é o mais desejado. Tudo o que os outros lhe pudessem dizer seriam simples balbucios abandonados ao vento. Verifica-se uma diferença substancial entre o impacto da morte no enlutado e nos outros. Era essencial um espaço para estar só, naquela dor indecifrável que apenas o próprio abraçaria até ao fim. Até para lá do fim.

4.1. A Contemplação de um Corpo

O sujeito que narra reflete as últimas imagens do pai. Descreve o corpo morto, prestes a sepultar: “Lívido na luz trémula das velas, arranjadinho, penteado com água, vestido com o fato que usaste no casamento da minha irmã: o teu corpo gelado.”⁴² A sensação de frio é a consciência do corpo inanimado. O calor da vida já não se encontra ali. A morte é gelo que subsiste. É um continente inteiro gelado. Uma Antártida íntima, inominável. Quem o poderia supor, olhando a quietude: “E o trabalho das tuas mãos grossas ásperas, suaves ternas para mim, repousava, repousavam uma sobre a outra.”⁴³ Na verdade, do repouso daquelas mãos brota a razão de uma luta, que recupera para o teatro sensorial todos os vestígios da vida: “E oiço o eco da tua voz, da tua voz que nunca mais poderei ouvir. A tua voz calada para sempre.”⁴⁴ O sensacionismo do autor surge como uma reflexão sobre o amor humano. Tudo o que é experiencial no contacto com o outro, por meio do tato, da visão ou da audição, evidencia um sentido mais profundo, psicológico e espiritual. É a certeza de que o amor envolve a plenitude do ser humano, corpo e alma, presença e ausência.

⁴¹ J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 17-18.

⁴² *Ibidem*, 17.

⁴³ *Ibidem*, 27.

⁴⁴ *Ibidem*, 21.

Como forma de gratidão, o sujeito da novela dispôs-se a levar o féretro até ao lugar da sepultura. Uma vez mais, aprofunda a sensação por meio do tato, quando diz que ao levantar o caixão sentiu que o peso lhe dizia “coisas de pai”⁴⁵. O ato de tocar despertava nele as memórias. E mais uma vez a visão: “E a terra sobre ti, a terra a cair sobre ti, a terra.”⁴⁶ Esta repetição da palavra “terra”, como se a travasse, como se a retardasse indefinidamente, fotografa aquele momento atroz. É a última de todas as despedidas: o adeus ao corpo. Depois, o desaparecimento do homem está consumado. Tudo o que dele resta no mundo, onde resta?

4.2. Memória vs Esquecimento

José Luís Peixoto traz à reflexão o tema da memória. A lembrança da pessoa mantém-se presente. Permanece a sua imagem, os seus traços e feitos marcantes. Este conceito é minuciosamente explorado por Santo Agostinho, que descreve assim o seu passeio pelas planícies e palácios da memória:

“Ali está escondido tudo quanto pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo as coisas que os sentidos atingiram, e ainda tudo aquilo que lhe tenha sido confiado e ali depositado, aquilo que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou.”⁴⁷

Os sentidos fazem a captação da experiência sensorial. A inteligência humana processa esses dados e o conhecimento é produzido. O lugar de armazenamento é a memória. Aí se poderá procurar tudo quanto já se tenha sentido outrora. São múltiplos os vestígios do passado e do presente que ela conserva e que moldam a sua forma atual: “o tempo, as

⁴⁵ J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 52.

⁴⁶ *Ibidem*, 53.

⁴⁷ SANTO AGOSTINHO, *Obras de San Agustin: Las Confessiones*, tomo II, X, VIII, 12, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1946. Tradução da língua latina para a portuguesa da seguinte citação: “Ibi reconditum est, quidquid etiam cogitamus, vel augendo vel minuendo vel utcumque variando ea quae sensus attigerit, et si quid aliud commendatum et repositum est, quod nondum absorbit et sepelivit oblivio.”

emoções, os sentimentos, vivências, imaginação”⁴⁸. As imagens amadas permanecem. É certo também que muitas das informações conservadas tornam-se inúteis. O sujeito não as retoma. Outras deixam de o ser utilizadas por longo período de tempo. Agostinho revela o fenómeno que sucede a tais dados: o esquecimento. A ausência de memória. Como se uma informação nunca tivesse existido para o sujeito. O narrador de *Morreste-me* refere o espaço comum a todas as povoações, que permite salvaguardar a memória dos defuntos. Trata-se do cemitério, uma geografia para a memória. Na sepultura, a lápide perpetua os dados essenciais e por vezes a imagem do rosto.⁴⁹ O sujeito visita a campa do pai e junto dela o recorda. A sepultura é o lugar que guarda uma parte intrínseca da essência humana: o corpo. É a morada onde o pai agora habita, como que a dormir.⁵⁰ Philippe Ariès aborda a importância do cemitério como lugar de encontro:

“Vai-se então visitar o túmulo de um ente querido como se vai a casa de um familiar ou a uma casa própria, cheia de recordações. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade (...).”⁵¹

A lembrança que se conserva do defunto é o meio descoberto pelo homem contemporâneo para o sufragar. Ainda que tenha cortado as suas ligações com a ritualidade religiosa, o enlutado descobre na visita regular ao cemitério a sua forma de culto. Sente-se responsável pelo cuidado da sepultura e enfeita-a com ramos de flores. Cria assim um “culto da recordação”⁵². Mais do que um encontro no íntimo do ser, a memória exterioriza-se numa ação litúrgica, porque cultural. Efetiva-se em gestos e ritos, empreendidos, presididos pelos entes mais próximos. Esta forma de sufrágio secularizado surge nos meandros do positivismo,

⁴⁸ J. C. COELHO, *As Raízes Terrenas do Perdão em Hannah Arendt*, in http://www.lusosofia.net/textos/coelho_jose_as_raizes_terrenas_do_perdao.pdf [acedido a 11-01-2019], 8.

⁴⁹ Cf. J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 52: “Cheguei onde sei que estás, onde ficas, ficaste; onde estás, sob uma campânula de tempo cristalizado, tempo que não passa, mármore. Tem o teu nome, pai. O teu nome importante, pai. Escrito para sempre, como as nuvens, como as coisas que não morrem. E o teu rosto esmaltado olhou-me muito. (...) Pai, debaixo do teu nome o dia em que nasceste, o dia em que morreste.”

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 51: “Ao longe, o desenho da tua cama de pedra, última, o teu altar singelo. E fui por uma vereda de campas, sempre a olhar-te. A andar sem ver, a seguir uma linha, a ver-te. És brilhante entre os que dormem. Pai.”

⁵¹ P. ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente*, 50.

⁵² *Ibidem*, 50.

no século das Luzes. O cemitério tornou-se lugar de visita da sociedade em geral. Os próprios católicos, alheios à mentalidade positivista, absorvem esta prática.

A morte deixa um vazio no tecido dos afetos e relações. Porque, toda a pessoa é insubstituível, fica sempre um espaço por ocupar. O desequilíbrio da ausência identifica-se nos papéis que seriam exercidos. Em algumas situações, correspondem a funções essenciais na vida do grupo.⁵³ Falta uma peça fundamental para que o mecanismo funcione: “Mas eu sei, pai. Perderam-se as leis contigo. Perdeu-se a ordem que trazias. Pai.”⁵⁴ A morte instaura um hiato. A sociedade terá que se recompor e dar continuidade à sua existência. As recordações do defunto dissolvem-se como processo natural de uma memória coletiva. São conservados os factos mais marcantes, numa construção da História. Com a morte, paira sobre o ser humano uma constante ameaça de se perder no tempo. O narrador chega a dizê-lo a respeito do pai: “Atravessamos uma vila, já perto da nossa, esta vila de casas brancas, esta vila que conhecias e onde te conheciam. Atravessamos esta vila deserta onde todos te esqueceram.”⁵⁵ O esquecimento está consumado. A memória perdurará sobretudo nos que são mais próximos. Combaterão o esquecimento, que soa como insensibilidade do mundo:

“Pai, ter a tua memória dentro da minha é como carregar uma vingança, é como carregar uma saca às costas com uma vingança guardada para este mundo que nos castiga, cruel, este mundo que pisa aquele outro que pudemos viver juntos, de que sempre nos orgulharemos, que amámos para nunca esquecer.”⁵⁶

Impõe-se a distinção entre duas dimensões da memória: a coletiva e a pessoal. O sujeito enlutado distingue-se pelas experiências que viveu e pela bagagem emocional recolhida. A sua síntese do passado é única, talvez mesmo intraduzível, mas constitui um

⁵³ Cf. J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 38; 44: “Faltava em nós o que aprendemos de ti, a força.”; “Pai, a casa é esta noite negra, fria sem a segurança maior que era tua e nos davas. Agora, o medo. Entraste na morte e já não podes voltar para me proteger.”

⁵⁴ *Ibidem*, 28.

⁵⁵ *Ibidem*, 31-32.

⁵⁶ *Ibidem*, 58.

verdadeiro património pessoal. Neste sentido, o narrador da novela avança para a frente de combate em que o esquecimento se eleva como o maior dos adversários. Serve-se da arma pobre e poderosa que possui: o próprio relato. Para perpetuar a memória de alguém o mecanismo mais eficaz, é o relato, preservar a identidade narrativa, subtraí-la à obliteração do tempo. A escrita torna-se um tabernáculo para a memória.⁵⁷ O escritor alentejano constituiu *Morreste-me* como obra literária de empecilho. Não permite que as portas do esquecimento tranquem para sempre a pessoa de José João Peixoto, seu pai.

A memória de filho tatua na carne a saudade, essa intensificação emocional com que se cobre a carência: “Há o sol que partilhámos mil vezes e que agora não te aquece, que agora não me aquece. Pai.”⁵⁸ Com a morte do outro, há algo que morre também na própria pessoa. O lugar que fica vazio não é apenas externo ao ser, mas psicológico, íntimo e espiritual. O sujeito deseja ardentemente encontrar-se, reencontrar-se. No meio da penumbra, encontra uma solução: manter ininterrupto um diálogo, através da perscrutação da sua memória:

“Vou. Parto para o que sobra de ti e tudo são resquícios do que foste. Parto de ti, viajo nos teus caminhos, corro e perco-me e desencontro-me no enredo de ti, nasço, morro, parto de ti, viajo no escuro que deixaste e chego, chego finalmente a ti. Pai.”⁵⁹

Segundo o imaginário de Agostinho de Hipona, Peixoto vasculha pela mansão da sua memória em busca daquele que ama. Penetra as mais profundas divisões e cavernas, onde chega à pura verdade. Na recuperação das pequenas recordações, o narrador vai desbravando o caminho para se encontrar com ele. No fundo, o trilho percorrido por Peixoto em muito se assemelha ao esquema agostiniano. Procura-se o amado, pela perscrutação da memória. Agostinho almejava o encontro com Deus. No texto de Peixoto, o encontro com o pai.⁶⁰ É

⁵⁷ Cf. J. C. COELHO, *As Raízes Terrenas do Perdão em Hannah Arendt*, 8.

⁵⁸ J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 30.

⁵⁹ *Ibidem*, 25-26.

⁶⁰ Atenda-se às semelhanças do itinerário agostiniano em comparação com a citação anterior, da obra *Morreste-me*: “Eis quanto me alonguei na minha memória, procurando-te, Senhor, e não te encontrei fora dela. Nem de facto encontrei coisa alguma a teu respeito que não tivesse recordado, desde que te aprendi. Na verdade, desde

certo que tudo o que o sujeito da novela avista na sua demanda serão sempre imagens.⁶¹ Contudo, na imagem paterna viva, ele sente o consolo, em tempo de angústia. Embora não seja já possível o encontro na sensorialidade da vida, ele continua vivo no universo da memória, lugar da não-mortalidade.⁶² No ontem não perdido, o sujeito encontra refúgio. Recorda o quintal que o pai plantou e cuidava assiduamente. Lembra-se do apoio para aprender a conduzir. Recorda as histórias que em pequenino lhe contava. No fundo, compreende que muito daquilo que aprendera na vida se deveu ao empenho do seu educador.⁶³ Menciona a expressão usada pelo pai para lhe dizer que pusesse mãos à obra: “Orienta-te, rapaz.”⁶⁴ Na dor, a frase paterna surgiria como um alento para se dispor a combater a desordem existencial que a sua morte acordara. Seria como que um apelo a perseverar. A seguir em frente.

5. “IMPOSSIVELMENTE MORTO”: TÉNUE ESPERANÇA

Numa entrevista de 2001, ao *Diário de Notícias*, José Luís Peixoto afirma: «Repito várias vezes, nesse texto [*Morreste-me*], a expressão “Nunca mais”. A morte é isso: “Nunca

que te aprendi, não me esqueci de ti. Onde de facto encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, a própria verdade, a qual, desde que aprendi, não esqueci. Por isso, desde que te aprendi, permaneces na minha memória e nesse lugar te encontro, quando me recordo de ti e me deleito em ti. Estas são as minhas santas delícias, as quais me deste, pela tua misericórdia, volvendo os olhos para a minha pobreza. [Texto original em latim: “Ecce quam spatiatus sum in memoria mea quaerens te, Domine, et non te inveni extra eam. Neque enim aliquid de te inenio quod non meminissent, ex quo didici te. Nam ex quo didici te, non sum oblitus tui. Ubi enim inveni veritatem, ibi inveni Deum meum, ipsam veritatem, quam ex quo didici, non sum oblitus. Itaque ex quo te didici, manes in memoria mea, et illic te inenio, cum reminiscor tui et delector in te. Hae sunt sanctae deliciae meae, quas donasti mihi, misericordia tua respiciens paupertatem meam.”] SANTO AGOSTINHO, *Las Confessiones*, X, XXIV, 35.

⁶¹ Cf. *Ibidem*, X, XV, 23.

⁶² Cf. A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais”: “Quem perde um pai ou uma mãe, nunca deixa de os ter. A morte não nos leva tudo. Não há uma ânsia de passar as coisas para um ponto de não-mortalidade, elas já lá estão.”

⁶³ Cf. J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 32-33: “Sim, pai, conseguiste. Conseguiste tudo. Deste-me o que tenho. Construíste-me e construístes esperança no que tocaste.”

⁶⁴ *Ibidem*, 13.

mais”.)»⁶⁵ A partida do outro consoma a absoluta ausência sobre a terra. Quererá isto significar um adeus eterno?

Surge pela boca do filho um grito que denuncia a morte: “E pensei não poderiam os homens morrer como morrem os dias?”⁶⁶ A pergunta retórica formulada de outro prisma resultará em: porque razão a vida ao terminar não dá lugar a uma nova existência. Outra expressão sugere algo de semelhante: “E tu, já sem passado, perdido nele e a partir dele a seres dor e palavras, chuva e noite. Tu impossivelmente morto. Pai.”⁶⁷ Parece insinuar-se no narrador uma ténue esperança. A narrativa termina da seguinte forma: “E espeta-se-me no peito nunca mais te poder ouvir ver tocar. Pai, onde estiveres, dorme agora.”⁶⁸ É interessante como recupera os três sentidos anteriormente apresentados: a audição, a visão e o tato. Ainda no desenho de uma negação (“nunca mais te poder ouvir ver tocar”), mas que não deixa de ser uma reposição de sentidos.

O pai pode repousar em paz, após o tormento da enfermidade. Repousar num lugar desconhecido, indefinido. Leia-se a seguinte citação: “Não te posso esconder, depois de ti, ainda há tudo isto, toda esta sombra e o silêncio e a luz fina que agora és.”⁶⁹ Por várias vezes, ao longo de *Morreste-me*, o narrador nomeia uma “luz fina”. A que se refere? Por entre a escuridão do ambiente retratado, brota uma centelha. Significa o próprio pai. O pai tornou-se esta “luz fina”, que dissipa todo um espaço mergulhado no negro.

Um aspeto ainda a considerar prende-se com o que afirma Maria Luísa Falcão a respeito desta mesma obra literária: «Uma das coisas mais belas deste livro é que todo ele é um “monólogo em diálogo” com o pai, e não um solilóquio perdido nas reminiscências de um passado morto.»⁷⁰ Porque esta obra consiste num “monólogo em diálogo”, vemos o narrador

⁶⁵ A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais”.

⁶⁶ J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 19.

⁶⁷ *Ibidem*, 27.

⁶⁸ *Ibidem*, 60.

⁶⁹ *Ibidem*, 22.

⁷⁰ M. L. FALCÃO, “*Morreste-me*: Recensão”, *Communio* 4 (2009) 484.

a aproximar da vida e não do mutismo da morte a figura paterna, do princípio ao fim. Na nossa perspectiva, é pouco plausível que estas palavras estejam só direcionadas para um ente que já não existe. Como afirma Maria Luísa Falcão, o sujeito não se deixa aprisionar nas “reminiscências de um passado morto”. É verdade que Peixoto assume a dificuldade em pensar um futuro *post mortem*.⁷¹ Mas como classificar esta nova existência, esta condição de “luz fina” que permite ainda o diálogo, depois do recolher das palavras?

PASSAGEM DE TESTEMUNHO

A investigação sobre a primeira obra do escritor introduz-nos a observações várias e a um tema central: o amor.

Primeira observação: a ignorância induz o homem a viver como se os seus dias sobre a Terra fossem eternos. O retardamento na meditação da finitude humana não permite uma preparação para a partida do outro. Falta-nos uma educação em vista do morrer. Todavia, a morte é acontecimento de inegável evidência. O homem merece a verdade.

Segunda observação: o corpo morto narra uma história. Revela-se inanimado só na aparência ou em parte. Uma absoluta ausência que é interrogada. De forma imprópria se chama ao morto por defunto. Defunto significa: não funciona. No entanto, o corpo é parte intrínseca da essência humana. Única realidade que os sentidos ainda podem verificar. O sujeito pode visitá-lo no lugar do seu repouso, a sepultura. E rebuscá-lo dentro de si.

Terceira observação: a memória torna-se o lugar privilegiado de encontro. As recordações contêm a figura do ente e tornam-no suscetível de ser contemplado. A dinâmica da evocação e da escrita permite criar um diálogo com a pessoa que partiu. Extravasa assim o sentido de um unívoco monólogo. Com a morte podemos dialogar. Verdadeira conversa de

⁷¹ Cf. A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais”: “[A morte é] O fim, para mim. Não imagino para lá da morte. Essa é a minha impotência e a minha angústia, porque não sou religioso e não tenho crenças esotéricas.”

vivos. Como se a parte ausente pudesse escutar a palavra, no lugar que agora habita. Como se a parte presente pudesse escutar o silêncio.

Para o autor, na novela *Morreste-me*, estão condensadas em gérmen as linhas que haveriam de ser desenvolvidas nas suas obras seguintes⁷², que estudaremos de seguida: *Nenhum Olhar* e *Uma Casa na Escuridão*. A ideia transmitida pelo título, *Morreste-me*, permanecerá como um conceito referencial de Peixoto. Na passagem ao estudo das novas obras, procuraremos os sinais do primeiro livro e a evolução do pensamento do autor.

CAPÍTULO II – NENHUM OLHAR

Nenhum Olhar foi o primeiro romance de José Luís Peixoto e com ele o escritor venceu o Prémio José Saramago, no ano 2001. É um tesouro a perscrutar no trabalho que temos em mãos. Começemos por resumir a narrativa.

O primeiro romance de Peixoto está dividido em duas partes, que funcionam numa certa simetria. O cenário é a planície alentejana. Sufocante pelo calor do verão. No Livro I, surge José como protagonista. Vive com a mulher, no Monte das Oliveiras. Há entre eles uma relação distante, embora este declare amá-la. Desconfia ser traído por ela e duvida da paternidade do bebé que ela carregava no ventre. A chuva de calamidades em que estava submerso leva-o a pôr fim à vida. Apresentam-se, em seguida, os dois gémeos siameses, Moisés e Elias, unidos um ao outro pelo dedo mindinho. Moisés era casado com a cozinheira da casa dos ricos e goza de uma vida feliz. Morre envenenado. A consciência da separação face ao irmão tem um tal impacto em Elias, que o leva a morrer por desgosto. A cozinheira

⁷² Cf. D. ZUPPO, Entrevista a José Luís Peixoto no programa brasileiro *Agenda*, in <https://www.youtube.com/watch?v=E2UgZUuDiU&t=176s> [acedido a 15-04-2019], ver com especial atenção entre os segundos 2:40 e 2:57).

cai em desespero e enlouquece. Aparece ainda o velho Gabriel. Um ancião que acompanha o percurso de todas elas e deseja o seu bem.

No Livro II, tem especial relevo a figura de José, o filho do antigo protagonista. Esconde um amor com a filha de Moisés e da cozinheira, casada com o seu primo Salomão. Chega a ser confrontado pelo primo. O mestre Rafael, carpinteiro, desposa a prostituta cega e vivem um casamento feliz. Durante o parto, a mãe não resiste e perde a vida. A bebé é dada à luz já morta. Aniquilada a sua razão de viver, o mestre Rafael suicida-se. Gabriel, que parecia predestinado a viver eternamente, vê chegar o fim dos seus dias. É referida uma personagem misteriosa, transversal a toda a obra: um homem fechado num quarto sem janelas a escrever. Satanás é também figura presente na narrativa. Tenta as personagens e empurra-as para aquilo que as destrói.

Em *Nenhum Olhar*, tem continuidade a narrativa sobre a morte e o luto iniciada em *Morreste-me*. Patenteiam-se vários pontos de conexão com a Sagrada Escritura. As personagens têm nomes bíblicos e as situações em que se inserem evocam os seus correspondentes escriturísticos.⁷³ Perscrutemos o romance.

1. UM DIA MORRERÁS: A EFEMERIDADE DA VIDA

A única certeza que o homem pode ter acerca da sua existência é que um dia perecerá. Não adianta fugir a uma verdade que se lhe impõe. O autor serve-se da literatura como

⁷³ Cf. M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar*, 24. Maria de Lurdes Lopes Pinho explana vários traços bíblicos de *Nenhum Olhar*. O velho Gabriel, com mais de cem anos, está presente ao longo de toda a narrativa. É imagem do anjo Gabriel, no acompanhamento das personagens e no zelo pelo seu bem. A cozinheira, que engravida com mais de setenta anos, estaria associada a Isabel (Lc 1, 5-25). O caminho arenoso entre a casa dos ricos e a vila é o espaço onde Satanás tentava José e Salomão, com a ideia de que eram traídos pelas suas mulheres. Lembra o deserto da Judeia, onde Jesus foi tentado por Satanás (Mt 4, 1-11; Mc 1, 12-13; Lc 4, 1-13). Moisés e Elias, os gémeos siameses, recordam as duas personagens veterotestamentárias, que apareceram junto a Jesus, na Transfiguração (Mt 17, 1-9; Mc 9, 2-10; Lc 9, 28-36). [Cf. M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar* (2000), de José Luís Peixoto, 32-33.]

instrumento para pensar a morte de forma incarnada. O medo é um inimigo a superar. O caminho é olhar a fragilidade humana, a sua finitude. Esmiuçar a morte.⁷⁴

O narrador, recorrendo ao paroxismo do ambiente, dá a entender que a morte é caminho de passagem necessária. Acentua-se a efemeridade da vida: “(...) mais cedo ou mais tarde, também tu, mulher que quis mais que tudo, morrerás, e tu, filho meu, morrerás.”⁷⁵ O itinerário do ser humano é um progressivo declínio. Chega depressa para todos a hora de reconhecer que o tempo de morrer está para breve. É o caso do pai de José, no Livro I:

“Antes de sair da vila, fui ter com o pai do José. No quintal da filha, o pai morto do José estava sentado diante da capoeira, vivo. Reconheci-o vivo, porque o seu peito oscilava lento, preso a uma respiração que não era sua, porque a sua abandonara-a há muito tempo, tempo que para ele parecia anos, pois o pai do José é um homem morto, parado na eternidade, e na eternidade, sem fim e sem princípio, um segundo é eterno, e o tempo a passar na eternidade são eternidades sucessivas.”⁷⁶

A pessoa, na velhice, corre o risco de se submergir na solidão. Vive num mundo seu e que é para os outros difícil de penetrar. Refugia-se nas memórias do passado, nas alegrias sentidas, nos erros cometidos. Na perda das capacidades, torna-se dependente dos outros. Fica ao cuidado dos filhos como outrora cuidou deles.⁷⁷ Ao contemplar o seu estado presente a perda da dignidade. Pode considerar que a sua vida foi inútil. Todo o seu trabalho, noite e dia, de nada serviu. Total ausência de sentido na existência. O velho Gabriel vive cerca de cento e cinquenta anos. É uma figura que acompanha as várias gerações de personagens, com as quais partilha a sua sabedoria. Quase imortal. No entanto, também para ele a vida chega ao fim. Entregou-a como que “por resignação”⁷⁸. No *Livro II*, José afirma que a sua mãe permanece quieta junto ao lume, no silêncio e na solidão. Esperava a morte. Final não menos

⁷⁴ Cf. A. M. GASTÃO, “O Mal em Coabitação com o Amor”, 38.

⁷⁵ J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, Quetzal Editores, Lisboa, 2010, 81-82.

⁷⁶ *Ibidem*, 75.

⁷⁷ Cf. M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar*, 73.

⁷⁸ J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 213.

desesperante que o infortúnio dos seus passos.⁷⁹ É a demonstração recorrente da resignação humana, face ao fantasma da sua hora.

Conscientes da sua finitude, as personagens preparam-se para a partida. A obra dá-nos conta de várias com desejos a cumprir, antes que a vida chegue ao termo. O alfaiate agracia Moisés e Elias com uma oferta. O que de melhor podia brotar das suas mãos:

“Eu e o meu irmão vestimos o nosso fato mais novo e o nosso casaco com botões da marinha que foi a última peça que o alfaiate fez antes de morrer, porque não quis morrer sem nos deixar um fato completo para as ocasiões de cerimónia...”⁸⁰

O cumprimento da missão antes de morrer é um certo lenitivo, permite um sentimento de paz. Por fim, a pessoa entrega-se ao repouso. Impõe-se ainda a imagem do pai dos gémeos. No seu leito de morte, contemplava os filhos com alegria. Sentia-se saciado com a família que construía.⁸¹ Deu cumprimento à sua missão.

2. “SOU O LUGAR ONDE A MORTE ESTÁ”: TEMPO DE MORRER

A morte comporta a tristeza do inexplicável e desconhecido. Cava a marca da solidão naqueles que atinge. *Nenhum Olhar* manifesta a densa escuridão de uma morte que parece ser o ponto final. Tudo termina. O sofrimento passado em vida não é remediado. Mantém-se: “A morte pareceu-me simples. Sob a manhã, sob a claridade a enganar-me de propósito, a morte pareceu-me um sofrimento igual ao de viver, olhando um novo dia, sabendo tudo o que sei.”⁸² Morrer é a concretização do triste destino humano.

⁷⁹ Cf. J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 215.

⁸⁰ *Ibidem*, 42.

⁸¹ *Ibidem*, 92.

⁸² *Ibidem*, 204.

Por fim, chega a morte. As personagens perecem e o narrador detém-se na descrição do momento, avizinhando-se progressivamente. É o caso da mãe de José, o protagonista do *Livro I*, a qual sofrera de cancro. A enfermidade alastrou por todo o seu corpo até determinar a morte.⁸³ A fragilidade do ser humano resolve-se também em mortes repentinas.⁸⁴ Simples incidentes levam a que a vida pereça. Quanta fragilidade cabe na nossa existência!

Narra-se de forma detalhada a morte de Moisés. Fareja-se a sua proximidade. Despontam nos gémeos as memórias de quanto viveram juntos. Invade-os uma saudade prematura pela evidência de não se tornarem a ver. Iniciam-se as manifestações corporais:

“(...) as tripas de Moisés incendiaram-se de um fogo bravo, todo construído de uma asfixia avassaladora, um fogo e uma luz a cavarem-lhe buracos na barriga, a abrirem-lhe cortes de machado na barriga (...)”⁸⁵

Após essa tremenda agonia, Moisés cai morto.

Maria de Lurdes Lopes Pinho repara no facto de que muitas das personagens do romance não têm nome. Existem também várias cujo primeiro nome é o único a ser pronunciado. Não há apelidos. Contudo, quando Moisés perece, a morte surge associada à sua identidade: “A cozinheira viúva, o Elias e o Moisés morto, passaram a noite sós e em silêncio.”⁸⁶ Este “designador disfórico” salienta o contraste entre a vitalidade que outrora existia e o cadáver que agora sobeja.⁸⁷

Faz-se igualmente referência à morte decidida e provocada: o suicídio. José, no *Livro I*, escutando o desespero em que a sua vida se tinha mergulhado, recorre à forca.⁸⁸ O mestre

⁸³ Cf. J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 34.

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 161; 164: “Disse que o pai dele tinha morrido com o coice de uma mula nas têmporas, isso eu já sabia, e disse que lhe tinha arranjado um lugar na serração do mestre Rafael, onde ainda trabalhava.”; “O cabo do martelo tinha o tamanho do braço de um homem, e a cabeça do martelo era feita de um aço especial, com uma liga metálica que tinha sido segredo há muitas gerações e que se extinguiu para sempre quando um martelo, como aquele, acertara na cabeça do último filho do ferreiro, esmagando-lha instantaneamente.”

⁸⁵ *Ibidem*, 94.

⁸⁶ *Ibidem*, , 103.

⁸⁷ Cf. M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar*, 57.

⁸⁸ Cf. J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 114-115.

Rafael suicida-se na serração, porque não contém a dor de ver a mulher e a filha mortas.⁸⁹ A angústia de uma vida destruída na sua raiz, conduz a um desejo do aniquilamento de si.

3. “OLHAR DE UMA ESCURIDÃO INTENSA”: O LUTO

O luto problematiza a perda de um vínculo.⁹⁰ Aquele que amamos desapareceu sobre a terra. Tal experiência tem a força de um sismo e a devastação de uma tragédia.⁹¹ O sentimento profundo de perda é acompanhado pela dor da solidão. É essencial o dom das lágrimas derramadas, tingidas pela saudade tão humana, pela cratera que se rasgou dentro do pequeno coração de um homem.

3.1. Luto de Todos, Luto só Meu

Quando um ser humano morre, dá-se lugar a um luto ritual. Com a morte de Moisés, procura-se o cuidado e o respeito pelo corpo defunto. Este fora transportado para casa numa carroça. O facto dos corpos mortos serem colocados em cima da cama mimetiza dolosamente o descanso eterno. O homem como que dorme, agora em paz.⁹² Uma vizinha encarrega-se de levar para sua casa a filha bebé de Moisés, para que ela não tenha contacto próximo com aquele momento. Alargam-se distâncias entre as crianças e a morte, como se nada tivesse a ver com elas. De seguida, o corpo foi lavado e vestido com o fato de cerimónia. Penteou-se o cabelo. No início do dia seguinte, um grupo de mulheres juntou-se na casa onde se encontrava

⁸⁹ Cf. J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 191.

⁹⁰ Cf. J. C. JESUÍNO & C. C. OLIVEIRA, “Introdução”, in J. C. JESUÍNO & C. C. OLIVEIRA (orgs.), *Do Luto*, Axioma, Braga, 2016, 1.

⁹¹ Cf. J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 19: “O seu enterro foi seguido por toda a vila e sentido como uma tragédia entre as maiores.”

⁹² Cf. *Ibidem*, 131: “Diante do seu corpo, no seu velório, Salomão pensava que a mãe o tinha deitado na cama, como fazia todas as noites, e não percebia porque vinham as pessoas vê-lo, e diziam coitadinho, e sussurravam foi uma caridade.”

o corpo para o velório. Ao chegarem, dão aos familiares enlutados os seus pêsames e sentam-se para acompanhar.⁹³

O luto prestado pela sociedade é complementado por uma dimensão pessoal, no íntimo de quem mais sofre a perda. Adensa-se entre os familiares e amigos do defunto. Dedicam-se ao cuidado da sepultura, como se visita alguém em sua casa. Garante-se a memória pela ida aonde se conservam os últimos vestígios da existência. Guarda-se o costume de vestir roupa escura. Tudo isto é a prática de um luto que envolve todo o ser. Desde o sentimento até à manifestação.⁹⁴ O encontro com o defunto tem continuidade na memória, conforme analisámos em *Morreste-me*. Atenda-se às reações de Salomão à morte do amigo:

“E, no entanto, ao recordar o mestre Rafael, só o consigo recordar vivo: a olhar-me, a falar, a dizer-me coisas. Recordo-o, mas a sua morte é invisível, pesa como uma certeza sobre o sítio onde tudo isso acontece ainda, onde o mestre Rafael me olha, fala, onde o mestre Rafael me diz coisas.”⁹⁵

A tristeza introduz o enlutado num alargado estado de melancolia. O conjunto de emoções e sentimentos próprios da experiência de perda. Não se trata de uma angústia patológica. Porque a ausência do outro é compreendida e, conseqüentemente, aceite. Interiorização salutar. Ao contrário do que a cultura hodierna procura induzir, a melancolia não se opõe à vida. Antes a potencia, como ferramenta criativa.⁹⁶ Um exemplo é a organização dos vestígios conservados na mente, pela qual se constitui a memória do falecido. Por intermédio das recordações, torna-se possível um encontro. A mulher de José, no Livro I, transmite a capacidade de ver o invisível: “Quando chegava ao telheiro, lá estava o meu pai a olhar-me como me olhou antes de morrer, fechado num silêncio de não poder dizer o que

⁹³ Cf. J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 95-97.

⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 17: “Sob a camisa negra de um luto muito negro, tinha o branco grosso da camisola interior, tinha a pele acastanhada.”; Cf. *Ibidem*, 26: “Enrolada no xaile negro do meu luto (...)”.

⁹⁵ *Ibidem*, 198.

⁹⁶ Cf. J. C. JESUÍNO & C. C. OLIVEIRA, “Introdução”, 2.

sentia e a dizê-lo num olhar mudo.”⁹⁷ José descreve a mãe conservando o carinho que ela irradiava: “A minha mãe, a mandar-me aviar recados à vila, a dar-me beijos, a morrer na cama, viva, morta, no caixão, a contar-me contos no quintal.”⁹⁸ As duas citações revelam a força sensorial que as memórias podem conter: ver o pai; ouvir as suas palavras implícitas no olhar; escutar os recados da mãe ou as suas histórias; o toque que um beijo implica; observar a mãe acamada. A memória é sempre viva.

3.2. “Morreste-me”

Em *Nenhum Olhar*, mantém-se a intensidade da expressão “Morreste-me”. As personagens que presenciam a morte de uma pessoa amada, sentem que algo nelas perece também. Elias manifesta o seu sofrimento no momento da partida do irmão gémeo: “Pelo dedo que nos une, a tua morte tem avançado para dentro de mim como uma doença a querer progredir.”⁹⁹ Transparece uma vinculação essencial entre as pessoas. A morte de Moisés é devastadora no íntimo do gémeo. Apesar de a vida ainda correr nas suas veias, Elias sente a morte apoderar-se do seu ser. A essência da vida é a presença daquele que se ama. Elias morre por desgosto, no tempo do seu luto. O seu corpo é enterrado com o de Moisés.

A mãe de José, no *Livro II*, incarna o “Morreste-me”. O marido tinha-se suicidado. A sua vida vê-se envolta em escuridão, sem esperança de remédio:

“Era o seu olhar o de um cadáver. A pele era branca, branca a sobressair do preto profundo do seu luto. Era o seu olhar de uma escuridão intensa.”; “E fica, encolhida num luto noturno, hipnotizada, como se o seu corpo pequeno e magro e fraco e frágil absorvesse todo aquele fogo, como se vivesse num inverno que não termina, como se estivesse frio.”¹⁰⁰

⁹⁷ J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 24.

⁹⁸ *Ibidem*, 113.

⁹⁹ *Ibidem*, 99.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 136; 153-154.

A mulher é comparável a um cadáver. Ela vive. Mas uma parte de si morreu na forca da azinheira. Personagem absorta no sofrimento. Encara a perda com angústia tal que se apresenta como a personificação do luto. A culpabilidade é peso que esmaga. Os seus olhos não projetam coisa alguma senão aquele que desapareceu. A sua imagem permanece sufocante. A cozinheira, tomada de angústia pelo falecimento de Moisés e do irmão, enlouquece. Perde a noção de quem é. Também ela se quebrou naquele dia.¹⁰¹ O mestre Rafael cai em profundo desespero. A observação da sua bebé morta ao nascer, fá-lo sentir-se morto. Não suporta o sofrimento e põe termo à vida.¹⁰²

Três experiências de trauma na situação de perda: a mãe de José, a cozinheira, o mestre Rafael. Principalmente a mãe de José apresenta sintomas de uma alteração psíquica que lhe escurece a alma e a impede de viver em liberdade. A imagem incessante que se impõe ao olhar interno: a figura do marido. Sigmund Freud chama-lhe de compulsão da repetição. Um excesso de memória. Uma obsessão com o passado. Como resposta, Paul Ricoeur sugere um uso crítico da memória: expor o depósito de recordações que o sujeito conserva, através de uma narrativa ou do diálogo com alguém e não só observar a realidade do seu ponto de vista. Há-de lê-la igualmente segundo a perspectiva do outro, daquele que morreu. É verdade que aquilo que passou está trancado em si mesmo. Não há como mudar. Todavia, é sempre possível alterar o seu significado. Os factos vividos estão abertos a novas interpretações. É possível resolver ainda aquilo que mais nos atordoia. Naturalmente, sucederá um esquecimento salutar. O sujeito encontra a liberdade na sua mente e descobre um novo rumo. Uma concretização das promessas que o passado deixou por cumprir. Este esquecimento não corresponde ao que Peixoto denunciava como ingratidão do mundo. Trata-se, outrossim, de

¹⁰¹ Cf. J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 181: “A cozinheira viúva, como uma defunta que falasse, dormia e sussurrava a sua história sem fim a um canto da cama.”

¹⁰² Cf. *Ibidem*, 189: “E aquele peso que sentia no braço era o peso da sua vida morta. Olhava-a. Fixava-a. E o seu rosto de criança, iluminado pelas sombras do seu nariz, dos seus lábios, das covas dos olhos, era como se lhe dissesse a sua própria morte. E uma escuridão imensa era o mestre Rafael. Trespassado de escuridão e de luto.”

um certo desligamento face ao amado, para uma reconciliação consigo mesmo. Verdadeiro trabalho de luto. Necessária cura para o homem.¹⁰³

Uma expressão proferida por José, no *Livro II*, há que ser tida em conta quanto ao fenómeno *Morreste-me*: “Só a minha morte é verdadeiramente minha.”¹⁰⁴ O estilhaço da saudade dilacera no íntimo. Punhal que fere, arrebatando sem arrebatara a vida. Todavia, é premente a recuperação do sujeito. Importa a aprendizagem de integrar as trevas e dar lugar à esperança. Por mais gélida que seja a morte do outro, a vida do sujeito não pára.

4. A MORTE, FIM TOTAL

Em *Nenhum Olhar*, não há esperança. O ambiente é sombrio. As personagens felizes passam por experiências esmagadoras, que as desfiguram. Os que vivem amargurados afundar-se-ão mais no oceano de angústia. Entrevê-se uma cadência para o fim total. Haverá saída deste túnel onde tudo é desventura?

Ao longo de toda a narrativa, mantém-se o cenário amplo e claro da planície alentejana. Contudo, não coincide com o ambiente tenebroso que vigora no íntimo das personagens. Debatem-se num constante combate com seres bizarros, que lhes roubam a paz. O gigante, o demónio.¹⁰⁵ A sua visão interior escurece a realidade: “Vejo o sol diante de mim, muito acima de mim, como um deus a circunscrever-me com raios de luz ou de morte.”¹⁰⁶; “Caminho nesta estrada rodeado de planície, e recordo o pai do José rodeado de morte. A planície noturna da morte. A planície noturna da morte.”¹⁰⁷ A intenção que preside à narrativa é que todas as personagens vejam o fim. Projeta-se no horizonte uma aura permanente de interrogação e desespero. Se o destino final é perecer, cada drama na vida das personagens

¹⁰³ Cf. P. RICOEUR, *O perdão pode curar?*.

¹⁰⁴ J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 214.

¹⁰⁵ Cf. I. de O. RODRIGUES, “*Nenhum Olhar*, de José Luís Peixoto”, *Via Atlântica* 8 (2005) 298.

¹⁰⁶ J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 15.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 78.

serve de alerta para o que há-de vir. Revela-se uma absoluta ausência divina. Na consciência cristã, Deus acompanha o homem a cada passo e manifesta-se em misericórdia. Quer ser um pai e acolher a sua criatura como um filho. Deus não se revela em *Nenhum Olhar*, porque está fora do espaço imaginário do autor: “Não há amparo divino no que escrevo porque na minha cosmovisão não conto com Deus. Deus para mim não é uma possibilidade.”¹⁰⁸ O homem compreende-se abandonado no mundo sem cor do desamparo absoluto. Se o transcendente não existe, de que valem as tentativas de decifrar os mistérios humanos? O homem depressa se embate com o limite no conhecimento de si. O próprio crente chega a experimentar uma ausência do divino. Consciente da sua solidão, solta o seu clamor, na esperança que o Céu o ouça. Por vezes, o silêncio é a resposta.

No *Livro I*, José pressente que a vila e a venda do judas são lugares da sua perdição: “Sabes, aproximo-me da vila e o que me espera é morrer um pouco mais.”¹⁰⁹ Sem explicação aparente, verifica-se no protagonista uma predisposição que o atrai para o fim, qual buraco negro, que teima em sugar o homem, frágil, indefeso. O sofrimento é parasita que corrói a existência humana. Absorvido pelas experiências traumáticas da vida, o sujeito compreende-se como cadáver adiado que deambula: “Penso: talvez eu já não seja este corpo que me tornei, talvez eu já não seja esta forma dentro deste corpo, talvez eu seja eu já morto só a sofrer, sem vontade, só à espera da morte, que nunca chegará.”¹¹⁰ A vida entra em tal carga depressiva que o próprio sujeito deseja o fim.

Em *Nenhum Olhar*, a atonia humana é tópico de investigação. Várias personagens manifestam-se pela sua presença-ausência: estar, sem qualquer reacção, ser “como morto”¹¹¹. O suicídio ganha uma nova motivação. São Tomás de Aquino recordava ser ilícito dar a morte a si mesmo. A vida é dom de Deus ao homem. O sujeito está entregue à potestade divina, que

¹⁰⁸ L. PINHÃO, “Deus não é uma Possibilidade”.

¹⁰⁹ J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 67.

¹¹⁰ *Ibidem*, 169.

¹¹¹ *Ibidem*, 18-19. Quanto a esta existência morta destacam-se, no *Livro I*, a mãe de José, e no *Livro II*, a mãe de José e a cozinheira.

é a única que detém o poder de dar a morte e dar a vida. Se uma pessoa decide morrer, assume o lugar que pertenceria à divindade. Peca contra o seu Senhor.¹¹² No entanto, se o homem está abandonado a si, se a sua existência é fruto do acaso e da solidão, a sua vida é absolutamente sua. A partir do momento em que o homem cai em si e se apercebe do “*none sense*” em que se encontra mergulhado, sente que pode pôr fim aos seus dias. Pois a sua existência é toda ela uma experiência destituída de sentido.

Uma profecia do fim total é a imagem da filha recém-nascida do mestre Rafael. Deparamo-nos com a mãe morta no parto. Perdera a vida para que a sua bebé visse a luz do dia. Entrega vã: a menina gerada no seu seio foi dada à luz deformada e morta.¹¹³ É o retrato da infecundidade da vida. Não há uma nova geração. Prenúncio do fim.

No final, todas as coisas terminam. Se no Livro I, a morte é o desfecho, com o suicídio de José, no Livro II, continua ela a ditar o rumo das palavras. Fim do romance, fim do mundo. O misterioso homem que escreve num quarto sem janelas termina o seu trabalho. A narrativa termina com o fim de todas as coisas. Não há redenção, apenas vazio. Um vazio expresso no absurdo de que até a própria morte morre: “A morte já não existia no meio de todas as coisas mortas. Não existiam os cadáveres. Tinha morrido a memória da morte.”¹¹⁴ Já nada existe. O fundo do túnel é alcançado. É a meta que o autor traçou e que nada traz de melhor. O fundo do túnel não é mais que escuridão.¹¹⁵ Porém aqui, nesta morte da morte, não poderemos entrever uma abertura a um outro estado? Não poderemos sondar uma misteriosa aproximação à vitória sobre a morte de que fala o credo cristão.

¹¹² Cf. SANTO TOMAS DE AQUINO, *Suma Teologica*, tomo VIII, 2-2, q. 64, a. 5, *respondeo*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1956.

¹¹³ Cf. J. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 195.

¹¹⁴ *Ibidem*, 220. Maria de Lurdes Lopes Pinho coteja o cenário apocalíptico do primeiro romance de Peixoto com vários mitos e considerações acerca do fim dos tempos. Expõe como verosímil a possibilidade de que o autor alentejano tivesse em mente as superstições ligadas à viragem para o terceiro milénio. *Nenhum Olhar* fora publicado no ano 2000. [M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar*, 47.]

¹¹⁵ Cf. J. MESTRE & C. FERREIRA, «Entrevista a José Luís Peixoto: “Eu escrevo para os outros existirem”», *Rodapé*, 2000, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/joaquim+mestre> [acedido a 15-04-2019], 12.

PASSAGEM DE TESTEMUNHO

Nenhum Olhar continua a desbravar o tema da efemeridade da vida. O ser humano pode morrer de súbito, bastam pequenos incidentes. A doença constantemente o ameaça. A velhice prova a certeza de que os dias sobre a Terra não são eternos. A única certeza que o homem poderá ter é que morrerá. Por isso, entrega a vida “por resignação”. É difícil de entrever uma reversibilidade, um retorno a viver. Se em *Morreste-me* se explora o tema da ignorância face à morte, em *Nenhum Olhar*, as personagens estão cientes da sua finitude. A morte ganha a condução do drama, torna-se protagonista na história de quantos caminham sobre a Terra.

O luto ritual é praticado como prescrição quase que imposta pelos modelos culturais. Esquemas delineados, pré-fabricados, mesmo se não têm que ser necessariamente realizados de modo mecânico. Podemos constatar, por exemplo nos ritos fúnebres a Moisés e Elias, como uma profunda angústia invade a sociedade no seu conjunto. Todos se movem para honrar os defuntos. Esta forma de luto é complementada por uma dimensão pessoal. A memória é lugar de encontro e permite que os órgãos dos sentidos externos descubram os seus equivalentes no interior do sujeito. O enlutado escuta, sem escutar; toca, sem tocar; convive com o fantasma daquele que partiu. Tem por base vital as recordações. A força do “*Morreste-me*” é incalculável. Em Elias, o desejo de estar com o irmão produz a morte. Outras personagens vêm-se arruinadas, porque os que morrem eram tudo para elas. Perdem o sentido, a orientação. Impõe-se, assim, a tentação do suicídio, pois já nada mais há sobre a Terra. Para viver em liberdade, há que partir. Paralisa-se, deste modo, a existência.

Quando a transcendência é negada, a morte é fim total. O homem está abandonado a si. A humanidade torna-se infértil. A esperança ténue que se poderia vislumbrar na primeira obra de Peixoto parece difícil de verificar aqui. A vida é envolvida em escuridão, desespero. Tudo termina. Impossibilidade de reencontro com quem se foi. Embora, como anteriormente

se referiu, a ideia da morte da morte nos dê a ousadia de perguntar se isso não corresponde à insinuação de uma outra possibilidade.

Ao *Diário de Notícias*, em 2001, José Luís Peixoto justifica o porquê da sua insistência em perscrutar o tema da morte, de forma muito curiosa, como se de uma exorcização se tratasse. A meditação sobre a finitude humana impulsiona-o para a vida.

“Não tenho medo das palavras. Vê como digo morte: morte morte morte morte morte. Repito-a assim e roubo-lhe o sentido. Roubo morte à morte. Roubo trevas e solidão. Morte morte morte morte morte. Não tenho medo das palavras. Torno a ver os teus olhos diante dos meus, manhã, e quero que esta seja a nossa última palavra: amor.”¹¹⁶

Porque ama, o sujeito descobre as razões que dão sentido ao seu viver.¹¹⁷ Na sua segunda obra em prosa, José Luís Peixoto interpela o leitor com testemunhos de personagens, para quem a morte nunca é olvidável. Contudo, maior não é o amor?

CAPÍTULO III: UMA CASA NA ESCURIDÃO

Em *Uma Casa na Escuridão*, José Luís Peixoto dá continuidade ao ambiente sombrio de uma vida que corre por um túnel. Este desembocará sempre num fim previsível: a morte. Que réstia de luz, da “luz fina”, iluminará o homem? Como se resgata a escuridão?

O romance inicia com o esplendor de um caso amoroso. Utopia entre amantes. O protagonista é um escritor famoso. No meio do seu processo criativo, a imaginação projeta a mais bela mulher que alguma vez vira. Apaixona-se por ela. É a mulher da sua vida, a

¹¹⁶ J. L. PEIXOTO, *Nenhum Olhar*, 216.

¹¹⁷ Cf. A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais”: “À medida que escrevo sobre a morte, encontro cada vez mais motivos para abraçar a vida. A morte e o amor são os grandes temas de toda a escrita universal. São eles que me preocupam.”

metáfora do próprio amor.¹¹⁸ Não obstante as referências ao mundo exterior da cidade, o romance centra-se na casa. Lugar de mistério. Neste espaço circulam várias personagens, numa espécie de convocação de fantasmas. A mãe do escritor é figura da tristeza. Afetada por uma traição por parte do marido e pela tragédia da morte daquele. A escrava miriam segue as pisadas maternas no serviço à casa. Parece ser a única a recordar a mãe e a dignar-se prestar-lhe luto. O príncipe de calicatri, amigo do protagonista, chega de uma longa jornada. Viajara pelo mundo, no cumprimento de um sonho. Regressara ao sítio onde tudo começara e guarda no coração as múltiplas recordações. Um violinista estrangeiro surge como o único capaz de conceder ainda um rasgo de alegria: a música com o seu efeito catártico. Este cenário incerto é atravessado pela invasão externa. A paisagem da cidade é uma multidão de mutilados. As personagens vêm-se aprisionadas na casa. A escuridão que a circunda intensifica-se. Acresce a peste, que ceifa vidas na velocidade de um segundo. É o triunfo do amor e do absurdo, da medievalidade da guerra, do barroco esclavagista, da contemporaneidade, de carros e telefones: todos os tempos se confundem e amalgamam.¹¹⁹ O segundo romance de Peixoto poderá ser uma parábola infernal do mundo, do saturado mundo hodierno.

Chama-nos à atenção a citação de *Salmos* como epígrafe para cada capítulo. Ao *Jornal de Letras*, Peixoto refere que os textos sálmicos emanam o amor de Deus ao homem e da criatura ao seu Criador. O conceito central é o amor.¹²⁰ A angústia de uma vida que se desmorona não impede que as personagens se amem. O amor dissipa a escuridão: será esse o fio de Ariadne deste exigente labirinto que é a história?

¹¹⁸ Cf. G. N. SANTOS, «Um “Otimista a Longo Prazo”» [Entrevista a José Luís Peixoto], *Revista - Diário de Notícias*, 2003, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/revista+di%C3%A1rio+de+not%C3%ADcias> [acedido a 15-04-2019], 16.

¹¹⁹ Cf. G. HEURÉ, “Noir est sa couleur”, *Télérama* 2931 (2006) 53.

¹²⁰ Cf. M. HALPERN, “As Mutilações do Amor” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Jornal de Letras*, 13-11-2002, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/2002>, [acedido a 15-04-2019], 10.

1. “ESCURIDÃO EM TODOS OS LUGARES”: A MORTE

A morte e o morrer são onnipotentes, perfuram todas as imagens:

“Quando a pequena brasa se aproximou dos meus dedos, lancei o cigarro no ar, (...) e vi-o cair a rebentar de fagulhas no chão do pátio e ficar aceso até se extinguir, como um coração ou como uma pedra preciosa a morrer.”¹²¹

Os sons emitidos por uma ave são comparáveis aos gritos de uma mãe que se depara com o filho morto.¹²² A escuridão da casa é qualificada como morta.¹²³ Até a música que ressoa pela casa, como se fosse um ser animado, cresce e, mais cedo ou mais tarde, perece.¹²⁴ A brisa que vem a correr no ar e termina o seu curso no quarto.¹²⁵ A noite dá lugar ao dia. Morre.¹²⁶ O narrador precipita tudo na finitude. Todas as coisas já começaram a desaparecer:

“A escrava miriam continuou parada. Era impossível distinguir um único movimento em todo o seu corpo, porque o seu corpo não se mexeu sequer como uma rocha quando uma brisa a toca, como a lua quando as crianças lhe atiram pedras, como a morte.”¹²⁷

A estaticidade da personagem é comparável ao efeito de morrer. O corpo humano já não se move por si, cessa funções. No espaço literário predomina uma tonalidade sombria. Diz-nos Luís Sepúlveda: “A escuridão de Peixoto é uma alegoria à decadência imperial, do fim de uma época passada, presente ou futura, ou talvez do fim dos tempos.”¹²⁸ Peixoto confessa que na sua escrita não se refletem verdades absolutas. O autor pretende suscitar ao leitor questões que o façam meditar. O escritor é, apenas, um iluminador da realidade.¹²⁹

¹²¹ J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, Quetzal Editores, Lisboa, 2013, 73.

¹²² Cf. *Ibidem*, 74.

¹²³ Cf. *Ibidem*, 73.

¹²⁴ Cf. *Ibidem*, 81.

¹²⁵ Cf. *Ibidem*, 125.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, 129: “De madrugada, no momento mais frio do dia, quando a noite envelhece num frio que gela os ossos, quando a noite prepara a sua morte na escuridão sobre todas as coisas e sobre o frio, o príncipe de calicatri levantou-se.”

¹²⁷ *Ibidem*, 92.

¹²⁸ L. SEPÚLVEDA, “Un’Allegoria della Decadenza”, *La Repubblica*, 2004, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/luis+sep%C3%BAIveda> [acedido a 29-03-2019].

¹²⁹ Cf. L. GARCIA, “Dois livros, uma casa com vista para dentro”.

1.1. Resignação

Morrer é um traço necessário de quanto existe¹³⁰, por isso se aborda o enigma da natureza humana, caminhante sobre a terra para um dia desaparecer.

Observemos o príncipe de calicatri. Amigo de infância do protagonista. Na sua juventude, desejara viajar pelo mundo. Cumprido o seu sonho, conheceu tudo quanto lhe foi possível e conservou todas as experiências no coração. Depois, regressou a casa, para esperar o fim dos dias. É o retrato da resignação: “Disse-me que tinha vindo para morrer e que já não tinha forças.”¹³¹ Aceita o destino, mesmo se implacável. Considera-o justo.

A inevitabilidade da morte está igualmente associada à doença. As enfermidades ameaçam o homem e evidenciam a sua identidade de ser limitado, finito. As escravas que acompanham o príncipe de calicatri morrem doentes durante a sua jornada.¹³² Uma epidemia de peste propaga-se por todas as personagens. Ataca devagar. O corpo apodrece e desfaz-se em nada, qual retrato da efémera condição.

O corpo parado é já expressão do não ser: “Atravessado pela lança, o meu editor ficou de pé dois passos para trás e dois passos para a frente e não caiu senão quando perdeu a força nas pernas. Caiu sobre os joelhos e depois caiu morto para a frente.”¹³³ A vida é força que habita o sujeito e lhe permite ser. Leia-se o relato genesíaco da criação do homem. Deus infunde na massa corpórea inerte o seu hálito de vida (cf. Gn 2, 7), a força divina que repousa

¹³⁰ Cf. J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 15; 99: “Um romance que tinha um pai e um filho que morriam, que tinha dois irmãos siameses que morriam, que tinha um homem muito velho que morria.”; “Mas naquele momento, estava contrariado por não ter tratado do assunto da minha mãe e, por isso, olhei para aqueles homens e pensei que todos iam morrer.”

¹³¹ *Ibidem*, 86. Uma vez mais se faz presente a ideia da força, a qual é fonte de vida para o sujeito. O envelhecimento produz um esmorecimento, que se verifica no desânimo do príncipe de calicatri.

¹³² Cf. *Ibidem*, 47.

¹³³ *Ibidem*, 36.

sobre o humano. Explanaremos este facto na segunda parte da dissertação, com a investigação bíblica. Mas, a morte chega progressivamente e absorve a pessoa¹³⁴, e esta deixa-se ir.

1.2. Ansiar pela Morte

Em momentos específicos da vida, o sujeito poderá sentir-se tentado ao desejo de ver morrer os outros. O escritor manifesta-se feliz quando vê perecer o seu editor. Alegria, tranquilidade. O editor entrara em contacto com as páginas escritas e intocáveis. Lera a descrição da sua amada, coisa que amedronta o escritor. A leitura do seu trabalho soava-lhe a uma violação. O editor abatido deixava de ser uma ameaça, uma pedra de tropeço.¹³⁵

Mas o desejo de perecer tem muitas facetas. O príncipe de calicatri sugere que a morte é o melhor destino possível num cenário de invasões. Caminho mais eficaz para a fuga à destruição, aos massacres, às torturas. Esta intervenção do príncipe vem efetivar-se como uma premonição. A invasão acontece e os estranhos apoderam-se de tudo: destroem, dilaceram, arruínam vidas. Saqueiam-lhes a felicidade. O cenário da cidade é uma multidão de mutilados. O violinista perde a capacidade de tocar e harmonizar o mundo. A mãe do protagonista não mais pode escutar a música, principal amparo para o seu espírito. O protagonista fica incapacitado de escrever, seu principal ofício. Ao apresentar ao leitor as imagens da destruição, José Luís Peixoto não fala do irreal. Limita-se a meditar os fenómenos da atualidade.¹³⁶ O escritor dá voz às vítimas do flagelo. Desespera e deseja perecer:

¹³⁴ Cf. J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 251: “Eu sentia que morria devagar. Não sabia se esperava. Não sabia se a vida era já a morte. (...) Eu sentia que morria devagar. A minha vida, a minha morte, era arrastada por esse rio de vozes que gritavam a escuridão em todos os lugares.”

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 36: “Senti-me feliz por o meu editor ter morrido. Sorri por saber que ele nunca mais poderia tocá-la.”. Mais tarde, o sujeito qualificará tal sentimento com repulsa.

¹³⁶ Cf. M. HALPERN, “As Mutilações do Amor”, 10: “No romance existem invasões e mutilações por parte dos invasores para com o povo. Atualmente, na Serra Leoa existem 100 milhões de mutilados. Uma guerra civil onde as pessoas se cortam a si mesmas. Há 29 conflitos no mundo entre Estados, mas às vezes não pensamos nisso com intensidade suficiente, porque nunca passámos por essa situação.”

“Dentro de mim, durante muito tempo, na dor mais absoluta que me tomara todo o corpo, perdi a consciência de mim, como se adormecesse muito lentamente, sempre a pensar quero morrer, quero morrer, quero morrer, quero morrer, quero morrer (...).”¹³⁷

As páginas ilustram o peso da dor. A personagem perde toda a coragem. Em *Uma Casa na Escuridão*, é atribuída à morte uma pluralidade de funções: ela é absoluta, mas também catártica. Surge inclusive como bem. É o termo da tribulação. O suicídio impõe-se como cessação do mal. Foi a decisão da mãe do protagonista, por exemplo.¹³⁸ Se a vida soa tão desesperante quanto a morte, de que vale seguir vivendo?

1.3. A Morte como Absoluto

Em *Uma Casa na Escuridão*, a morte vem para ficar. Não há retorno possível. Atendamos à comparação que se segue:

“Do outro lado, árvores e, depois, o oceano: a distância infinita, porque não havia sequer horizonte, o oceano misturava-se com o céu e não se conseguia distinguir o oceano do céu, não se conseguia dizer ao certo se toda aquela distância era apenas o oceano, ou apenas o céu, ou apenas o vazio infinito a avançar na distância da morte.”¹³⁹

A morte é retratada na dimensão de absoluto. Toda a vida corre para a mesma meta. O céu é indistinto do oceano: não é possível identificar a linha do horizonte. Assim também a vida e a morte são indissociáveis. A morte espraia-se constantemente para o domínio da vida e parece absorvê-la. A esperança no horizonte terreno sai gorada. É a conclusão que se impõe ao olhar, diante de uma chacina de crianças: “O visconde de dedodida, com os olhos vermelhos, disse não passou, nunca passará, aquilo que roubaram nunca mais poderá ser

¹³⁷ J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 105.

¹³⁸ Cf. *Ibidem*, 192.

¹³⁹ *Ibidem*, 57.

devolvido.”¹⁴⁰ É a constatação da contingência do homem, que num dado momento é, e depois já não é nunca mais.

2. “UMA FALTA E UM VAZIO”: O LUTO

Em *Uma Casa na Escuridão*, o luto revela-se nos sentimentos e na forma de se apresentar. Com a morte da sua mãe a escrava miriam nunca mais volta a sorrir. Luto que pode durar uma vida.

2.1.O Enterro

Faz parte da tradição humana sepultar o corpo do defunto. Ao narrar o enterro da mãe, o escritor dá a conhecer que a cova é toda envolvida pela morte. É enfatizada a escuridão que dela brotava, a água negra e os trovões que sobre ela descem. Coloquemos a nossa atenção sobre um aspeto comum a quatro enterros:

“Telefonei ao príncipe de calicatri e pedi-lhe que me acompanhasse ao enterro do meu editor.”; “No dia em que fiz dezoito anos, eu, a minha mãe e a escrava miriam fomos levar o meu pai e a escrava madalena ao cemitério.”; “A terra cobriu a minha mãe.”¹⁴¹

O narrador não se refere somente ao sepultamento do corpo. É a pessoa que é sepultada, em todo o seu ser. Esta tese é agora retomada, depois de ter surgido em *Morreste-me*.¹⁴² É, porventura, ponto de encontro entre a antropologia de José Luís Peixoto e a antropologia bíblica. A tradição hebraica aponta para uma visão monista do homem. Ele é um todo. Uma unidade, em três dimensões: “bāšar”, que se associa à carne e poderá designar o parentesco da pessoa, ou a simples ligação aos outros seres humanos, como criaturas de Deus;

¹⁴⁰ J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 237.

¹⁴¹ *Ibidem*, 50; 53; 211.

¹⁴² Cf. IDEM, *Morreste-me*, 52: “Cheguei onde sei que estás, onde ficas, ficaste; onde estás, sob uma campânula de tempo cristalizado, tempo que não passa, mármore.

“nefeš”, que designa “sopro de vida” ou “respiração”; “ru^aḥ”, que significa “vento” e “espírito”. Temos o que podemos chamar de corpo, alma e espírito, respetivamente. Veja-se a exortação de São Paulo (cf. 1 Ts 5, 23). Segundo o pensamento hebraico, não se pode dizer que ele tenha “nefeš”, “ru^aḥ” e “bāšar”, mas antes que ele é “nefeš”, “ru^aḥ” e “bāšar”.¹⁴³ Gabriel Marcel deprecia a expressão de posse: “eu tenho um corpo”. Suplanta-a com uma substancial correcção: “eu sou um corpo”.¹⁴⁴ Dada a importância da dimensão corpórea, depreende-se a solenidade de um ato fúnebre. O enterro é a última despedida. Torna-se, daí em diante, impossível o contacto com a pessoa por via da sensibilidade.

A importância dada ao corpo humano em *Uma Casa na Escuridão* projeta um misto de bizarria e esperança. Ao sair do cemitério, no fim do funeral do seu editor, o protagonista deparou-se com a campa da sua amada. A mulher que ele encontra na sua mente. Apercebe-se, então, de que se tinha apaixonado por um cadáver. Decide regressar ao cemitério para a ver cara-a-cara:

“Tirámos os cintos das calças e usámo-los para erguer o caixão. A noite. A cova negra da sepultura, como se chegasse ao centro da terra. O caixão a subir lentamente. A distinguir-se cada vez mais na solidão, no ar fresco da noite. O caixão solene. A subir lentamente. O peso dela nos meus braços.”¹⁴⁵

O corpo do defunto é um verdadeiro sinal da sua presença-ausência. Diante do corpo morto e em decomposição, ele tocou-a. Beijou-a. Encostou a cabeça ao seu ombro. Envolveu-a com os braços. Permaneceu uns momentos para a sentir.¹⁴⁶ Na decisão de desenterrar a amada, o amor fala por si. Assemelha-se à expressão do *Cântico dos Cânticos*: “Pois o amor é

¹⁴³ Cf. F. FIORENZA & J. METZ, “O Homem como União de Corpo e Alma”, in J. FEINER & M. LÖHRER (eds.), *Mysterium Salutis*, vol. II/3, Editora Vozes, Petrópolis, 1980, 32-34. As três dimensões entrecruzam-se e assumem as funções umas das outras. Atendamos às palavras do salmista: “Senhor, sois o meu Deus, desde a aurora Vos procuro,/ A minha alma tem sede de Vós” (Sl 63, 2). A alma sente sede. Característica própria do corpo. Observemos o episódio da agonia de Jesus no Horto: “E, cheio de angústia, orava com mais insistência ainda, e o suor se lhe tornou semelhante a espessas gotas de sangue que caíram por terra.” (Lc 22, 44) A alma de Jesus encontra-se em profundo sofrimento, diante do combate derradeiro. A sua dor manifesta-se no corpo, através da reação psicossomática de suar sangue.

¹⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 58.

¹⁴⁵ J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 75.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 76.

forte, é como a morte, o ciúme é inflexível como o Xeol. Suas chamas de fogo uma faísca de Iahweh! As águas da torrente jamais poderão apagar o amor nem os rios afogá-lo.” (Ct 8, 6b-7a) Para Peixoto, o amor é o verdadeiro imortal, mesmo se todos os amantes são amantes infernais. É exaltada a grandeza de amar sem medida. Sem fim.¹⁴⁷

Uma realidade que se impõe ao corpo é a sua decomposição. Ao cessar funções biológicas, perde a força da vida, a “nefes”, e desaparece progressivamente. Isto se dá a entender quando o autor descreve o corpo da amada, retirado da sepultura:

“E o corpo dela: os ossos; pedaços de pele dura e castanha derretida, entornada sobre os ossos; pedaços de pele seca e castanha; o lugar cego dos olhos; os dentes; o vestido branco, rasgado e velho, colado à pele; os ossos finos dos dedos; os cabelos longos, negros e secos.”¹⁴⁸

O narrador transmite mesmo a ideia crua do corpo humano morto que apodrece. Desfaz-se. Propaga um odor nauseabundo. De suma importância são os sentidos, como meio de contacto. Os sentidos documentam o nosso noivado no sepulcro. Mas também o nosso berço. A noiva e a mãe de todos os homens são cadáveres.¹⁴⁹

A abordagem a vários enterros concede-nos uma ulterior temática para estudo: as desigualdades sociais. Todos os homens da família do escritor estão sepultados num jazigo exclusivamente a eles destinado.¹⁵⁰ Uma outra forma de sepultura substancialmente diferente é atribuída às escravas. Não têm direito a uma sepultura própria. Os corpos são lançados a uma vala comum.¹⁵¹ Quanto ao editor, foi apenas sepultado sobre a terra, com um número a

¹⁴⁷ Cf. L. GARCIA, “Dois livros, uma casa com vista para dentro”: “Penso que como se diz, justamente, nesse romance [*Uma Casa na Escuridão*], o amor, a felicidade, só são ridículos para quem os vê de fora. Quem os sente nunca os vê como ridículos. Portanto, parece-me que, às vezes, palavras como amor, adjetivos como bonita foram tão banalizados pela nossa linguagem que parecem irrecuperáveis para a literatura. No entanto, é uma pena que assim seja e que, de alguma forma, está nas mãos de quem escreve resistir a essa banalização e contrariá-la de alguma maneira. É um pouco isso de que se fala [no romance], que é não ter medo de dizer palavras que, no fundo, são tão importantes.

¹⁴⁸ Cf. J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 75.

¹⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 208.

¹⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 52.

¹⁵¹ Cf. *Ibidem*, 54.

identificar.¹⁵² Era um desertor na sociedade. Despoletara a desordem, pela revolução. Morreu só. Abandonado a si. A mãe do protagonista não é sepultada no espaço próprio da família, mas num outro espaço disponível.¹⁵³ Os enterros diferem consoante as pessoas. Um senhor não é um escravo. Uma mulher não é um homem. A desigualdade teima em prevalecer.

O narrador faz referência ao jazigo da sua família. Restava apenas um lugar. O seu.¹⁵⁴ Reconhece que lhe é impossível a vida. A sua amada habita no íntimo da sua mente. Vive a angústia de não poder trazê-la ao exterior.¹⁵⁵ Tudo isto é um prenúncio do fim.

2.2. Reencontros na Memória

À semelhança de *Morreste-me e Nenhum Olhar*, o segundo romance de Peixoto atribui especial relevo ao cemitério. O lugar da memória. Espaço fechado, fora da realidade em que se vive, para se penetrar o mundo dos defuntos.¹⁵⁶ O cemitério surge carregado de escuridão, o que é próprio do ambiente de morte, ao longo de todo o romance.

Realcemos a temática da memória: “O que vi: numa campa branca, uma fotografia de vermelho esmaltado com o rosto daquela que estava dentro de mim. Um nome escrito com letras de bronze. Uma data de ter nascido e uma data de ter morrido.”¹⁵⁷ A sepultura tem inscrita a informação básica da pessoa: o nome, o nascimento, a morte, a sua imagem imortalizada. A identidade perdura, mesmo se precária.¹⁵⁸ Mantém-se na consciência de quantos vivem. A sepultura é espaço de visita. Deslocamo-nos para diante de uma campa

¹⁵² Cf. J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 55.

¹⁵³ Cf. *Ibidem*, 210.

¹⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 52.

¹⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 53.

¹⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 244: “Antes do portão, estávamos no mundo e olhávamos para dentro do cemitério com temeridade. Antes do portão, estávamos perto, mas estávamos muito longe do cemitério. Depois do portão, estávamos no cemitério e olhávamos para fora como se fosse um mundo aonde não podíamos voltar. Depois do portão, estávamos longe do mundo e parecia-nos que nunca mais poderíamos sair dali.”

¹⁵⁷ *Ibidem*, 56.

¹⁵⁸ Cf., *Ibidem*, 55: “E, nas campas, os rostos de mulheres, de crianças, de homens. Muitas pessoas que um dia foram vivas e que, na morte, ficaram para sempre com aquela cara a sorrir. Pessoas que tiveram um nome.”

como quem se encontra com o pai, o irmão, o amigo. Ali conversamos, na esperança de sermos escutados. O escritor concebe a sua mente como um cemitério:

“Eu pensava na culpa, sentia, e pensava que o meu interior era um jardim negro e frio, onde os mortos apareciam. Eu pensava que o meu peito era uma casa assombrada. Eu pensava que o meu peito era um cemitério.”¹⁵⁹

No íntimo do pensamento, a vida dos defuntos continua a acontecer. As recordações fazem despontar no espírito imagens que invocam três traços gerais: a presença, a ausência e a anterioridade. Procedem a uma representação de realidades que não estão cá, mas que estiveram outrora.¹⁶⁰ A memória dos que partem permanece, assim, intacta noutros espaços do mundo. A casa, lugar que conserva as marcas de presença, assiste a várias gerações de moradores.¹⁶¹ Os sujeitos experimentam a compulsão da memória. Fenómeno enunciado por Paul Ricoeur, conforme a abordagem a *Nenhum Olhar*. A história rasga na pele as feridas do caminhar. Os infortúnios da vida humana.¹⁶² Pela construção de uma narrativa dos acontecimentos, é possível sarar. Trava-se o combate contra o excesso de memória. É atribuído ao passado um novo sentido. O afunilamento numa imagem é substituído por uma extensão no olhar. Passo decisivo para a reconciliação consigo e com a História?¹⁶³ De qualquer forma, não parece haver fuga para o esquecimento: “A cidade muito longe, depois dos muros, e nós a caminarmos num mundo grande de morte, um mundo só ali. As flores antigas sobre as campas, flores velhas de aquilo que alguém esqueceu.”¹⁶⁴ O esquecimento é a casa do homem na escuridão.

¹⁵⁹ J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 180.

¹⁶⁰ Cf. P. RICOEUR, *Memória, História, Esquecimento*, citado a partir de http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia [acedido a 16-04-2019].

¹⁶¹ Cf. J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 33.

¹⁶² Cf. P. RICOEUR, *Memória, História, Esquecimento*.

¹⁶³ Cf. IDEM, *O perdão pode curar?*.

¹⁶⁴ J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 55.

2.3. *Morreste-me*

O conceito de “*Morreste-me*”, do primeiro livro publicado de José Luís Peixoto, é atualizado. Note-se a seguinte afirmação:

“Depois, quando o meu pai morreu, quando a escrava madalena morreu, a casa parou como um corpo que deixa de viver, mas que continua a existir apenas para acumular lixo e pó (...). Quando o meu pai morreu, quando a escrava madalena morreu, morreu a vida na casa.”¹⁶⁵

Porque vê o marido falecer, a mãe do protagonista deseja a morte para si. A sua razão de viver tinha-se perdido:

“A expressão da minha mãe era já aquela que, a partir desse dia, permaneceu durante anos no seu rosto: um olhar bruto, analfabeto, despreocupado, desinteressado, um olhar quase irracional, a querer apenas comer e dormir; um olhar a esconder, de si próprio e das pessoas, todos os anos que falhara.”¹⁶⁶

Se a força do termo “*Morreste-me*” for absorvente, a pessoa entra num paulatino definhar. O protagonista vive este conceito, quanto à sua amada. Retira da sepultura o corpo da defunta, observa-o e com ele interage. Por fim, torna a enterrá-lo. A terra lançada sobre o féretro. Sente que uma parte de si é também ali sepultada.¹⁶⁷ O frio que circunda o escritor e o toca é símbolo da morte: a sua amada não voltará. Sobressai a consciência da infinita solidão. Perde-se uma parte de si e há um irremediável espaço vazio. Angústia que dilacera por amor. Aqueles que morrem são partes reais do seu ser que se perdem: “Imaginei o príncipe de calicatri a enterrar as crianças e a tradutora dos meus livros. Lembrei-me de que tenho tantas partes de mim enterradas naquele cemitério.”¹⁶⁸ São exterminadas as crianças, contaminadas pela peste. Assassínio de inocentes, sem capacidade de defesa. As crianças, nas suas

¹⁶⁵ J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 61.

¹⁶⁶ *Ibidem*, 54.

¹⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 77: “Com o desânimo de ela não ter ressuscitado, com a mágoa de ela nunca mais poder viver, com a tristeza do fim de toda a esperança, voltámos a pousar o caixão no fundo da cova, voltámos a cobri-lo de terra, voltámos a assentar a pedra pesada sobre ela. E pousámos algo de mim no fundo da cova, e cobrimos algo de mim de terra, e pousámos a pedra pesada sobre algo de mim.”

¹⁶⁸ *Ibidem*, 239.

brincadeiras, davam-lhe atenção e carinho. Todos são escoraçados do romance. Tais mortes resultam na fragmentação do sujeito. Sofre uma rotura na sua estrutura pessoal. José Luís Peixoto, na entrevista de 2001 ao *Diário de Notícias*, refere que o homem morre muitas vezes e nem se dá conta. Sempre que alguém parte ou desaparece, ele faz a experiência do morrer. A morte é um fenómeno diário.¹⁶⁹

O luto não exige a solidão extrema. Uma pura individualidade ou exclusão de si. O príncipe de calicatri, grande amigo do protagonista, acompanha-o na dor. É apoio para desenterrar a amada e companhia nas visitas ao cemitério. Do ponto de vista filosófico, a amizade consiste no afeto desinteressado em relação ao outro. Não o amo por aquilo que ele me possa dar. Antes por aquilo que ele é. Em rigor, trata-se do “ἀγάπη” de Paulo, que se pode traduzir na expressão “amar por amar” (1Cor 13). Surge entre amigos uma relação de reciprocidade, pelo que se implica um amor mútuo. Quem ama sabe dar e sabe acolher. Os amigos estão envolvidos numa paridade. Fruto da complementaridade que se estabelece entre eles. Aquilo que é carência do outro, eu o supro com as minhas valências.¹⁷⁰ Porque vê o protagonista em profunda angústia, o amigo agracia-o com o necessário abraço: “O príncipe de calicatri levantou-me para o seu colo. Pousei a cabeça no seu ombro. Precisava de pousar a cabeça. (...) Senti os seus braços a envolverem-me.”¹⁷¹ O príncipe dispõe-se a sofrer, configurado com o sofredor. Por isso, a misericórdia é um atributo forte da amizade. Porque se concretiza uma união afetiva entre as pessoas e se contempla o amigo como “alter-ego”. O sofrimento de um transforma-se no sofrimento de ambos. Através da empatia, a união deixa de ser apenas afetiva e torna-se real.¹⁷² A cena do abraço é certeza de que nem tudo neste romance é negro. A amizade é conforto. Será uma forma de resgate?

¹⁶⁹ Cf. A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais”.

¹⁷⁰ Cf. R. CABRAL, “Amizade”, in *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia (vol. 1)*, Verbo, Lisboa, 1997, 219.

¹⁷¹ J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 239.

¹⁷² Cf. D. da CUNHA, *A Amizade segundo São Tomás de Aquino*, Principia, São João do Estoril, 2000, 399.

O “*Morreste-me*” deve a sua força ao amor. Esta realidade que se deixa envolver por sentimentos contraditórios. Numa mesma fração de segundo, dor e alegria. O homem que ama, para alimentar o amor que o habita, atravessará a escuridão. Amar sem sacrifício é o fim de linha.¹⁷³

3. “POR AGORA, ACENAMOS ADEUS”: A ESPERANÇA

Do clima negro despontam breves laivos de esperança. À saída das personagens do cemitério, a chuva pára e surge um rasgo de luz. Anúncio de um novo começo.¹⁷⁴ Um sinal de esperança que podemos talvez notar provém da perplexidade do protagonista ao observar a sua mãe defunta:

“Um cadáver é um cadáver é um cadáver. Um cadáver não podia ser a minha mãe. Um cadáver não podia ser a memória de um amor dentro de mim. Um cadáver não podia ser eu. A minha mãe, e aquela que estivera dentro de mim, e eu, juntos, existíamos em algum sítio distante daquele quarto fechado.”¹⁷⁵

Difícil de reconhecer a mãe naquele corpo sem vida. O contacto com ela terá lugar noutra espaço. Indefinido. Só seu. Sente que será uma despedida provisória da mãe. Tornarão a encontrar-se dentro de algum tempo.¹⁷⁶ É também de salientar o momento em que o protagonista desenterra o cadáver da amada. Beija-o. Manifesta a tristeza de ela não ressuscitar.¹⁷⁷ Trata-se de uma imagem literária muito comum, nos contos infantis. O príncipe beija a sua amada e aquele ato de puro amor restitui-a à vida. Parece não ter bastado para que a mulher do escritor despertasse. Todavia, nota-se uma expectativa por um ressurgir.

¹⁷³ Cf. A. M. GASTÃO, “O Mal em Coabitação com o Amor”, 39: “O amor só pode existir enquanto contradição. Essa é a sua natureza. O conhecido soneto de Camões fala sobre isso. O amor é sempre prazer e dor.”

¹⁷⁴ Cf. J. L. PEIXOTO, *Uma Casa na Escuridão*, 213.

¹⁷⁵ *Ibidem*, 199.

¹⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 211: “Depois de o príncipe de calicatri me levantar no seu colo, quando ficou parado, antes de começar a caminhar pelas veredas do cemitério, olhei para o monte de terra enlameada onde estava a minha mãe, como se olhasse para a minha mãe, e, como se falasse, pensei despedimo-nos por agora, mãe. Por agora, acenamos adeus.”

¹⁷⁷ Cf. *Ibidem*, 77.

Para José Luís Peixoto, é claro que o seu segundo romance contém elementos que se evidenciavam em *Morreste-me* e em *Nenhum Olhar*. No entanto, *Uma Casa na Escuridão* opera uma atualização. Verifica-se uma evolução no pensamento do autor. É a continuidade do caminho de aprofundamento na escrita.¹⁷⁸ Escrito em vários lugares do mundo, este romance surge como uma cosmovisão. É uma parábola para um universo de conflito.¹⁷⁹

PASSAGEM DE TESTEMUNHO

Uma Casa na Escuridão insere-nos num mundo em que os sinais de morte se evidenciam em toda a realidade. A simplicidade de uma música que alcança a última nota. Um cigarro que lentamente se apaga. José Luís Peixoto trabalha uma certeza em nós: a de que morreremos. Assume um papel que nos recorda o retrato de *São Jerónimo*, de Dürer. O indicador esquerdo toca uma caveira. A mão direita repousa sobre a cabeça.¹⁸⁰ Ícone de quem tem sempre presente a verdade da sua finitude. A reflexão é propedêutica para o momento derradeiro. Permite-nos uma consciência mais plena da nossa identidade.

O tema do corpo é retomado, após a primeira referência em *Morreste-me* e a descrição do luto ritual em *Nenhum Olhar*. A morte é retratada como perda da força. Os corpos tornam-se defuntos, cessam funções. A dimensão corpórea não deixa de ser parte integrante da essência humana. Peixoto enfatiza o facto de o corpo ser a última realidade do defunto susceptível de ser apreendida pelos sentidos. O corpo morto inspira-nos uma questão: que dizer da pessoa? Desaparecida para sempre? O escritor alentejano revela-nos a imagem de alguém que chega ao ponto de desenterrar o cadáver para ver a sua amada. Tocar, beijar. Os contos de fadas apresentam beijos milagrosos que abrem a uma nova vida. Neste romance, a verdade é crua. É um anti-conto de fadas?

¹⁷⁸ Cf. G. N. SANTOS, «Um “Otimista a Longo Prazo”», 16.

¹⁷⁹ Cf. M. HALPERN, “As Mutilações do Amor”, 11.

¹⁸⁰ Cf. A. DÜRER, *São Jerónimo*, ver a pintura em <http://www.museudearteantiga.pt/colecoes/pintura-europeia/sao-jeronimo> [acedido a 15-04-2019].

Contudo, a imortalidade para José Luís Peixoto reside no amor, o único elemento capaz de ultrapassar o território da morte. A memória, conceito comum às três obras, ressurge como lugar que reúne. Congrega os separados entre a vida e a morte. O sujeito que recorda os seus supera o esquecimento. O amor parece ser a verdadeira esperança do homem.

José Luís Peixoto acredita, no entanto, que a escrita é redentora. Salva quem escreve. Salva quem lê. Nela, o escritor português encontra o consolo no tempo da angústia. As letras são lugar da reflexão e de desbravar de novos horizontes para o agir humano.¹⁸¹ A escrita parte sempre de uma ideia central, que é perscrutada ao longo da narrativa. A percepção do autor vai-se alterando e desenvolvendo. Em rigor, o processo criativo de uma obra literária inicia com a primeira palavra redigida pelo escritor, mas não termina quando o leitor alcança a última. A missão do livro é ser lido e meditado.¹⁸² Na leitura, cruzam-se duas linhas de pensamento. A do leitor e a do livro. O diálogo entre eles promove um questionamento humano sobre o que lhe seria óbvio, claro, evidente. Porque lê, são-lhe conferidas novas ferramentas de observação da realidade. Novas viagens. O real é sempre maior do que aquilo que vemos. É assim que Peixoto define a literatura:

“Literatura terá de ser necessariamente uma reflexão sobre o mundo, terá de colher pedaços de mundo. Terá de levantar questões e apontar caminhos para respostas. Será certamente alguma coisa feita de palavras, que nos faz crescer.”¹⁸³

¹⁸¹ Cf. A. M. GASTÃO, “A Morte é Isso: Nunca Mais”.

¹⁸² Cf. L. GARCIA, “Dois livros, uma casa com vista para dentro”. Diz-nos Peixoto numa outra entrevista: “Um livro só começa a existir depois de ser lido. É o leitor que lhe confere a existência. Um livro que esteja fechado numa prateleira pode ter as páginas todas em branco, pode nunca ter sido escrito, porque se nunca foi lido é indiferente.” [G. N. SANTOS, «Um “Otimista a Longo Prazo”», 17.]

¹⁸³ *Ibidem*, 18.

PARTE II: A MORTE RENOVADA EM CRISTO

Quando chegou o tempo oportuno, Deus enviou o seu Filho ao mundo para revelar a verdade. Ajustar o homem à medida do Criador. Com a novidade que Ele é dá-nos a conhecer o ser humano. Afirma o Concílio Vaticano II: “Na realidade, o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Incarnado.”¹⁸⁴ Jesus Cristo não é apenas divino. Como homem perfeito, ele anuncia o caminho para a plenitude.

Na segunda parte da nossa investigação, teremos por base a Bíblia Sagrada. Ela é instrumento privilegiado para uma perscrutação dos mistérios da vida de Cristo. A entrega da vida na cruz foi o centro da sua missão. A morte nunca vem só. A ressurreição é certeza que brota da esperança no Pai. Reconhecemos que para um enriquecimento do trabalho importa que abramos esta segunda parte com uma abordagem aos antepassados de Jesus. Ele nasceu num ambiente próprio, com uma configuração característica da realidade. Bebeu de uma cultura. De um tempo. Mais ainda: foi alimentado por um Credo. Por meio da visualização dos acontecimentos a olho nu, conjugada com uma meditação pelo sentido da fé, Israel elaborou uma reflexão sobre a morte. De seguida, destacaremos então a figura de Cristo. Ele não veio anular a revelação de Deus a Israel. Antes a completou e levou ao pleno cumprimento. Por fim, explanaremos a mensagem tanatológica de Paulo, inspirada no Crucificado. Apóstolo e teólogo da fé cristã, procura o sentido da morte no seu Mestre.

A Bíblia Sagrada é a via pela qual Deus dialoga com o ser humano e o convida à comunhão consigo. Fala-lhe como amigo, cara-a-cara.¹⁸⁵ Procuremos sintetizar os vários materiais que nos são concedidos pela sua Palavra escrita. A verdade sobre a morte poderá ser caminho de vida.

¹⁸⁴ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, 22, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

¹⁸⁵ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação (Dei Verbum)*, 2, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

CAPÍTULO I -

“AO PÓ TORNARÁS”: INTERPELAÇÕES DE ISRAEL

A Sagrada Escritura testemunha o caminho percorrido pelo povo de Israel ao encontro de Iahweh. O Antigo Testamento evidencia a economia da salvação em que Ele revela a plenitude àqueles que escolheu. Indica-lhes como alcançar a comunhão consigo. Essa relação profunda entre o homem e Deus conduz à realização do ser humano na sua essência.

Por entre o edifício do cânone veterotestamentário, surgem referências ao tema central da nossa investigação. Segundo o pensamento de Israel, não há definição para a morte. Ela decorre de um conceito principal: a vida. O viver é considerado sobretudo de um ponto de vista físico e orgânico da extensão temporal e da durabilidade.¹⁸⁶ A morte impõe-se como ponto final. Pelo menos na sua aparência.

1. PORQUÊ A MORTE?

Os relatos da Criação do ser humano localizam-se nos capítulos 2 e 3 do livro do *Gênesis*. Calcula-se que terão sido redigidos no século IX a.C. Detenhamo-nos sobre um pequeno excerto: “Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.” (Gn 2, 7) A palavra “homem” em hebraico diz-se “adam”. Este vocábulo tem na sua raiz a palavra “adamah”, que significa “solo”. Segundo o pensamento hebraico, o ser humano é aquele que provém da terra. Iahweh trá-lo à existência pelas suas próprias mãos. Cria-o à sua imagem e semelhança. Com o seu hálito de vida sobre a massa inerte, o corpo torna-se animado. Sem Ele nada vem à existência. Ele é o Senhor da vida. O sopro vital é dom concedido ao homem, o bem supremo

¹⁸⁶ Cf. R. BULTMANN, “ζάω”: 4. Il concetto di vita nell’A.T.”, in G. KITTEL & G. FRIEDRICH, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. III, Paideia, Brescia, 1968, 1410.

que o ser humano pode conter.¹⁸⁷ Se terminar o seu influxo, a morte acontece. Com ela processa-se a degradação do corpo humano. O “adam” retorna à “adamah”.

A razão pela qual a morte existe foi reflectida, desde cedo, em Israel. Uma das opiniões que vigorou desde os primórdios é esta: a morte é consequência do pecado. O homem e a mulher, pela desobediência primordial, foram impedidos de se alimentarem com o fruto da árvore da vida. Foram privados da eternidade. A transgressão da parte dos primeiros pais teve como consequência a condição de mortalidade, a qual abrangera toda a natureza. Pela leitura dos relatos da Criação, damos-nos conta de uma decadência progressiva que se instala no mundo. Com o passar das gerações, diminuem os anos dos patriarcas. O pecado parece também ser a causa para o encurtamento da vida.¹⁸⁸

A tradição hebraica revê-se nas leituras etiológicas da realidade. Descobre nas narrativas dos primórdios a explicação para a relação do sujeito com Iahweh, na sua contemporaneidade.¹⁸⁹ O primeiro homem e a primeira mulher são retrato da humanidade de todos os tempos. O autor do *Gênesis* vislumbra dois caminhos distintos à sua disposição. Um equivale à observância da Palavra de Iahweh, cuja recompensa é a vida. O outro dizia respeito à rejeição, o que resultaria na morte. Segundo esta lógica, a teoria da retribuição encontra um território favorável para progredir e assume que a morte é consequência do pecado. O profeta Ezequiel afirma-o: “Aquele que peca, é ele que morrerá.” (Ez 18, 4) O caminho para uma vida

¹⁸⁷ Cf. G. von RAD, «“ζάω”: 1. “Vita” nell’A.T.», in G. KITTEL & G. FRIEDRICH, *Grande Lessico del Nuovo Testamento (vol. III)*, Paideia, Brescia, 1968, 1395.

¹⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 1395.

¹⁸⁹ Cf. A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, in J. RIES (ed.), *La Mort selon la Bible, dans l’Antiquité Classique et selon le Manichéisme : Actes d’un Colloque de Louvain-La-Neuve*, Louvain-La-Neuve, 1983, 27 : “Mas o autor tem a ambição de nos transportar muito mais alto, a saber, às origens do mundo, a um período de tempo que ele considera evidentemente como pré-israelita; não se trata portanto de um relato histórico, mas de um texto teológico.” (Tradução da língua francesa para a portuguesa da seguinte citação: “Mais l’auteur a l’ambition de nous transporter beaucoup plus haut, à savoir aux origines du monde, à une période du temps qu’il considère évidemment comme pré-israélite ; il ne s’agit donc pas d’un récit historique, mais d’un texte théologique.”).

longa e feliz parece provir do cumprimento da Lei e das prescrições da sabedoria. O entorpecimento face à Lei de Iahweh tem como paga a perdição.¹⁹⁰

Com o tempo, o israelita conclui que a teoria da retribuição é um edifício frágil, sem fundamentos. É contradita pela experiência de vida. Morrer não é o destino apenas para quem vive desregradamente. Assiste-se também ao desaparecimento de justos e de formas muito semelhantes à dos depravados. Para o que vive em fidelidade a Iahweh, porém, a sua morte não pode ser castigo. Despontam algumas ilações: «Adão é originário da “adamah”, é natural que ele aí regressasse! A morte aqui faz parte da finitude do ser humano, ela não é diretamente preço do pecado.»¹⁹¹ É transversal a todas as criaturas que habitam a Terra. O homem reto perece, mas vive em paz, porque foi cumpridor da vontade divina. Coelet, na ironia que o identifica, anui:

“Pois a sorte do homem e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo alento; o homem não leva vantagem sobre o animal, porque tudo é vaidade. Tudo caminha para um mesmo lugar: tudo vem do pó e tudo volta ao pó.” (Co 3, 19-20)

O sábio convida à humildade. O homem concebe-se como senhor de si e revela-se orgulhoso pelas suas capacidades, pela sua inteligência sem par. Passado o seu tempo, morrerá como todos os animais irracionais. Parece plausível anuir que a morte é o desenlace natural. Logo, a sabedoria de Israel ensina a aceitação da morte. Prepara o sujeito para os sofrimentos que a antecedem e descobre neles um sentido - a lei natural. Variam as opiniões, como afirma o livro de *Ben-Sirá*:

“Ó morte, quão amarga é a tua lembrança para o homem que vive feliz e no meio de seus bens, para o homem sereno a quem tudo é bem-sucedido e ainda com força para saborear alimentos. Ó morte, tua sentença é bem-vinda para o miserável e privado de suas forças, para quem chegou a velhice avançada, agitado por preocupações, descrente e sem paciência. Não temas a sentença de morte, lembra-te dos que te precederam e dos que te seguirão. É sentença do Senhor para toda a carne; porquê recusares a vontade do Altíssimo? Sejam dez ou cem ou mil anos, no Sheol não se lamenta a respeito da vida.” (Sir 41, 1-7)

¹⁹⁰ Cf. R. BULTMANN, “ζάω”: 4. Il concetto di vita nell’A.T.”, 1417.

¹⁹¹ R. MARTIN-ACHARD, *La Mort en Face: selon la Bible Hébraïque*, Labor et Fides, Genève, 1988, 64.

O sábio revela que o desejo de perecer vem sobretudo de quantos habitam na miséria e já perderam a força de viver. Contudo, impõe-se fulminante a quem é feliz e goza de bem-estar. A morte é “sentença do Senhor para toda a carne” e “vontade do Altíssimo” (Sir 41, 4). O homem é chamado a esperá-la com serenidade e sem sentir o seu peso de modo atroz, pois conserva a consciência de que todos os seres vivos hão-de passar por ela.

Subsiste a dúvida: qual a causa da morte? Será consequência de um pecado primordial? Ou uma realidade intrínseca à natureza humana? A conceção de morte como fruto da transgressão nos primórdios parece ter perdurado na tradição de Israel: seria esta a opinião com maior consenso. Albert-Louis Descamps propõe: «*Ad cautelam*, nós poderemos formular assim o testemunho de Gn 2-3: natural ou “preternatural”, a condição imortal do homem foi perdida pelo pecado dos nossos primeiros pais.»¹⁹² Nos tempos mais recônditos da humanidade, terá acontecido a prática do mal, pela primeira vez. O ser humano perdeu a sua pureza original e o pecado foi introduzido na História. Propagou-se por toda a sua descendência, alojado no íntimo de cada homem. Emergiu a morte.¹⁹³

O sujeito tem a consciência de que um dia perecerá. Goza de liberdade para optar: ou a aceitação ou a recusa da vontade de Iahweh. A “má morte” passa por uma recusa da Lei. É o auto-abandono. Uma confiança cega de que é possível ser senhor e salvar-se a si mesmo. A “boa morte” é fruto da permanência no curso normal que Iahweh predefiniu. Na estreita observância da Lei, a pessoa encontra a plenitude. O sujeito que por ela pauta a sua vida reconhece a morte como inevitável para a condição humana e aceita-a com naturalidade. Outra condição para a “boa morte” diz respeito ao cumprimento dos ritos funerários

¹⁹² A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, 28. Tradução da língua francesa para a portuguesa da seguinte citação: «*Ad cautelam*, nous pourrions formuler ainsi le témoignage de Gn 2-3: naturelle ou “préternaturelle” la condition immortelle de l’homme a été perdue par le péché de nos premiers parents.»

¹⁹³ Henry Ansgar Kelly propõe que haja precaução no que diz respeito a atribuir ao “*ādām*”, o homem primordial, abordado no livro do *Génesis*, a culpa de a morte ter entrado no mundo. Leia-se Gn 3, 9-19. De todos os castigos que Deus dá ao homem, não se evidencia a morte. Quando se afirma que o homem voltaria ao pó, não se trata de uma desobediência, mas do facto de ter sido a partir do pó que ele fora criado. [Cf. H. A. KELLY, “Adam Citings Before the Intrusion of Satan: Recontextualizing Paul’s Theology of Sin and Death”, *Biblical Theology Bulletin* 44 (2014) 15.]

prescritos. Cabe aos vivos garantir o necessário para que o defunto descanse em paz. Os costumes têm ainda como objetivo limpar do mundo visível os resquícios que a morte deixara para trás.¹⁹⁴ Uma terceira garantia para o israelita se sentir pronto para a partida tem que ver com a sua descendência. Através dos filhos a sua vida tem continuidade e mantém-se o seu contacto com Iahweh. Torna-se como que imortal. Por isso, a infertilidade é vista como uma maldição que dita o esquecimento absoluto do sujeito.¹⁹⁵

2. “QUE SOFRIMENTO TENHO POR TI!”: A DOR DA PERDA

O sujeito altera-se substancialmente quando vê o outro morrer. Entra na fase de luto, o que significa um dolente estado de alma. É a experiência do sofrimento e da irreparável saudade na morte de alguém. O luto expressa-se por meio de determinadas condutas culturais ou simplesmente por lágrimas e lamentos. Corresponde a um modo de ser e estar que não se reserva ao âmbito particular. Contém uma dimensão pública. Todos são capazes de reconhecer que aquela pessoa está enlutada.¹⁹⁶

Eram vários os passos para o tratamento do cadáver: propunha-se que se fechasse os olhos, como quem dorme com tranquilidade; nos tempos mais antigos, o corpo era sepultado nu; era rodeado por objetos que o caracterizam¹⁹⁷; construía-se um túmulo, lugar de recordação para a posteridade.¹⁹⁸ Memória estática, contra o esquecimento absoluto. Construía-se túmulos familiares, de modo a que no final da vida o sujeito pudesse repousar junto dos pais. Tal como o homem vivo, também ele necessitaria de uma casa. Todos os

¹⁹⁴ Cf. R. MARTIN-ACHARD, *La Mort en Face*, 67.

¹⁹⁵ Cf. *Ibidem*, 66. A solução para impedir a perda total da pessoa consistia no casamento entre cunhados. Dos filhos que brotassem dessa união, o sujeito garantiria uma linhagem para o seu irmão (Cf. *Ibidem*, 67).

¹⁹⁶ Cf. R. BULTMANN, “πένθος, πενθέω”, in G. KITTEL & G. FRIEDRICH, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. IX, Paideia, Brescia, 1974, 1463-1464.

¹⁹⁷ “Não repousam na companhia dos heróis tombados outrora, os quais desceram ao Xeol com suas armas, cujas espadas foram colocadas sob sua cabeça e cujos escudos repousam sobre seus ossos, porque o terror dos heróis reinava na terra dos viventes.” (Ez 32, 27)

¹⁹⁸ Cf. O. MICHEL, “μνημα”, in G. KITTEL & G. FRIEDRICH, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. VII, Paideia, Brescia, 1971, 314.

israelitas, sem exceção, haveriam de ser sepultados, em estruturas individuais ou coletivas. Se ficasse sem sepultura, correr-se-ia o risco de ele vagar pelo mundo e assombrar os lugares que conhecera.¹⁹⁹ O sepulcro é assim um espaço sinistro, envolto em mistério. Para todos os efeitos, nele residem as almas dos mortos.

São várias as formas de luto na tradição de Israel. Sobressai o gesto de o sujeito rasgar as vestes. Reveste-se de saco e cobre-se de cinza, o que recorda a finitude humana. O homem há-de voltar ao pó, donde foi criado. O luto expressava-se ainda pelo jejum e pela oralidade, com as lamentações rituais. Destaca-se a elegia de David sobre Saul e Jónatas, mortos em campo de batalha:

“Pereceu o esplendor de Israel nas tuas alturas!
Como caíram os heróis?
Não o publiqueis em Gat,
não o anuncieis nas ruas de Ascalon,
que não se alegrem as filhas dos filisteus,
que não exultem as filhas dos incircuncisos!
Montanhas de Gelboé,
nem orvalho nem chuva se derramem sobre vós,
campos férteis,
pois foi maculado o escudo dos heróis!
O escudo de Saul não foi ungido com óleo,
mas com o sangue dos feridos,
com a gordura dos guerreiros;
o arco de Jónatas jamais hesitou,
nem a espada de Saul voltou inútil.
Saul e Jónatas, amados e encantadores,

¹⁹⁹ Cf. R. MARTIN-ACHARD, *La Mort en Face*, 70-71. A nível da sepultura familiar, dá-se um seguimento das tradições patriarcais. Atenda-se à passagem do livro de Génesis que relata o enterro de Abraão: “Eis a duração da vida de Abraão: cento e setenta e cinco anos. Depois Abraão expirou; morreu numa velhice feliz, idoso e saciado de dias, e foi reunido à sua parentela. Isaac e Ismael, seus filhos, enterraram-no na gruta de Macpela, no campo de Efron, filho de Seor, o heteu, que está defronte de Mambré. É o campo que Abraão comprara dos filhos de Het; nele foram enterrados Abraão e sua mulher Sara. (Gn 25, 7-10)

na vida e na morte não se separaram.
Mais do que as águias eram velozes,
mais do que os leões eram fortes.
Filhas de Israel, chorai sobre Saul,
que vos vestiu de escarlate e de adornos,
que adornou com ouro
os vossos vestidos.
Como caíram os heróis
no meio do combate?
Jónatas, ferido de morte sobre tuas alturas.
Que sofrimento tenho por ti, meu irmão Jónatas.
Tu tinhas para mim tanto encanto,
a tua amizade me era mais cara
do que o amor de muitas mulheres.
Como caíram os heróis
E pereceram as armas da guerra?” (cf. 2 Sm 1, 17-27).

O profeta Amós dá-nos a conhecer que existiria na sociedade israelita um grupo oficial destinado a este tipo de lamentação: «Em todas as praças haverá lamentação e em todas as ruas dirão: “Ai! Ai!” Convocarão o camponês para o luto e para a lamentação aqueles que sabem gemer (...).» (Am 5, 16b-17a).

O israelita em situação de luto é capaz de imaginar toda a Criação no mesmo estado, como nos revela o profeta Isaías: “A terra cobre-se de luto, ela perece; o mundo definha, ele perece; a nata do povo da terra definha. O vinho novo se lamenta, a videira perece, gemem todos os que estavam alegres.” (Is 24, 4.7) Em ocasião de crise, Israel chora. Acredita que o mal em que se encontra é juízo divino. No entanto, Iahweh, misericordioso e compassivo, sofre com a tribulação do seu povo. Com o tempo, há-de fazer despontar a bonança. Quando o

povo se sente esmagado, os profetas falam de salvação. Chamam-no à esperança em Iahweh, verdadeira fonte de alegria²⁰⁰:

“O espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar um ano aceitável a Iahweh e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados (a fim de pôr aos enlutados de Sião...), a fim de dar-lhes um diadema em lugar de cinza e óleo de alegria em lugar de luto, veste festiva em lugar de espírito abatido. Chamar-lhes-ão terebintos de justiça, plantação de Iahweh para a sua glória.” (Is 61, 1-3)

O israelita está consciente de que Iahweh não desiste do seu povo. Um mero olhar sobre o sofrimento não basta para contemplar toda a realidade. Unido ao seu Senhor, a esperança sobrevém. O rei David é uma importante figura a ter presente quando falamos do luto no Antigo Testamento. Tomemos como referência o episódio da morte do primeiro filho de Betsabeia (cf 2 Sm 12, 15b-23). Na iminência da morte do bebé, David assume uma atitude penitencial, com semelhanças ao luto:

“David implorou a Deus pelo menino: jejuou, ficou junto dele, e passou a noite prostrado no chão. Os dignitários da sua casa foram ter com ele para o levantarem do chão, mas recusou e não tomou alimento nenhum com eles.” (2 Sm 12, 16-17)

Verifica-se uma mudança radical de comportamento depois da morte do infante:

«Perguntou-lhes David: “O menino morreu?”, e eles responderam: “Sim.”. Então David se levantou do chão, lavou-se, pôs perfume e mudou as vestes. Depois entrou na casa de Iahweh e se prostrou. Voltou para casa, mandou que lhe servissem a refeição e comeu.» (2 Sm 19b-20)

Quando toma conhecimento da morte do seu filho, a atitude de penitência termina. O jejum é uma forma de humilhação pessoal e de súplica a Iahweh. As lágrimas são invocação ao Único que pode salvar, na esperança de um milagre. A primeira forma de estar de David

²⁰⁰ Cf. R. BULTMANN, “πένθος, πενθέω”, 1468.

não se tratara propriamente de um luto antecipado.²⁰¹ Ele não se dispôs a fazer sacrifícios pelo luto, mas em forma de súplica pela vida de seu filho. David acreditava que Iahweh poderia alterar o destino do seu bebé. Ao presenciarem a segunda postura do rei, os servos consideram uma incoerência e interpelam-no. A estranheza poderá aumentar quando nos deparamos com vários momentos em que David faz luto, pelos amigos e pelos seus filhos já na maturidade.²⁰² Haverá uma razão para que na morte do filho de Betsabeia a situação seja diferente.

David A. Bosworth apresenta vários motivos, enunciando os caminhos para a resiliência. Primeiro, o facto de que o luto pela morte dos filhos por questões de violência é consideravelmente mais pesado. Trata-se de um sentimento de culpabilidade que recai sobre os pais. Quando se trata de falecimento por motivo de doença, não se sentem responsáveis pelo sucedido. Compreendem-se como vítimas da doença, tal como o filho. Esta diferença de circunstâncias pode ajudar a compreender a disparidade na forma de estar de David diante do assassinato de Amnon e Absalão e em comparação com a doença do bebé de Betsabeia. Em segundo lugar, David estava rodeado por uma família alargada. É mencionado o nome de oito filhos do rei. Fala-se de diferentes mulheres e concubinas, para além dos servos que o rodeavam. A perda de um ente torna-se mais árdua quando se trata de núcleos familiares mais pequenos. Em terceiro lugar, impõe-se a questão cultural. Nos tempos antigos, a morte de uma criança seria um acontecimento vulgar, vivido pela grande parte das famílias. Poderia superar até o número de mortes de anciãos. O caso do filho do rei não seria isolado.

Depois, Bosworth aborda ainda os caminhos internos. Um deles é a fé de Israel que o rei professa. Firme em Iahweh, é possível encontrar um sentido para a perda. David opta por um caminho médio entre duas vias possíveis. Uma delas é a da auto direcionalidade, em que o

²⁰¹ Cf. D. A. BOSWORTH, “Faith and Resilience: King David’s Reaction to the Death of Bathsheba’s Firstborn”, *The Catholic Biblical Quarterly* 73 (2011) 694.

²⁰² David estremece com a morte de Saul e de Jónatas, em combate (cf. 2 Sm 1, 11-12). Destaca-se a elegia que lhes dedicou, imagem do seu sofrimento (cf. 2 Sm 1, 17-27). Chora a morte de Abner e com ele todo o povo (cf. 2 Sm 3, 28-39). Rasga as vestes e prostra-se, ao receber a falsa notícia de que todos os seus filhos tinham perecido. (cf. 2 Sm 13, 30-31). Lamenta-se e guarda luto pelo seu filho Amnon (cf. 2 Sm 13, 36-37) e sofre amarga angústia pela morte de seu filho Absalão, a qual se propaga a todo o exército (cf. 2 Sm 18, 32-19, 5).

indivíduo fundamenta a recuperação na sua auto-estima e nas competências pessoais. Outra é a do teocentrismo passivista, em que a pessoa se compreende como totalmente absorta no controlo de Deus. As suas capacidades são residuais para empreender um salto em frente. David une os dois âmbitos, o que resulta na cooperação entre a dimensão pessoal e a espiritual.²⁰³

Centrado em Deus, a quem oferece a oração e os sacrifícios, avança na vida, confiante em si. Assim se revela a virtude fundamental da resiliência. David é testemunho para todo o israelita ao deparar-se com a morte dos entes queridos. Ultrapassa o trauma e a adversidade e esforça-se por levar a vida em diante. A força para enfrentar a ocasião brota da sua fé. Aceita a morte como realidade intrínseca ao género humano. Reconhece a presença de Deus que sustenta a sua Criação. Supera a angústia e persevera.

Ao depararmo-nos com os costumes de Israel, damos-nos conta de que estão envoltos numa tónica de penitência. Os gestos assumidos são muito semelhantes a quem deseja pedir perdão a Deus pelo pecado cometido. São forma de pedir a Deus que se lembre do sujeito na sua pequenez e imerso na angústia. Após a morte dos seus entes, suplica o apoio para enfrentar a dificuldade. O luto poderá ser tempo privilegiado para reconhecer diante de Deus a finitude humana e reconhecer-se pecador. Dispõe a pessoa a centrar-se em Iahweh, o essencial para viver, e a procurar aquela que um dia possa ser uma “boa morte”.

3. A MORTE SERÁ O FIM?

No pensamento hebraico, o corpo é reputado como parte da essência humana. O sujeito exprime-se pela sua corporeidade. Não admira que ao contemplar a dissolução do cadáver, o israelita tenha relutância em crer na imortalidade.

²⁰³ Cf. D. A. BOSWORTH, “Faith and Resilience”, 692-693.

A Bíblia Hebraica apresenta-nos a morte como meta do itinerário natural. Os mortos habitam um espaço de absoluto silêncio. Diz-nos Martin-Achard: «Não existe continuidade entre a “terra dos vivos” e o além; as pontes são cortadas entre lá e cá; não há forma de passagem possível de um para o outro.»²⁰⁴ Não há comunicação dos defuntos entre si, nem com a terra dos vivos, nem com o próprio Iahweh. Não lhes é possível louvar a Deus, que é a principal razão de viver do israelita. A memória da sua existência perde-se, como afirma Coelet:

“Os vivos sabem ao menos que morrerão; os mortos, porém não sabem nada. Não há para eles retribuição, uma vez que sua lembrança é esquecida. Seu amor, ódio e ciúme já pereceram, eles nunca mais participarão de tudo o que se faz debaixo do sol.” (Co 9, 5-6)

O destino daquele que morre é demasiado terrível. O israelita compreende o homem como um ser para a relação e não é capaz de conceber um estado de solidão extrema. Mais ainda, não imagina o que possa ser a sua existência desligada de Iahweh. Os que perecem não são abarcados pelos seus desígnios. Ele é um Deus de vivos e não de mortos. O “Sheol” encontra-se à parte de toda a sua obra, logo não é alvo da sua atenção.²⁰⁵

Todavia, uma esperança parece brilhar por entre a penumbra de dúvida: a onnipotência é um dos atributos divinos. O que o impedirá de ressuscitar os mortos? Do mais fundo do seu ser, o salmista suplica por um milagre:

“Realizas maravilhas pelos mortos? As sombras se levantam para te louvar? Falam do teu amor nas sepulturas, da tua fidelidade no lugar da perdição? Conhecem tuas maravilhas na treva, e tua justiça na terra do esquecimento?” (Sl 88, 11-13)

²⁰⁴ R. MARTIN-ACHARD, *La Mort en Face*, 77 [Texto original em francês: «Il n'existe pas de continuité entre “la terre des vivants” et l'au delà; les ponts sont coupés entre celle-là et celui-ci ; il n'est point de passage possible de l'un à l'autre.»].

²⁰⁵ Cf. *Ibidem*, 78.

O Senhor da justiça não pode permitir que desapareçam os seus fiéis por toda a eternidade. Entrevê-se, assim, uma tônica de esperança face à morte dos justos. O livro da *Sabedoria* defende que os homens não são todos submetidos ao mesmo destino:

“Deus criou o homem para a incorruptibilidade e o fez imagem de sua própria natureza; foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo: experimentam-na aqueles que lhe pertencem. A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos pareceram mortos; sua partida foi tida como uma desgraça, sua viagem para longe de nós como um aniquilamento, mas eles estão em paz. Aos olhos humanos pareciam cumprir uma pena, mas sua esperança estava cheia de imortalidade; por um pequeno castigo receberão grandes favores.” (Sb 2, 23-3, 5)

Acredita-se que os que viveram na retidão repousam em paz, na presença de Iahweh. Estiveram em conformidade com a intenção divina: a imortalidade. A rejeição do pecado e do domínio do diabo revê-se na recusa da morte. Não foi Deus que inventou a morte. Antes anseia por que todos tenham vida. A morte é contra-natura. Do lado do homem está a escolha de enveredar por ela em detrimento da vida. O livro da *Sabedoria* afirma que os ímpios têm um pacto traçado com a morte, na vida dissoluta que escolheram e na opressão que exercem sobre os justos. Iahweh não está alheio às suas ações e pedirá satisfações pelas suas iniquidades. Na verdade, a sabedoria de Israel é ponte para o Novo Testamento.

Como afirma Descamps, são raros os textos do Antigo Testamento que falam explicitamente de ressurreição. Os textos que a meditam estarão ligados ao tempo da perseguição aos judeus zelosos, por Antíoco Epifânio, durante o domínio helenista. Apercebemo-nos de uma clara aceção martirológica.²⁰⁶ Atendamos ao *Segundo Livro dos Macabeus*, redigido por volta do ano 124 a.C.:

«Intimado a pôr fora a língua, ele a apresentou sem demora e estendeu suas mãos com intrepidez, dizendo nobremente: “Do céu recebi estes membros, e é por causa de suas leis que os desprezo, pois espero d’Ele recebê-los novamente.”» (2Mc 7, 10b-11)

²⁰⁶ Cf. A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, 40.

O povo judeu é sujeito a sucessivas invetivas que ameaçam a sua existência. Alguns são condenados à pena capital e depositam toda a confiança na salvação de Iahweh. Nesta circunstância, podemos entender a morte como missão. Outra situação em que entrevemos a morte como missão corresponde ao servo de Iahweh, em Is 53. O homem é entregue em sacrifício como bode expiatório, sobre o qual recaem as iniquidades de todos. Na sua oferta, realiza-se a expiação dos males dos seus semelhantes. Aquele que cumpre a Lei até às últimas consequências terá como recompensa a vida na plena comunhão com Deus.²⁰⁷ Porque os justos Lhe pertencem, Ele chama-os a Si. Os ímpios são entregues à desgraça, uma vez que a escolheram como regra de vida. A imortalidade é dom concedido a todos, bons e maus. O futuro decide-se pela recompensa que lhes for merecida.

Após a abordagem ao conjunto do Primeiro Testamento, é possível deduzir que a questão da vida depois da morte não encontra consenso na fé de Israel. Esta pluralidade de opiniões chega ao tempo de Jesus. Os fariseus crêem na ressurreição dos mortos, alicerçados no capítulo 12 do livro de *Daniel*: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno.” (Dn 12, 2) O profeta anuncia que no fim dos tempos sucederá uma separação entre os que serão salvos e os que serão votados à condenação. Os saduceus, por seu lado, descartam a passagem dos defuntos a uma nova existência, fundamentados nos relatos de origem. O livro do *Gênesis* conserva a tese de que o homem foi feito a partir do pó e ao pó retornará (cf. Gn 3, 19b).²⁰⁸ A Encarnação do Filho de Deus veio dar resposta aos questionamentos do homem.

²⁰⁷ “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno. Os que são esclarecidos resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça serão como as estrelas, por toda a eternidade.” (Dn 12, 2-3)

²⁰⁸ Cf. I. KARADŽA, “Paul’s Understanding of Death According to 1 Corinthians 15”, *Kairos - Evangelical Journal of Theology* 8 (2014) 165.

CAPÍTULO II

“EM TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO”: JESUS E A MORTE COMO MISSÃO

O Novo Testamento traz-nos uma certeza face ao que fora anteriormente dito na Sagrada Escritura: a morte não é o ponto final da vida humana. Para Jesus e para os seus discípulos, morrer não aniquila totalmente a pessoa, mas introdu-la na eternidade.²⁰⁹ Ao longo da sua vida, Jesus vai assistindo à morte de quantos o rodeiam. Pela tradição israelita em que nasceu, Ele pensava a morte sempre em função da vida, pois só esta é digna de ser abordada. Se para o judeu, morrer é o destino normal de todos os seres humanos, o Filho de Deus está consciente de que a morte haveria de vir ao seu encontro. Todavia, estava-lhe reservado um cálice que nunca alguém bebera.

1. JESUS, PODEROSO SOBRE A MORTE

Ao longo da vida, Jesus descobre paulatinamente o caminho que o Pai tem reservado para Ele. Uma leitura atenta dos sinais leva a compreender que a morte é caminho a percorrer para o cumprimento da vontade de Deus. Na sua entrega se joga a salvação da humanidade.

No início do *Evangelho segundo São Marcos*, atentos ao episódio do Batismo de Jesus, escutamos a voz de Deus: “Tu és o meu Filho amado, em Ti me comprazo.” (Mc 1, 11b).²¹⁰ Sharyn Dowd e Elisabeth Struthers Malbon sugerem que esta palavra se relaciona com a narração do sacrifício de Isaac, em *Génesis*: “Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te

²⁰⁹ Cf. A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, 24.

²¹⁰ O que fora dito no Batismo acerca de Jesus repercute-se na Transfiguração. Tornamos a escutar a voz do Céu: «“Este é o meu Filho amado; ouvi-O.”» (Mc 9, 7b; Mt 17, 5b)

indicarei.” (Gn 22, 2b) Outrora, Iahweh pediu a Abraão o sacrifício de Isaac, o qual acaba por ser substituído por um cordeiro. Agora provará a sua fidelidade à Aliança que traçou com os homens, pela entrega do seu próprio Filho em resgate de muitos. Para Ele não haverá retorno no último minuto. A lealdade de Abraão ao compromisso com Deus será requerida a Jesus.²¹¹

O leitor dos Evangelhos compreende que o Nazareno não é um simples homem. Após o seu Batismo, é enviado pelo Espírito Santo ao deserto. Este lugar é imagem da morte, devido à escassez de bens para a sobrevivência do ser humano e à presença de seres perigosos. Marcos revela como Jesus parece não sofrer qualquer dano perante as ameaças: “E Ele esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás; e vivia entre as feras, e os anjos O serviam.” (Mc 1, 13) Marcos revela como Jesus vive em harmonia sem temer qualquer mal. Em tudo é capaz de encontrar a mão de Deus que O suporta. A morte nada pode contra Ele.

1.1. “Luz versus Trevas: Um Combate até à Morrer

O Verbo incarnado entra num mundo marcado pela brutalidade e pelo mal. Em Mc 1, 13, surge uma referência a Satanás, entidade que personifica a demolição da obra de Deus. Este não é apresentado como mera figura mitológica, mas como parte ativa e demolidora no seio da história humana.²¹² O homem vê-se num constante debate consigo mesmo e é-lhe requerida uma resposta: ou o bem ou o mal. O *Evangelho segundo São João* apresenta-o na forma de uma batalha. Atendamos à seguinte citação do Prólogo:

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus. No princípio, Ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que

²¹¹ Cf. S. DOWD & E. S. MALBON, “The Significance of Jesus’ Death in Mark: Narrative Context and Authorial Audience”, *Journal of Biblical Literature* 125 (2006) 273-274.

²¹² Cf. J. L. KOVACS, «“Now shall the ruler of this world be driven out”: Jesus’ Death as Cosmic Battle in John 12, 20-36», *Journal of Biblical Literature* 114/2 (1995) 234.

foi feito n'Ele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam.” (Jo 1, 1-5)

No mundo, trava-se o combate entre a luz e as trevas, no qual Jesus se vê implicado. Cabe ao sujeito decidir de quem deseja ser servo. De Deus, n'O qual será salvo, ou do demónio, cujas seduções, com aparência de bem, o encaminham para a perdição. Ao falar às multidões, deixa-lhes uma urgente recomendação: “O Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho.” (Mc 1, 15). Na sua misericórdia, não deseja uma punição pelos pecados humanos. Pretende antes restaurar a ordem que existia no mundo nas origens, através de um aniquilamento do mal.²¹³ Se vive entregue a Deus e pauta a sua vida pela vontade divina, o homem não tem de temer a morte: pode ter uma esperança firme na sua salvação. Deste modo, Cristo revela um horizonte para lá da vida terrena, a eternidade. Léon-Dufour di-lo da seguinte forma: “(...) o Deus vivo, a partir de quem toda a existência se concebe, traz com o seu Enviado o cumprimento da existência; desde já Ele acorda a vida que o quarto Evangelho qualifica de eterna.”²¹⁴ O sujeito é chamado a conceber a sua vida atual como passagem para um futuro onde verá a Deus face a face. O que há a recear é unicamente a morte eterna.²¹⁵ Ela resulta de uma conduta de total desagregação face ao Pai e na preferência pelo mal. É a condenação que permanece para sempre e que é fruto da decisão fundamental do homem. Porque escolhe entregar-se a Satanás, condena-se a si mesmo.

No seu apelo ao arrependimento, Jesus usa em parte o esquema da retribuição, mesmo se o subverte completamente com o anúncio da misericórdia. Anuncia que o homem viverá na eternidade aquilo que corresponder à sua conduta na Terra. Revela que, no instante da morte,

²¹³ Cf. A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l'Écriture”, 30.

²¹⁴ X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort: Jésus et Paul*, Éditions du Seuil, Paris, 1979, 31. [Texto original em francês: «(...) le Dieu vivant, de qui toute existence se reçoit, apporte avec son Envoyé l'accomplissement de l'existence; dès maintenant il acorde la vie que le IVe évangile qualifie d' “éternelle”.»

²¹⁵ Cf. *Ibidem*, 29.

são separados bons e maus.²¹⁶ Na parábola do rico e de Lázaro, o pobre é recebido no Paraíso e senta-se com os Patriarcas à mesa do banquete. Por sua vez, o rico é lançado ao suplício eterno (cf. Lc 16, 19-31). Por outro lado, afirma que não há uma causalidade direta entre as faltas que o homem tenha cometido contra Deus e a doença física.²¹⁷ Esta é consequência da fragilidade corporal do ser humano.

1.2. Jesus e a Morte dos Outros

Segundo a tradição de Israel, após o último suspiro, o ser humano desce à Mansão dos Mortos, lugar de trevas e de perdição. Mas, reconhece que Deus é capaz de vencer a morte, o mais forte dos inimigos. Em Jesus, esta convicção de Israel torna-se realidade. Infunde de novo a vida sobre os defuntos e os seus cadáveres são reanimados. Deparamo-nos com o caso da filha de Jairo (cf. Mc 5, Mt 9, Lc 8), bem como do filho da viúva de Naim (cf. Lc 7) e do filho do funcionário real (cf. Jo 4, 47-50).

A onipotência divina manifesta-se em toda a sua força no episódio da ressurreição de Lázaro. Morto e sepultado há quatro dias, o seu corpo encontrava-se em fase de decomposição (cf. Jo 11). Pierre Grelot afirma que, nesta passagem, Jesus chora o amigo e sente o terror desse momento. Trata-se de uma antecipação daquilo que será a sua própria morte.²¹⁸ Ver o outro partir é ocasião para meditar a nossa própria partida. Xavier Léon-Dufour apresenta uma outra causa para as lágrimas: seriam imagem da tristeza de Jesus face à incredulidade humana. Notava nas multidões uma teimosia em não crer no Evangelho. O mesmo autor afirma que o choro de Jesus é também sinal do amor divino que habita n'Ele e que o faz sofrer pela perda do amigo.²¹⁹ A agonia de um ser humano que perde o seu ente

²¹⁶ Cf. P. GRELOT, "Mort : I. La Mort dans L'Écriture Sainte", in M. VILLER; F. CAVALLERA & J. DE GUIBERT, *Dictionnaire de Spiritualité : Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, tomo X, Beauchesne, Paris, 1751.

²¹⁷ «Ao passar, Ele viu um homem, cego de nascença. Seus discípulos Lhe perguntaram: "Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?" Jesus respondeu: "Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus.» (Jo 9, 1-3)

²¹⁸ Cf. P. GRELOT, "Mort", 1751.

²¹⁹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort*, 46.

atinge o Coração de Deus. A saudade é das mais puras manifestações de amor humano. Que é Deus senão puro Amor? Por que anseia o seu ser senão que o homem seja o que é o seu Criador? Cristo opera segundo os desígnios de Deus. Reintroduz Lázaro na terra dos vivos. Apresenta-se como o Senhor da vida, mais poderoso que a morte.

A ressurreição de Jesus não é surpresa para o leitor dos Evangelhos. Ele a anunciou pelas suas palavras e provou com os seus atos. A capacidade de realizar plenamente o que profere nos seus ditos demonstra a sua autoridade, a qual Lhe vem do Pai.²²⁰ Nem os mortos, surdos a qualquer clamor humano, são privados de escutar a sua voz de vida.

1.3. Jesus prevê a Morte Violenta

Em várias palavras que pronuncia, de modo mais explícito ou mais velado, Jesus dá a conhecer que morrerá de forma violenta. Bastou-lhe ler os sinais. Tinha consciência do perigo que corria. A sua pregação e comportamento de não conformismo com os erros da sociedade eram provocadores.²²¹ A relativização de vários preceitos e normas judaicas levantaram nos líderes o desejo de acabar com Ele.

João Batista fora condenado às mãos de Herodes por aquilo que defendia. (Mt 14, 13-12; Mc 6, 17-29; Lc 9, 9) Mas o seu ministério não teve fim. Jesus deu-lhe continuidade no anúncio do Reino. Herodes compreendeu-o, o que o levou a afirmar: «“É João, que eu mandei decapitar que ressuscitou!”» (Mc 6, 16b) Dado o mistério que circunda a pessoa do Nazareno, os herodianos procuravam espiar os seus passos.

A oposição dos saduceus a Jesus apenas surge explicitamente na Paixão. No entanto, seria mais antiga, segundo nos informa Heinz Schürmann. A expulsão dos vendedores e as

²²⁰ Cf. A. PUIG, *Jesus: Uma Biografia*, Paulus, Lisboa, 2006, 470-471.

²²¹ Cf. H. SCHÜRMAN, *Comment Jésus a-t-il vécu sa Mort?: Exégèse et Théologie*, Les Editions du Cerf, Paris, 1977, 35.

blasfêmias sobre o Templo terão sido ocasião que os levava a decidir por condená-l'O (Mt 21, 12-16; Mc 11, 15-18; Lc 19, 45-48; Jo 2, 13-22).²²²

Os fariseus ter-lhe-iam ódio, porque Jesus os punha em descrédito no meio da multidão. Ele não temia pisar o risco. Criticava-os pelo excesso de normas que impunham ao povo. Os fariseus contribuíam para que a Lei fosse palavra que aprisiona, ao invés de elevar a pessoa para Deus. Neste sentido, Ele não cumpre o repouso sabático. Permite que num dia de sábado os seus discípulos arranquem espigas (cf. Mc 2, 23) e cura um homem que tinha uma das mãos atrofiada (cf. Mc 3, 5). Senta-se à mesa com os publicanos e os pecadores, como manifestação de que o Pai os ama e deseja a sua conversão. Isto sucede com Zaqueu, que promete partilhar os seus bens com os pobres e restituir a quem roubou (cf. Lc 19, 1-10). Acusava os chefes do povo por se isentarem das prescrições para a pureza legal. Léon-Dufour explica-o na seguinte expressão: “Ao inverso do legalismo, Ele proclamava a misericórdia absoluta de Deus para os pecadores, revertendo as barreiras erguidas por uma tradição que as autoridades religiosas defendem zelosamente.”²²³ A ordem social revelava estruturas que impossibilitavam o pleno cumprimento da vontade de Deus. Jesus secundariza a Lei sempre que ela impede o homem de viver em plenitude. Mais do que a acumulação de boas ações, importaria trilhar o itinerário do servo. Aquele que se compreende inútil e admite que faz apenas o que deveria fazer (cf. Lc 17, 10). O servo reconhece-se pecador e sabe que nada que possa fazer há-de expiar todo o mal que vigora em si. Basta entregar-se em esperança à misericórdia divina.²²⁴

Porque o anúncio do Reino de Deus não é bem-vindo, decide-se condenar Jesus. Para que Deus pudesse reinar, era necessário que todos os outros poderes fossem aniquilados. As autoridades judaicas consideram-no um indivíduo perigoso, que viria a causar movimentos

²²² Cf. H. SCHÜRMANN, *Comment Jésus a-t-il vécu sa Mort?*, 38.

²²³ X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort*, 77-78 [Texto original em francês: “A l'inverse du légalisme, il proclamait la miséricorde absolue de Dieu pour les pécheurs, renversant les barrières dressés par une tradition que les autorités religieuses défendaient jalousement.”].

²²⁴ Cf. H. SCHÜRMANN, *Comment Jésus a-t-il vécu sa Mort?*, 40.

indesejados entre a população. Os representantes do Império vêem-no como ameaça contra Roma. “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus” poderia pretender o lugar de César, o que fazia dele um alvo a abater.²²⁵ Caso contrário, acresceriam as hipóteses de uma revolução. Os grandes da sociedade reúnem-se numa decisão consensual: é seu dever dar-Lhe a morte. É este o efeito do Reino de Deus na Terra: a oposição à palavra da verdade e a perseguição a quantos a pregam.²²⁶

Apesar da ameaça que O envolve, o Enviado de Deus não foge. Aceita a morte como missão. É um mandato, que o Pai lhe confiou. Isto não significa que Jesus tenha provocado a sua condenação. Sempre que as perseguições se levantavam, escapava-lhes por entre os dedos. Não tinha ainda chegado a sua hora.²²⁷ Embora tenha conhecimento disto, Jesus não desiste. Consciente do seu caminho, comenta com os discípulos que O espera uma morte violenta. Conta-lhes que haveria de morrer, mas sairia vitorioso. Porque se entrega nas mãos do Pai, viria a ressuscitar para uma vida nova. Mas os próprios discípulos têm dificuldade em compreender o seu messianismo. A prova desta ignorância é a atitude de Pedro diante do primeiro anúncio da Paixão. Procura demovê-lo da ideia de ser condenado à morte violenta (cf. Mt 16, 21-23; Mc 8, 31-33). Jesus repreende-o e considera que a atitude do amigo resulta numa verdadeira tentação. Ele está decidido a cumprir a sua missão. Sabe que vencerá o combate, pois é mais forte que o tentador.

1.4. A Paixão da Igreja

No Templo de Jerusalém, Jesus faz repousar o olhar dos discípulos sobre uma viúva. Vêem-na deixar no Tesouro uma determinada quantia, bem diferente de todas as outras pessoas. O Mestre comenta que todos oferecem o que lhes sobeja, enquanto que ela oferece

²²⁵ Cf. A. PUIG, *Jesus: Uma Biografia*, Paulus, Lisboa, 2006, 488-493.

²²⁶ Cf. S. DOWD & E. S. MALBON, “The Significance of Jesus’ Death in Mark”, 277.

²²⁷ Cf. P. GRELOT, “Mort”, 1752.

“ὅλον τὸν βίον αὐτῆς” (Mc 12, 44b; Lc 21, 4b). A tradução mais corrente será “tudo o que possuía para viver”, o que significa todo o seu sustento monetário. Se nos dispomos a ler a passagem na versão original grega, é-nos dado a entrever um sentido mais profundo. O que verdadeiramente a mulher entrega a Deus é “toda a sua vida”.²²⁸ Neste simples episódio, resume-se o que Jesus é chamado a realizar e que se irá repercutir nos membros da Igreja.

Jesus ensina que é pela morte que a vida fica verdadeiramente assegurada: “Quem quiser salvar a sua vida há-de perdê-la, mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho a salvará.” (cf. Mt 16, 25, Mc 8, 35, Lc 9, 24) Se o sujeito opta por conservar para si a sua vida, ela perde o seu sentido e cai progressivamente na perdição. Xavier Léon-Dufour explica esta premência de que o sujeito saia de si:

“Definitivamente, a minha existência não é minha, mas de um Outro. Ela começou bem antes de eu ter consciência de que ela me habita e ela continua depois do meu curso neste mundo, porque Aquele de quem a recebo é o Senhor.”²²⁹

De facto, o homem é um ser para o Outro e para os outros. A sua plenitude concretiza-se em dar-se, para que o próximo seja elevado. A oferta de si traz o benefício de que no mundo brote muito fruto. Ainda que a sua existência temporal se desvaneça, encontrará a meta: a salvação. A entrega total do ser corresponde a depô-lo nas mãos do Senhor da vida, o único que a pode dar em abundância. Não é mais do que devolver-Lhe o dom que Ele concedeu ao homem por empréstimo: a sua existência. Deus resgata o homem da morte, para lhe dar uma vida nova, na sua glória eterna. A expressão “salvar a sua vida” corresponde a um paradoxo no qual o homem incorre quando resiste a dar-se. Não há nele a possibilidade de manter a sua existência. Somente o Onnipotente a pode conservar.

²²⁸ Cf. S. DOWD & E. S. MALBON, “The Significance of Jesus’ Death in Mark”, 290.

²²⁹ X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort*, 71 [Texto original em francês: “En définitive, mon existence n’est pas mienne, mais d’un Autre. Elle a commencé bien avant que je ne sois conscient qu’elle m’habite, et elle continue après ma course en ce monde, car Celui de qui je la reçois est le Seigneur.”].

O combate que o Mestre travou contra o mal não terminou com a sua entrega. A Paixão de Cristo não teve como objetivo aniquilar de uma vez para sempre todo o mal existente à face da terra. A eliminação das trevas terá lugar, outrossim, no fim dos tempos. O tentador procurará difundir o mal pelo mundo. Deste modo, Jesus anuncia a Paixão da comunidade cristã:

“Ficai de sobreaviso. Entregar-vos-ão aos sinédrios e às sinagogas, e sereis açoitados, e vos conduzirão perante governadores e reis por minha causa, para dardes testemunho perante eles. (...) O irmão entregará o irmão à morte, e o pai entregará o filho. Os filhos se levantarão contra os pais e os farão morrer. E sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até ao fim, será salvo.” (Mc 13, 9-10.12-13)

Jesus revela o que acontecerá a quantos forem fiéis até às últimas consequências. A sua Paixão tem continuidade na Paixão dos discípulos. Do mesmo modo que o seu Senhor, os cristãos são chamados ao confronto com o demónio e com os seus partidários. No campo do mundo, participam duas frentes de batalha entre as quais a humanidade se divide: de um lado, aqueles que se opõem ao Verbo incarnado e se associam às trevas; do outro, os que Lhe são fiéis e por Ele se deixaram transformar para a luz verdadeira. Os que se opõem ao Evangelho consideram-se cumpridores da vontade divina, mas todavia, manifestam-se contra a construção do Reino de Deus. Tornam-se adeptos de Satanás. O mundo é associado ao território conquistado pelo mal e, embora estejam nele presentes, os discípulos de Jesus não pertencem a esse espaço. A sua pátria está para além do mundo e nela reina o seu Mestre.²³⁰

Para serem seus discípulos, é necessário percorrerem as sendas do Mestre: morrer por amor ao Evangelho. O rumo certo que Ele anuncia é o acolhimento da cruz: “Se alguém quer vir após Mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me.” (cf. Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9, 23) Não combatem abandonados a si mesmos. O Espírito Santo, Paráclito, descera sobre

²³⁰ Cf. J. L. KOVACS, «“Now shall the ruler of this world be driven out”», 234. Recordemos as palavras de Jesus a Pilatos: “Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súbditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui.” (Jo 18, 36b)

eles e lhes dará o poder necessário para vencer.²³¹ Entregue a sua vida nas mãos do Pai, está-lhes reservada a salvação. O homem apenas tem a capacidade de dar ao outro a morte temporal. Mais do que recear a morte violenta, o sujeito deverá temer a morte eterna.²³²

Jesus esclarece que as trevas e o seu domínio têm os dias contados: «“Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!”» (Jo 16, 33) Apesar de todas as dificuldades que enfrentarão, os cristãos crêem que o seu triunfo está confirmado. Por mais que as trevas se empenhem no combate, no fim, serão totalmente aniquiladas por Aquele que as venceu.²³³ Jesus não dispensa o sofrimento e a morte. Tem consciência de que são parte integrante da história humana. Contudo, há que mencionar a atitude que enche a entrega de sentido: o amor:

“Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizeis os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam. A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatam o manto, não recuses a túnica.” (Lc 6, 27b-29)

Esta recomendação é fruto do mandamento do amor, que se aplica à universalidade dos homens. A regra é amar a todos sem medida. Toda a Lei de Moisés passa a compreender-se à luz deste mandamento novo. Trata-se da “νόμος τοῦ Χριστοῦ”, a Lei de Cristo (Gl 6, 2b).²³⁴ Até à última hora procura levar a mensagem da salvação aos que o rodeavam. Descobriu o sentido para a catástrofe que viria e deseja passar esse conhecimento aos discípulos. Não se trata da dor pela dor, mas de sofrer pelo Outro e pelos outros. O prémio dado ao discípulo que vence a morte é o Reino de Deus, a Terra prometida. Morrer em nome de Cristo é o perfeito testemunho.

²³¹ “No entanto, eu vos digo a verdade: é de vosso interesse que eu parta, pois, se não for, o Paráclito não virá a vós. Mas se for, enviá-lo-ei a vós. E quando ele vier, estabelecerá a culpabilidade do mundo a respeito do pecado, da justiça e do julgamento (...).” (Jo 16, 7-8)

²³² “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temeis antes Aquele que pode lançar à geena a alma e o corpo.” (Mt 10, 28)

²³³ Cf. J. L. KOVACS, «“Now shall the ruler of this world be driven out” », 235.

²³⁴ Cf. H. SCHÜRMAN, *Comment Jésus a-t-il vécu sa Mort?*, 132. Na Carta aos Romanos, apresenta-se como Lei do Espírito, a qual vem libertar aqueles que eram escravos da Lei do pecado e da morte (cf. Rm 8, 1-2).

2. A CRUZ: PAIXÃO E MORTE DE CRISTO

A um dado momento, Jesus descobre-se na iminência da sua entrega. O *Evangelho segundo São João* revela-o nas seguintes palavras da sua boca: «“É chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem. Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto.”» (Jo 12, 23-24). A batalha decisiva está prestes a travar-se. O Filho de Deus defrontará Satanás, num combate em que a perda da vida, na forma mais extrema, é irreversível. Ele bem o sabe.

Em Jo 12, 31, refere-se o demónio como o príncipe deste mundo (“ἄρχων τοῦ κόσμου”). Jesus afirma que esse será lançado fora quando Ele for erguido da terra. Por isso, podemos ligar a cruz à vitória sobre o mal e ao julgamento deste mundo. O príncipe é quem Lhe há-de trazer a cruz. Contudo, não é a causa primeira da crucifixão. É pela obediência à vontade do Pai que o Filho se entrega à morte.²³⁵

2.1. A Última Ceia e a Agonia

A Última Ceia de Jesus revela os traços característicos da refeição pascal judaica. Sobrevém uma ambiência de despedida. Apresenta-lhes o banquete e diz que não voltará a tomar comida ou bebida até que esteja no Reino de Deus.

Jesus fala aos doze como aqueles que são a verdadeira concretização das doze tribos do Israel restaurado, que atravessou o imaginário da cultura hebraica.²³⁶ Sustentados n’Ele, poderão dirigir com sucesso a multidão e com ela formarão o povo da nova Aliança, a Igreja. Jesus promete permanecer sempre junto a ela, ainda que seja de um modo novo. Entrega no pão o seu Corpo. No cálice com vinho, coloca a oblação do seu Sangue, que será “derramado em favor de muitos” (Mc 14, 24b). Essa verdadeira bebida significa e efetiva a Aliança, que

²³⁵ Cf. J. L. KOVACS, «“Now shall the ruler of this world be driven out”», 230.

²³⁶ Cf. E. P. SANDERS, *A Verdadeira História de Jesus*, Editorial Notícias, Cruz Quebrada, 2004, 234-239.

em Cristo, Deus estabelece com a humanidade. Foi para fundar a nova Aliança que o Verbo desceu à Terra e se fez homem. O gesto de Cristo sobre o pão e o vinho fica perpetuado no Sacramento da Eucaristia, o qual desde então é celebrado pela Igreja. Ele é o memorial da sua Morte e Ressurreição, que são os acontecimentos centrais da fé cristã. A narração da sua instituição encontra-se em *Mateus*, *Marcos* e *Lucas* (cf Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 19-20).

João não aborda a instituição da Eucaristia como os restantes evangelistas. Privilegia a cena do lava-pés no âmbito da Ceia. Apenas ao escravo caberia a função de lavar os pés, sujos pelas impurezas do mundo. Jesus leva ao extremo a dinâmica pela qual dirigiu toda a sua vida: o serviço. Ele, o Mestre, torna-se escravo e rebaixa-se perante os discípulos. Toca os pés dos doze, lava-os e purifica-os. Por fim, deixa-lhes uma recomendação:

«“Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais.” (Jo 13, 12b-15)

É sob a tónica da caridade e do serviço que Jesus inaugura a comunidade eclesial. Está aberta a porta para a entrega de Jesus no verdadeiro amor. A sua Paixão só pode ser compreendida realmente com base no ato eucarístico, como oblação de si aos que lhe pertencem, e no ritual de lava-pés, em que se faz servo de todos e morre como escravo.

No Horto das Oliveiras, Jesus evidencia a sua humanidade, mas sem deixar de ser fiel à vontade do Alto. Antes dos momentos fundamentais da sua missão, saía do círculo dos discípulos e dedicava-se à oração. Por meio dela, permite que se mantenha fortalecido o laço que O liga ao Pai. A poucos instantes da sua Paixão, Jesus entra em silêncio e reza.

A Paixão inicia-se no momento em que Jesus sai de junto dos discípulos. Recomenda-lhes que vigiem e orem. Segue mais adiante e reza ao Pai na solidão e no escuro da noite.

Pede-Lhe que o livre do sofrimento, mas dispõe-se a cumprir esse destino se for essa a sua vontade. Passado algum tempo, regressa para junto dos discípulos. Encontra-os a dormir (cf. Mt 26, 36-40a; Mc 14, 32-37a; Lc 22, 39-45). Ninguém está disposto para acompanhar Jesus na aflição. Léon-Dufour crê que através da separação entre Ele, que se mantém alerta, e os amigos, que adormecem, o Pai lhe dá a resposta. O sono dos discípulos é sinal de que Deus recusa libertá-l'O do cálice.²³⁷

Nas narrações de *Mateus* e *Marcos*, Jesus, por várias vezes, vai ao encontro dos amigos e ordena-lhes que se levantem. O apelo a permanecer tem o sentido da fortaleza na tentação. O fiel perder-se-á se não estiver ligado a Deus. Nestas circunstâncias, os discípulos não têm a disposição necessária para permanecer. Dormem. A sua fraca vigilância corresponderá a fraqueza no combate. Irão dispersar. Jesus sabe que, com a sua morte, será provocada uma desagregação da comunidade dos discípulos que Ele formou. Quando um membro essencial morre, o grupo entra numa primeira fase de distúrbio. Falta a peça basilar para que toda a engrenagem funcione. Numa segunda instância, dá-se a reorganização da estrutura em que os papéis desempenhados pelo defunto são entregues à responsabilidade de outro membro. Paulatinamente, opera-se a recomposição do grupo. Para o Mestre, resta a confiança no Pai e reconhecê-l'O como Senhor da comunhão entre os homens.²³⁸ Após desempenhar o seu papel, cabe-lhe entregar nas suas mãos paternas a obra realizada no grupo dos doze. Deus operará neles de acordo com os seus desígnios.

O Mestre vigia. Encontra-se sozinho no sofrimento daquela escuridão sem resposta. A Paixão será a sua última prova, depois de todas as ciladas do demónio, ao longo da vida. O principal objetivo do tentador é desatar o laço que O une ao Pai. O *Evangelho segundo São Lucas* apresenta relativamente a Jesus a expressão “γενόμενος ἐν ἀγωνίᾳ” (Lc 22, 44b), que se poderá traduzir por “estando em agonia”. Este conceito comporta um sentido de prontidão

²³⁷ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort*, 132.

²³⁸ Cf. *Ibidem*, 132.

para o combate, como é possível verificar na seguinte citação: “Não é simplesmente uma inquietude, uma entrada na luta com o inimigo, é a ansiedade dinâmica que invade o lutador no momento em que o combate começa, porque a vitória não está ainda dada.”²³⁹ Retoma-se o imaginário da batalha entre forças da luz e forças das trevas. O soldado de Deus sente as dores da ansiedade. São poucos os minutos que restam até ao confronto crucial com o inimigo. Apesar da dor que sente, dispõe-se a corresponder à vontade divina, a qual se sobrepõe à fragilidade humana. Em rigor, Jesus não está só, pois o Pai permanece junto a Ele. A relação filial jamais cai por terra.

2.2. A Condenação Capital

Jesus entrega-se à morte. Assume um passo fundamental da sua missão salvífica no seio da humanidade. A certeza de que Jesus se oferece pela salvação do género humano é esclarecida na condenação (cf. Mt 27, 20-26; Mc 15, 6-15; Lc 23, 13-25; Jo 18, 38-40).

A atitude de Pilatos face a Jesus parece revelar uma incoerência face à robustez do prefeito romano. No *Evangelho segundo São Lucas*, escutamos os judeus afirmarem: «“Encontramos este homem subvertendo nossa nação, impedindo que se paguem os impostos a César e pretendendo ser Cristo Rei.”» (Lc 23, 2b); «“Ele sublevava o povo, ensinando por toda a Judeia, desde a Galileia, onde começou, até aqui.”» (Lc 23, 5b) A multidão judaica atribui a Jesus uma forte acusação que encostaria Pilatos à parede. Dizem que Ele recomendara o povo a que não pagasse o tributo ao Império Romano. Não haveria perdão para quem organizasse uma revolta contra Roma. A resposta que ouvimos de Pilatos é: «“Não encontro nesse homem motivo algum de condenação.”» (Lc 23, 4b) Julga Jesus como

²³⁹ X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort*, 110-111 [Texto original em francês: “Ce n’est pas simplement une inquietude, une entrée dans la lutte avec un ennemi, c’est l’anxiété dynamique qui envahit le lutteur au moment où le combat commence, car la victoire n’est pas encore donnée.”]

inocente e procurará a todo o custo livrá-lo do caso, porque não há evidências de que se trate de um dissidente e revolucionário.²⁴⁰

Pilatos põe à consideração do povo a decisão de soltar um dos presos, como era hábito na Páscoa. De um lado, está Jesus. Do outro, um criminoso de seu nome Barrabás, o que significa “Filho do Pai”. Esta personagem não surge na narração por incidente. Representa o homem, criado por Deus à sua imagem e semelhança, e corrompido pelo mal. Renega a filiação divina e embrenha-se no erro. A preferência recai sobre a liberdade para Barrabás. O Filho muito amado aceita a crucifixão e substitui aquele que estava oprimido no pecado. A morte ganha um valor de redenção.²⁴¹ Cristo, levantado da terra, atrai a si todas as coisas (cf. Jo 12, 32) e opera a reconciliação entre Deus e os homens (cf. Cl 1, 18-20). Foi o próprio que o disse: “Desse modo, o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos.” (Mt 20, 28; Mc 10, 45) A noção de “resgate” recorda as palavras de Isaías sobre o servo sofredor:

“Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a si mesmo à morte e foi contado entre os criminosos, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão.” (Is 53, 12)

Jesus sente-se configurado com o servo de Iahweh, cuja morte está envolta no sentido de resgate. Isto significa recuperar alguém que está aprisionado pelo pecado, o que no caso do servo e de Jesus implicou a dádiva da própria vida.²⁴² Anselmo de Cantuária anui que este foi o preço a pagar a Deus pela dívida humana do pecado. Apenas Jesus o poderia fazer, pois é o homem-Deus. É homem verdadeiro pela sua Incarnação, igual ao ser humano, excepto no

²⁴⁰ Cf. P. W. WALASKAY, “The Trial and Death of Jesus in the Gospel of Luke”, *Journal of Biblical Literature* 94 (1975) 85. Segundo Paul Winter, esta atitude do prefeito romano seria uma estratégia lucana para provar diante dos perseguidores romanos a inocência de Cristo e da Igreja. (Cf. P. WINTER, *On the Trial of Jesus*, Walter de Gruyter & Co., Berlim, 1961, 50.) Paul W. Walaskay salienta o facto de o poder romano não ter capacidade de travar o destino que Deus traçou. Jesus entrega-se à morte e ela há-de suceder necessariamente. [cf. P. W. WALASKAY, “The Trial and Death of Jesus in the Gospel of Luke”, 93].

²⁴¹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort*, 73.

²⁴² Cf. S. DOWD & E. S. MALBON, “The Significance of Jesus’ Death in Mark”, 283.

pecado. Na cruz, apresenta-se como vítima de expiação por toda a sua espécie. É Deus verdadeiro e só Ele detém a capacidade de esmagar as trevas no domínio do sobrenatural. O homem pode fazê-las despontar, mas não é capaz de as reduzir a nada. Somente o homem-Deus poderia salvar a humanidade do jugo do mal.

2.3. As Horas na Cruz

Jesus é crucificado. Cumpre-se no alto do madeiro toda a sua vida. Os Evangelhos dão várias informações acerca destas horas de sofrimento. Nelas se encerram mensagens, que descodificam a identidade do Messias. A cruz transforma-se em palavra. A sua grandeza apreende-se pela perscrutação do mistério.

De acordo com a narração de *Marcos* e *Mateus*, no Calvário, ressoa um clamor: «“Eloí, Eloí, lemá sabachtháni?” que, traduzido, significa: “Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?”» (Mc 15, 34b).²⁴³ Esta interrogação é bíblica. Trata-se do primeiro estíquio do Salmo 22. É a afirmação de que Deus Pai não vem em socorro do seu Filho, naquela hora de amargura. Apesar da sua súplica na noite anterior, fora abandonado aos que lhe queriam mal. Deram-lhe a morte mais cruel. Pela primeira vez nos relatos evangélicos, Jesus não chama Deus de “Pai”. Léon-Dufour diz que, neste momento derradeiro, a sua filiação é reduzida à simples condição de criatura. Jesus suporta os sofrimentos da Paixão, o abandono dos discípulos, a rejeição dos homens e até mesmo a ausência do Pai.²⁴⁴ Porquê tamanha dor?

A interrogação de Jesus não exprime somente um lamento. O seu grito é também de esperança e de louvor.²⁴⁵ Neste sentido, é fundamental continuar a leitura do Salmo 22. No estíquio 25, diz-se o seguinte: “Sim, pois Ele não desprezou, / não desdenhou a presença do pobre, / nem lhe ocultou a sua face, mas ouviu-o, quando a Ele gritou.” (Sl 22, 25) O clamor

²⁴³ O relato de Mt 27, 45-50 é idêntico ao de Marcos (Mc 15, 33-37). No relato de *Marcos*, Jesus pronuncia o Salmo na sua língua materna, o aramaico. Em *Mateus*, verifica-se uma ligeira divergência: «“Eli, Eli, lamá sabachtháni?”», isto é: “Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?”» (Mt 27, 46b). Ele cita de acordo com o hebraico, a língua em que a Tanak se apresentava.

²⁴⁴ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort*, Éditions du Seuil, Paris, 1979, 149.

²⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 165.

de Jesus é a certeza de que o Pai O escutará. Embora Deus pareça estar ausente, o Filho acredita que Ele esteve sempre ali.

Lucas caracteriza-se por ser o narrador da misericórdia divina. Manifesta-o também na narração da cruz, por meio de uma perícopie inédita, em comparação com os restantes evangelistas. Conta que com o Nazareno, foram condenados dois salteadores ao mesmo suplício. Um deles sente-se arrependido e reconhece que Ele é o Salvador. O criminoso chega a uma conclusão que quantos se dizem justos não atingiram. Recusam-se a aceitar. Deste modo, dirige-Lhe a seguinte súplica: «“Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino.” Ele respondeu-lhe: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso.”» (Lc 23, 42b-43) Como resposta à sinceridade de coração, Cristo confere-lhe um dom que só uma pessoa divina pode conceder. Perdoa-o, independentemente dos seus delitos e promete-lhe que gozará da sua imortalidade, no Paraíso celeste. Será participante do destino do Salvador.²⁴⁶ Pela reconciliação do pecador, Jesus dá continuidade à edificação do Reino de Deus. Nos últimos momentos de vida, no auge do sofrimento, Ele não deixa de exercer a sua missão.

João enfatiza a Paixão como selo da nova Aliança entre Deus e os homens. Ele representa o Cordeiro Pascal. Oferece-se como vítima para o sacrifício e expira à hora da imolação dos cordeiros, no Templo. O evangelista concebe a morte de Jesus na cruz e a ressurreição como sua glorificação.²⁴⁷ Schnackenburg explica que a glória, segundo o pensamento hebraico, “kabod”, associa-se à teofania, à revelação de Iahweh para a salvação do seu povo. Neste sentido, a cruz é a manifestação do Pai, por meio do seu Filho.²⁴⁸ A Paixão é comparável a um cortejo, em que o soberano caminha rumo ao lugar do seu trono. Este lugar, onde Cristo manifesta a sua majestade, é a cruz.

²⁴⁶ Cf. A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, 62.

²⁴⁷ Cf. P. GRELOT, “Mort”, 1752.

²⁴⁸ Cf. Cf. J. L. KOVACS, «“Now shall the ruler of this world be driven out” », 244.

As duas últimas frases do Crucificado são “Tenho sede!” (Jo 19, 28b) e “Está consumado!” (Jo 19, 30b). A sua sede corresponderá ao ímpeto de desejar a Deus. O sujeito não consegue repousar em tranquilidade enquanto não O encontrar. O Salmo 63 traduz tal sentimento: “Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te procuro. / Minha alma tem sede de ti, / minha carne te deseja com ardor, / como terra árida, esgotada, sem água.” (Sl 63, 2) Em verdade, o homem não O alcança por si mesmo. É o seu Criador que primeiro o alcança. Ele é o primeiro a ter sede. Destarte, resplandece um mútuo ardor. Pessoa divina e pessoa humana não descansam até que vivam em profunda unidade. No *Evangelho segundo São João*, dá-se a conhecer esta sede mística, provada por Jesus: “Meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que me enviou e consumir a sua obra.” (Jo 4, 34b) Jesus não se tranquiliza enquanto não levar ao cumprimento os desígnios do Pai. Portanto, as palavras da sede e da consumação identificam-se entre si. Jesus encontra a saciedade na realização dos desígnios de Deus. A Paixão é a obra por excelência. Ao dizer “Está consumado!” (Jo 19, 30b), Jesus confirma a vitória. Toda a vontade do Pai n’Ele se concretizou.²⁴⁹

Por fim, Jesus solta novamente um clamor e expira. O primeiro e segundo Evangelhos não aludem a qualquer palavra. Dada a consumação de todas as coisas, nada mais há a dizer. É grito que brada ao Céu. Vem acordar os adormecidos. Léon-Dufour remete a voz forte para o contexto apocalíptico. Ao chamamento do Arcanjo, os mortos serão reerguidos dos seus túmulos para depois serem julgados. O grito de Cristo inaugura um tempo novo.²⁵⁰

Lucas diverge de *Marcos* e *Mateus*. Oferecida a vida do salteador ao cuidado de Deus, chega o momento de Jesus lhe entregar a sua. Exclama: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.” (Lc 23, 46b) Antes da morte, Jesus cita um estíquio do Salmo 31, o qual é associado ao Justo sofredor. Averiguemos a continuidade dessa passagem:

²⁴⁹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Face à la Mort*, Éditions du Seuil, Paris, 1979, 157.

²⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 162-163. A imagem apocalíptica apresentada vem na sequência das palavras de Paulo : “Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor. (1Ts 4, 16-17)

“...em tuas mãos entrego o meu espírito, / és tu que me resgatas, Iahweh. / Deus verdadeiro, tu detestas os que veneram ídolos vazios; / quanto a mim, confio em Iahweh: / que me exulte e alegre com teu amor!” (Sl 31, 6-8a)

Primeiramente, salienta-se a forma como invoca Deus, a qual se diferencia face a *Marcos* e *Mateus*. Chama-lhe de “Pai” e completa o Salmo com um vocativo que não se verificava. Confirma a sua filiação divina. Depois, ressalta a esperança que o Servo deposita em Deus pela sua justiça. Foi justo até ao fim, pois deu cumprimento pleno ao Evangelho que pregou. Revela a profundidade da sua união ao Pai pela escuta da sua vontade e pelo empenho para que se realize. A salvação não está na fuga à morte. Identifica-se na confiança total em Deus, a quem a vida é entregue.²⁵¹ Com Ele, sairá vitorioso perante a morte. Jesus apresenta-se como o Justo e como o Filho de Deus. A justiça divina é testemunhada na sua vida, na sua morte e na sua ressurreição.

Por fim, Jesus sente a morte tocar o seu ser e entrega o Espírito. É o seu último suspiro. Estava presente no seu íntimo, desde o dia do seu Batismo. Um dia, será doado aos discípulos e à comunidade eclesial, para anunciarem a boa-nova a toda a humanidade. Até ao último segundo, tudo quanto Lhe é dado Ele põe ao dispor.

A recusa da morte é alienação de si. De facto, a morte de Jesus não nega que Ele é o Messias. Se é caminho necessário ao Mestre, apresenta-se igualmente aos seus seguidores. Cristo e o cristão não procuram a dor pela dor. Ela surge na forma de serviço aos outros. De forma especial aos mais fracos da sociedade, subjugados pelos poderosos.²⁵² Jesus promete o prémio: “Aquele, porém, que perseverar até ao fim, será salvo.” (Mc 13, 13b)

²⁵¹ Cf. R. J. KARRIS, “Luke 23,47 and the Lucan View of Jesus’ Death”, *Journal of Biblical Literature* 105 (1986) 67.

²⁵² Cf. S. DOWD & E. S. MALBON, “The Significance of Jesus’ Death in Mark”, 278.

2.4. Consequências da Morte

O *Evangelho segundo São Marcos* destaca duas consequências decorrentes da morte de Jesus: o véu do santuário rasga-se de alto a baixo e o centurião reconhece Jesus como Filho de Deus. Reparemos na seguinte citação, que nos permite descodificar o alcance dos factos:

“Para o *Evangelho segundo São Marcos*, a morte de Jesus significa a libertação da divina presença para o mundo – para todo o mundo, para ser reconhecido pelos Gentios tanto como pelos Judeus.”²⁵³

O rasgão do véu do santuário, segundo Dowd e Malbon, significa a expansão de Deus para fora. O Templo de Jerusalém era para o povo judeu o lugar de adoração por excelência. É hora de o Criador se manifestar a todos os homens, sem exclusão. Ele é um Deus para todos. Ao vê-lo expirar, o centurião pronuncia a filiação divina de Jesus. A profissão de fé cristã por um romano evidencia que a edificação do Reino de Deus na Terra está em processo. Por seu Filho feito homem, o Pai fez-se próximo de todos.²⁵⁴

No *Evangelho segundo São Lucas*, a constatação do romano revela uma especificidade a ter em conta: “Realmente, este homem era justo!”²⁵⁵ (Lc 23, 47b). A justiça é um conceito central do terceiro Evangelho, reinterpretado por Jesus, na sua raiz. Os líderes religiosos e os fariseus consideravam-se justos por excelência. Todavia, o Filho de Deus admoestava-os, por se exaltarem acima da dignidade e dos direitos dos outros. Cheios de uma não-justiça, não têm espaço para acolher a justiça divina.²⁵⁶ Por isso, levaram à morte o Justo. Pela sua vida, morte e ressurreição, Cristo dá a conhecer que a justiça consiste no cumprimento dos desígnios

²⁵³ S. DOWD & E. S. MALBON, “The Significance of Jesus’ Death in Mark”, 296 [Texto original em inglês: “For Mark’s Gospel, Jesus’ death means the release of the divine presence into the world — into the whole world, to be recognized by Gentiles as well as Jews.”]

²⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 296.

²⁵⁵ Robert J. Karris prefere a tradução de “δίκαιος” por “justo” e não propriamente por “inocente”, como se evidencia na opinião de vários estudiosos. A expressão “justo” comporta um profundo sentido soteriológico, relacionado com o poder e a misericórdia divina, o qual se perderá se apenas utilizarmos o termo “inocente”, que dispõe mais propriamente de um carácter jurídico. [Cf. R. J. KARRIS, “Luke 23,47 and the Lucan View of Jesus’ Death”, 66.]

²⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 72.

divinos. Mais do que proceder a uma marginalização dos injustos, há que revelar-lhes a via da retidão. Porque não afirmar que misericórdia é a definição da justiça de Deus?

No conjunto do seu Evangelho, *Mateus* tem a preocupação de atenuar a espetacularidade de *Marcos*. Admira que *Mateus* relate factos inéditos decorrentes da morte de Cristo, até porque a sua fonte nem sequer os menciona. Atendamos à citação:

«Jesus, porém, tornando a dar um grande grito, entregou o espírito. Nisso, o véu do santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, a terra tremeu e as rochas se fenderam. Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos. O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terramoto e tudo mais que estava acontecendo, ficaram muito amedrontados e disseram: “De facto, este era Filho de Deus!” Estavam ali muitas mulheres, olhando de longe. Havia acompanhado Jesus desde a Galileia, a servi-l’O. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.» (Mt 27, 51-56)

Para os comentadores, é difícil provar a plausibilidade histórica da narração. Segundo Serge Wüthrich, o segredo para a análise deste excerto esclarece-se no desbravamento de todo um universo de significação. Em primeiro lugar, há que atender à expressão “Καὶ ἰδοὺ” (Mt 27, 51a). A tradução será “Nisso”, o que denuncia que foram consequência direta da morte de Jesus.²⁵⁷ De seguida, o teólogo propõe uma observação sobre as formas verbais utilizadas na perícopre: “rasgou” (ἐσχίσθη); “tremeu” (ἐσεισθη); “se fenderam” (ἐσχίσθησαν); “abriram-se” (ἀνεφθισαν); “ressuscitaram” (ἠγέρθησαν); “saindo” (ἐξελθόντες); “manifestaram-se” (ἐνεφανίσθησαν). Ao analisarmos os vocábulos, concluímos que remetem para a ideia de parto. É possível encontrar tais indícios na presença das mulheres, que contemplavam ao longe. Elas são imagem da maternidade e da feminilidade.²⁵⁸ A mulher é aquela que do nascimento até à morte permanece em atitude de observação [“θεωροῦσαι” (Mt 27, 55b)] e

²⁵⁷ Cf. S. WÜTHRICH, “Naître de mourir: la mort de Jésus dans l’Évangile de Matthieu (Mt 27, 51-56)”, *New Testament Studies* 56 (2010) 319.

²⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 322.

reflexão no seu íntimo. Por isso, silencia: basta-lhe contemplar. O centurião e os soldados ficam-se pelo ver [“ἰδόντες” (Mt 27, 54b)]. Professam, em voz que se deixa ouvir, a sua confissão cristã. As mulheres pronunciam-na no seu íntimo.

Com a morte de Jesus, são abertos os túmulos dos justos e eles saem para a vida nova. A ressurreição futura acontece no presente. Deus, na sua onnipotência, abre o que não é possível abrir, desperta o que não pode acordar. Só Ele possui a capacidade de chamar de novo à vida.²⁵⁹ Cumpre-se a promessa de Iahweh ao profeta Ezequiel:

“Eis que abrirei os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel. Então sabereis que Eu sou Iahweh, quando abrir vossos túmulos e vos fizer subir de dentro deles, ó meu povo.” (Ez 37, 12b-13)

Estão reunidas as condições para se interpretar a morte de Jesus como acontecimento que produz um nascimento. Neste sentido, podemos afirmar com o investigador: «A morte não é mais a última etapa, um desaparecimento ou um aniquilamento, é possível “nascer de morrer”.»²⁶⁰ É apagada a fronteira entre vivos e mortos, quando surgem os santos ressuscitados diante das gentes da Cidade. A morte fica resguardada da aura de impureza que a caracterizava. A vida é agora tudo quanto se pode dizer.

2.5. Sepultura e Ritos Fúnebres

Diante de tantas semelhanças entre Jesus e João Batista, surge a diferença nas sepulturas. Os discípulos de João tratam do seu enterro, enquanto que no caso de Jesus todos desaparecem e caberá tal missão a José de Arimateia, um membro do Sinédrio, grupo que o condenou à morte.

²⁵⁹ Cf. O. MICHEL, “μνημειῶν”, 317.

²⁶⁰ S. WÜTHRICH, “Naître de mourir”, 322 [Texto original em francês: «La mort n’est plus l’étape ultime, une disparition ou un anéantissement, il est possible de “naître de mourir”.].

José é apresentado como aquele “(...) que também esperava o Reino de Deus.” (Mc 15, 43b) É um judeu piedoso, com o zelo de corresponder à vontade de Deus. Dispôs-se a sepultar o cadáver, para que não ficasse suspenso na cruz ao pôr-do-sol. A urgência da sepultura acentuava-se uma vez que a celebração do Sabbath estava prestes a iniciar. Raymond E. Brown põe a hipótese de que, na altura, ele nem sequer fosse um discípulo de Jesus.²⁶¹

Segundo os três primeiros Evangelhos, a lavagem do corpo para a sepultura não sucedeu com a honra que a tradição judaica prescreve. *Marcos* não informa que o túmulo fosse propriedade de José. Daniel A. Smith afirma que poderia tratar-se de um sepulcro próximo do local da crucifixão e que estaria reservado a um criminoso. Estão reunidos os dados para se concluir que tratar-se-ia do enterro próprio de um condenado: não se cumprem as normas de luto e o corpo não é depositado num sepulcro de família.²⁶² Não tinha direito a ser sepultado com dignidade. É mencionado um grupo de mulheres que acompanha o cadáver. Seguem no oculto, pois o luto a um criminoso é proibido pela Lei.

Segue-se um silêncio absoluto. O sábado é o dia do repouso (cf. Lc 23, 56). Jesus Descansa dos trabalhos da sua paixão naquele que é o sono da sua morte. O corpo inerte e dilacerado permanece no sepulcro. Muitos crêem que assim permanecerá para sempre. Encerrada pela pedra, parece estar toda a missão do Verbo Incarnado. Terá sido um fracasso? Os discípulos compreendem que Aquele que se dispuseram a seguir desde a Galileia e que dizia ser o Messias morreu como todos os antigos profetas. O Messias não poderia terminar como o blasfemo, o anátema, o maldito.

²⁶¹ Cf. R. E. BROWN, “The Burial of Jesus (Mark 15:42-47)”, *The Catholic Biblical Quarterly* 50 (1988) 240. Vários estudiosos argumentam que José de Arimateia é citado pelos evangelistas por se ter vindo a tornar discípulo de Cristo, após a Ressurreição. O *Evangelho segundo São Mateus* não enuncia a sua pertença ao Sinédrio e declara o seu discipulado. *Lucas* refere que José não estaria de acordo com os restantes membros do Conselho, quanto à execução de Jesus. [Cf. *Ibidem*, 245]

²⁶² Cf. D. A. SMITH, «“Look, the place where they put him” (Mk 16:6): The space of Jesus’ tomb in early Christian memory», *HTS Theologiese Studies/Theological Studies* 70 (2014) 2-3. Apenas o *Evangelho segundo São João* refere um cuidado para com o cadáver de Jesus. Foi-lhe aplicada uma mistura de mirra e aloés (cf. Jo 19, 39-40). O quarto Evangelho apresenta ainda a figura de Nicodemos, o qual contribui no sepultamento de Jesus.

3. A RESSURREIÇÃO: ANÚNCIO DA VITÓRIA

No primeiro dia da semana, o mistério acontece. Os Evangelhos estão em sintonia: um grupo de mulheres desloca-se para o sepulcro. São as primeiras pessoas a regressar desde que o corpo ali fora colocado. Marcos narra que ao chegarem ficaram surpreendidas por verem removida a pedra do sepulcro. Dentro estava um jovem de vestes brancas. De Jesus não há sinal. O sujeito dá-lhes a boa-nova de que Ele ressuscitou. (cf. Mc 16, 1-6) Já não se encontra encerrado numa morada de mortos. Seria ocasião para espanto?

A Ressurreição fora anunciada por Jesus de forma direta, pelo menos por três vezes.²⁶³ Também indiretamente, pelos seus ensinamentos acerca da perseguição: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma.” (Mt 10, 28a); “Quem procura ganhar sua vida, vai perdê-la, e quem a perder vai conservá-la.” (Lc 17, 33)²⁶⁴ Fora proclamada em primeiro lugar às mulheres que assistiram à crucifixão e que se mantiveram no Calvário até ao fim (cf. Mc 15, 40; 16, 1). Trata-se de um episódio em que é dado às mulheres um lugar de destaque. Dá-se a conhecer a proposta de que também elas tomem uma parte ativa na Igreja. Não nos esqueçamos de que a Lei judaica não atribuía a credibilidade à mulher como testemunha pública. Pela renovação de todas as coisas, elas são chamadas à evangelização, integradas como anunciadoras da Ressurreição.²⁶⁵ O jovem ordena-lhes que dêem aos discípulos a informação de que vão ao encontro do Mestre na Galileia, o lugar onde Ele dera início à pregação. O Ressuscitado deseja encontrar-se com aqueles que o abandonaram na sua Paixão. Isto faz da ressurreição o momento do perdão e da misericórdia divina. O *Evangelho segundo São Marcos* terminaria com o anúncio às mulheres, as quais fogem do sepulcro envolvidas pelo medo. Encarregues de levar a notícia aos discípulos e de os informar acerca de para onde deveriam seguir, fazem o contrário de quanto lhes fora pedido. A parte restante, conhecida

²⁶³ Primeiro anúncio da Ressurreição : cf. Mt 16, 21; Mc 8, 31; Lc 9, 22. Segundo anúncio: Mt 17, 22-23; Mc 9, 31. Terceiro anúncio: Mt 20, 18-19; Mc 10, 33-34; Lc 18, 31-33.

²⁶⁴ Cf. H. SCHÜRMAN, *Comment Jésus a-t-il vécu sa Mort?*, 45.

²⁶⁵ Cf. C. OSIEK, “The women at the tomb: What are they doing there?”, *HTS Theologese Studies/Theological Studies* 53 (1997) 112; 116.

como o final longo de *Marcos*, terá sido adicionada mais tarde, segundo nos revelam os estudiosos.²⁶⁶ Parece que o terceiro Evangelho, primeiro a ser redigido, termina de uma forma que deixa o leitor desapontado. O final longo terá sido uma procura da Igreja de completar com o dado da fé, o que ficou por dizer.

Lucas e João apresentam figuras de apóstolos que se deslocam ao túmulo para aferir o anúncio das mulheres. Encontram apenas os lençóis (cf. Lc 24, 12; Jo 20, 6-7). A comprovação dos discípulos é consciência de que a ressurreição de Jesus englobou o seu corpo, o qual se pode tocar (cf. Mt 28, 9; Lc 24, 39; Jo 20, 24-27). Alguns estudiosos focam a imagem de Lázaro, envolto em faixas e com a face coberta pelo sudário, necessitado de apoio para que o libertassem dos laços da morte (cf. Jo 11, 44). Por sua vez, Jesus deixa todos os vestígios mortais para trás. Ele é vencedor e, segundo Hipólito, a sua veste é a imortalidade.²⁶⁷

Com a ressurreição de Jesus, o Pai declara-O como o Messias. A morte não é o fim, mas é parte substancial da história de Deus com os homens, cuja aliança perdura pelos séculos. O fiel tem como missão expandir o Reino de Deus pelo mundo, de modo a que o poder do mal seja superado.²⁶⁸ Jesus vence a morte. Ressuscita e aparece a muitos dos seus discípulos, os quais se tornam suas testemunhas no mundo. Com Ele, é dado um novo significado à ressurreição. Deixa de ser vista como justiça e resultado de uma retribuição pelos atos do fiel. Passa a uma tônica de esperança na participação pessoal da ressurreição de Jesus Cristo.²⁶⁹ A ressurreição é a boa-nova sem a qual o Evangelho perde toda a sua consistência. Ivan Karadža dá conta do problema: “Eliminar o elemento da ressurreição da fé é destruir o crente.”²⁷⁰ Jesus dá uma resposta a toda a discussão do seu tempo acerca do fenómeno de voltar à vida.

²⁶⁶ Cf. E. BIANCHI, *Jesus de Nazaré: Paixão, Morte e Ressurreição*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2011, 72.

²⁶⁷ Cf. D. A. SMITH, «“Look, the place where they put him”», 4-5.

²⁶⁸ Cf. S. DOWD & E. S. MALBON, “The Significance of Jesus’ Death in Mark”, 297.

²⁶⁹ Cf. A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, 49.

²⁷⁰ I. KARADŽA, “Paul’s Understanding of Death”, 169 [Texto original em inglês: “To eliminate the element of resurrection from faith is to destroy the belief.”]

CAPÍTULO III

“VIVER É CRISTO E MORRER É LUCRO”: PAULO NO SEGUIMENTO DE CRISTO

“θάνατος”, segundo a lógica paulina, diz respeito ao fim da existência humana física e terrena. Fiel à tradição veterotestamentária, nega que seja do âmbito do natural e crê que a causa para o seu aparecimento foi o pecado. Por consequência do mal, todo o “κόσμος” é abarcado pelo “império da morte”²⁷¹. Nunca foi da vontade de Deus, o qual é a vida em abundância. Todo o homem perecerá. Paulo aborda o mistério do fim da vida por meio do recurso estilístico da personificação. Assume-o como a figura terrível do mais poderoso dos inimigos. Uma certeza subsiste: ele será submetido por Cristo no fim dos tempos (Cf. 1 Cor 15, 26). Alheio ao medo, Paulo sobressai a grandeza de morrer pelos outros e coloca a cruz de Cristo no centro da reflexão.

Para o Apóstolo dos gentios, a esperança reside na Ressurreição de Cristo. O encontro pessoal com o Ressuscitado operou uma reviravolta na sua vida. O encontro com os Apóstolos de Cristo fá-lo fortalecer a sua fé e inteirar-se da tradição cristã. Tem conhecimento de que Cristo apareceu vivo a Cefas e em seguida aos doze Apóstolos. Depois, a uma multidão, o que é uma prova de autenticidade. Ainda a Tiago e mais tarde a um grupo alargado de Apóstolos. Paulo apresenta-se como a última testemunha, o que lhe confere a autoridade para proclamar o Evangelho. Assume com toda a propriedade o nome de Apóstolo, anunciador da Morte e da Ressurreição do seu Senhor (cf. 1 Cor 15, 4-9).²⁷²

²⁷¹ J. J. SCOTT, Jr., “Life and Death”, in G. F. HAWTHORN; R. P. MARTIN (ed.) & D. G. REID (ed. ass.), *Dictionary of Paul and His Letters*, Intervarsity Press, Leicester, 1993, 554. Tradução da língua inglesa para a portuguesa da expressão: “reign of death”.

²⁷² Cf. KARADŽA, I., “Paul’s Understanding of Death”, *Kairos - Evangelical Journal of Theology* 8 (2014) 164. Na *Carta aos Filipenses*, Paulo revela a sua identidade judaica: “...circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel,

1. EXPIAR O PECADO, SUPRIMIR A MORTE

O pecado é entendido como ato da liberdade humana. Marca o corte na comunhão entre Deus e o homem. O sujeito dá prevalência ao seu itinerário e como que esquece o projeto divino. Ao pecar, a relação com o próximo sofre um impacto e também a própria Criação é afetada. Dá-se um distúrbio na ordem do mundo.²⁷³ A morte impõe-se como castigo do pecado. O homem, como pecador, está sujeito a perecer.

Na *Primeira Carta aos Coríntios*, Paulo identifica a Lei como veneno mortífero: “O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei.” (1 Cor 15, 56) Para a tradição judaica, o cumprimento da Lei é promessa de vida. Resulta do esforço na prática das prescrições. Paulo defende que o merecimento da eternidade não se pode basear simplesmente nas forças do homem, nem num conjunto de regras. Pela Lei, o sujeito deixa o projeto do Criador e decide viver abandonado a si. Leva ao extremo a consciência de ser livre e incorre num excesso de confiança nas suas capacidades. De facto, o ser humano não tem poder sobre a morte. A sua missão consiste em buscar a glória de Deus, na qual encontrará a salvação.²⁷⁴

O Apóstolo acusa a Lei de ser muralha divisora da humanidade. Por ela, judeus e gentios vivem em estado de inimizade. A gravidade acentua-se no facto de que a aliança de Moisés perspectivava a condenação dos gentios. Se a salvação está numa adoração a Iahweh que envolva toda a vida, a totalidade dos não judeus estaria votada ao anátema. Suportará Deus a realidade dos separados e a perdição de grande parte da humanidade?

Para se libertar a condição humana da sua antiga natureza, era necessário que alguém morresse para o pecado. Deus tomou a iniciativa de enviar o seu Filho ao mundo e manifestou a imensidão do seu amor:

da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu.” (Fl 3, 5) Como fariseu, Paulo teria antecipadamente as bases para crer na ressurreição.

²⁷³ Cf. J. B. GREEN, “Death of Christ”, in G. F. HAWTHORN; R. P. MARTIN & D. G. REID (eds.), *Dictionary of Paul and His Letters*, Intervarsity Press, Leicester, 1993, 207.

²⁷⁴ Cf. R. BULTMANN, “θάνατος”, in G. KITTEL & G. FRIEDRICH, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. IV, Paideia, Brescia, 1968, 183-184.

“Foi, com efeito, quando ainda éramos fracos, que Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios. – Dificilmente alguém dá a vida por um justo; por um homem de bem talvez haja alguém que se disponha a morrer. – Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo facto de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores. Quanto mais, então, agora, justificados por seu sangue, seremos por Ele salvos da ira” (Rm 5, 6-9)

O amor divino é sem medida. O homem não é capaz de o conceber. Cristo morreu por quantos se deixavam levar pelo mal e se encontravam afastados de Deus. Humanamente impensável. Tomou as culpas de todos e morreu em lugar dos culpados. Na sua morte, se encontrou a abundância de vida para todos.²⁷⁵ Em suma, a morte de Jesus apresenta-se como o ponto culminante e síntese de toda a sua vida terrena. Ele viveu sempre na obediência a Deus e não esqueceu a sua identidade de Filho. Encarou a rejeição de quantos o rodeavam, o sofrimento que lhe infligiram e a ignomínia da morte por crucifixão. Tudo lhe fora possível, porque muito amou. Anulou a morte e destinou ao homem a salvação. Paulo dá-nos uma explicação através do contraste entre Jesus e o “Adam”:

“Por conseguinte, assim como pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só, resultou para todos os homens justificação que traz a vida. De modo que, como pela desobediência de um só homem todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos. Ora, a Lei interveio para que avultasse a falta; mas onde avultou o pecado, a graça superabundou, para que, como imperou o pecado na morte, assim também imperasse a graça por meio da justiça, para a vida eterna, através de Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5, 12-20)

A opinião de Paulo é que a morte não pode ser entendida como desenlace natural. Esta possibilidade não daria lugar a uma história da salvação. Se por outro lado concebemos que a morte vem do pecado, deduzimos que a imortalidade pode ser retomada. Albert-Louis Descamps especifica-o: “...o pecado, ato livre, não tem a inflexibilidade de uma lei da natureza; ele pode ser expiado, logo, superado; ele pode dar lugar a uma nova santidade e,

²⁷⁵ Cf. J. B. GREEN, “Death of Christ”, 206.

como tal, a morte pode dar lugar a uma vida recuperada.”²⁷⁶ Cristo viveu sem mácula alguma, sempre em estreita união ao Pai e morreu em resgate da humanidade. Por isso, saiu vitorioso da morte. N’Ele, o homem foi redimido e prontificado para aceder a uma nova vida.

No mesmo excerto de Rm 5, Paulo promulga que a Lei, fonte de pecado e muralha entre judeus e gentios, fora derrubada. Recordado do destino de morte que recai sobre todos os não judeus, Paulo compreende que a Lei não bastaria por si só. Tornara-se aniquiladora. A fé em Jesus Cristo conduz o Apóstolo ao encontro de todos os povos para lhes dar a conhecer a verdade. A salvação é para os judeus e os gentios, sem distinção. Deste modo, afirma: “Foi Ele (Deus) quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova, não da letra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida.” (2 Cor 3, 6) Manifesta-se um contraste entre a Lei, que conduz à morte, e o Evangelho, fonte de vida.²⁷⁷ Não há como negar a importância que tem a Torah para os crentes. Ela continua a resplandecer de glória como Palavra de Deus que é. Destaque-se o rosto fulgurante de Moisés, quando saía do encontro com Deus. É a imagem da glória, a qual em hebraico se diz “כְּבוֹד” e corresponde à manifestação da presença divina no meio do mundo.²⁷⁸ Todavia, Paulo associa a Lei ao ministério da morte, dada a sua inacessibilidade face aos gentios. Moisés pusera um véu para que os israelitas não vissem o seu rosto. O conhecimento velado consiste na Lei, restrita aos judeus. Escondia-se para que não percebessem que aquele brilho era passageiro (cf. 2 Cor 3, 13). Só em Cristo é que a Torah pode ser elevada à plenitude. Paulo apresenta-se aos coríntios como aquele que desvela o rosto. Nada quer ocultar do que diz respeito à glória. Assim, dignou-se trabalhar pela união dos separados. Pela oferta do seu Corpo e Sangue, Cristo

²⁷⁶ A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, 35 [Texto original em francês: “... le péché, acte libre, n’a pas l’inflexibilité d’une loi de nature; il peut être expié, donc surmonté; il peut faire place à une nouvelle sainteté et, du coup, la mort peut faire place à une vie recouvrée.”].

²⁷⁷ Cf. P. B. DUFF, “Glory in the Ministry of Death: Gentile Condemnation and Letters of Recommendation in 2 Cor 3, 6-18”, *Novum Testamentum* 46 (2004) 313; 315. Paulo não pretende inferiorizar o Judaísmo, nem a Torah, nem a forma como os judeus a lêem e interpretam. Numa epístola à Igreja de Corinto, que brotara da gentilidade, o Apóstolo pretende salientar que a condição dos gentios se alterou substancialmente.

²⁷⁸ Cf. *Ibidem*, 318.

reconciliou toda a realidade com Deus. Na Igreja, todos encontram lugar. Judeus e gentios formam um só povo e tomam parte na família dos filhos de Deus.

Pela sua diligência, Deus Pai fez brotar da morte e ressurreição de Cristo um Sacramento de salvação para toda a humanidade. O Batismo. Nele presenciamos a morte para o homem velho e o renascimento como nova criatura. Paulo explica o mistério:

“Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto, pelo Batismo nós fomos sepultados na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova.” (Rm 6, 3-4)

Todos os fiéis cristãos foram sujeitos a morrer com Cristo, quando imersos nas águas batismais. Pela emersão, ressuscitaram com Ele para uma vida nova. O batizado não morrerá. Já passou da morte à vida.²⁷⁹ Morreu para o pecado e vive para Deus.²⁸⁰ A “ζωή”, a “vida”, não se atém à simples existência física, mas corresponde a um único tipo de vida, que chega ao homem pela fé em Cristo e união a Ele. Tem início no presente e abre a pessoa à eternidade, numa mesma existência. Participa num encontro sem fim com o Salvador.

O cristão deverá permanecer vigilante, para não cair em tentação. A sua condição humana não deixa de estar envolvida pela corruptibilidade. Poderá cometer o pecado e regressar ao domínio da morte. É chamado a optar sempre pela vida espiritual. Nela foi inserido e para perseverar há-de seguir a proposta de Jesus. A vida no Espírito transpõe todas as fronteiras da morte física.²⁸¹ Propaga-se pela eternidade.

²⁷⁹ Cf. R. BULTMANN, “θάνατος”, 186-190.

²⁸⁰ Cf. J. J. SCOTT, Jr., “Life and Death”, 554.

²⁸¹ Cf. *Ibidem*, 555.

2. CRUZ DE CRISTO: EVANGELHO DE PAULO

A morte de Cristo ocupa um lugar central no Evangelho de Paulo. A cruz é o caminho que Deus providenciou para a salvação humana. É o sinal da vida nova, que o Cristianismo proclama pela pregação dos Apóstolos. Se os escritos paulinos coincidem com as primeiras produções literárias dos cristãos, é possível reconhecer que a Teologia da Cruz é o centro da fé cristã, logo nos primeiros tempos da Igreja. O Evangelho segundo São Paulo não é mais que a cruz de Cristo. Deste modo se operou uma profunda “conversão teológica”²⁸²:

“Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.” (1 Cor 1, 22-24)²⁸³

Em Cristo, a cruz perde o sentido de maldição. Desvela-se como sinal salvífico. Ele cumpre os desígnios de bondade do Pai, o qual não esquecera a humanidade submersa. Paulo demonstra, na *Segunda Carta aos Coríntios*, a singularidade da morte de Jesus: “Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por Ele, nos tornemos justiça de Deus.” (2Cor 5, 21) O Filho de Deus não morre por consequência do pecado, mas como mandato recebido do Pai. A “θάνατος” reveste-se de um caráter criativo. Está entre os planos divinos para a salvação humana. Desta novidade brota a ressurreição, pela qual Jesus Cristo resplandece, para toda a Criação, como o Senhor da Morte e da Vida.²⁸⁴

O medo de morrer escraviza. Impede a serenidade no acolhimento da vontade divina. Paralisa e põe obstáculos à salvação. É por isso venenoso e nocivo. Pode até levar o homem a

²⁸² J. B. GREEN, “Death of Christ”, 201-202.

²⁸³ A Cruz como símbolo da fé cristã não é compreensível por aqueles que não crêem em Cristo. É uma realidade envolta num sem sentido. Aos judeus e aos gentios, juntar-se-ão os muçulmanos. Diz-nos Enzo Bianchi: «Eles têm Jesus, no Alcorão, por um profeta; Ele é venerado no seio do Islão, visto até como Messias e confessado como tal. Diz-se que, no fim dos tempos, Ele virá em glória, como também nós – os cristãos – o afirmamos. Mas, quando descreve o momento da Paixão de Jesus, o Alcorão, na quarta *sura*, versículo 157 e seguintes, diz: “Mas, enquanto o levavam para ser condenado, a uma dada altura, um outro, que se parecia com ele como uma gota de água, tomou o seu lugar e foi crucificado.” Segundo o Alcorão, não era possível crucificar Jesus: um verdadeiro profeta e Messias.» (E. BIANCHI, *Jesus de Nazaré*, 66.)

²⁸⁴ Cf. R. BULTMANN, “θάνατος”, 188-189.

um relaxamento total, que é quase desistência de viver: “Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos.” (1 Cor 15, 32b) Firme nesta via, o sujeito refugia-se nos prazeres que se lhe apresentam, de modo a escapar à reflexão sobre a morte e à consciência de que um dia perecerá. Fortalecido pela entrega de Cristo e movido pela sua confiança total no Pai, o cristão não se deixa vencer pelo medo. O crente poderá se submetido à experiência de perigo, em que a esperança de viver se vê ameaçada. O caminho certo é que se aposte todo o ser em Deus. Só Ele tem a capacidade de dar vida e n’Ele, o homem está seguro. Paulo dá testemunho de como ser imagem de Cristo nas tribulações: “Incessantemente e por toda a parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a agonia de Jesus seja também manifestada no nosso corpo.” (2 Cor 10) Sempre que se sente em perigo de morte, o fiel pode identificar em si a presença de Jesus, servo sofredor. Não há que temer que a realidade exterior se perca (cf. 2 Cor 4, 16). O homem velho morre com Cristo para dar lugar à Ressurreição de todo o ser. Trata-se de uma nova criação (cf 2 Cor 5, 17).²⁸⁵ Se o que se segue é a plenitude da existência na eternidade, o que haverá a temer?

A Igreja constitui a sua conduta a partir da Teologia cruciforme. No trajeto cruz-morte-ressurreição, pressupõe-se que o cristão esteja pronto a morrer todos os dias. É chamado a seguir a vontade de Deus e sobrepô-la à sua. Com o seu consentimento aos desígnios divinos, a sua vida passa a estar inteiramente direcionada para Deus e para os seus semelhantes. De tal forma se une a Cristo no seu íntimo, que a vida do seu Senhor tem continuidade na sua: “Agora me alegro nos sofrimentos suportados por vós. O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu corpo que é a Igreja.” (Cl 1, 24) A comunidade eclesial apenas obterá um discurso teológico credível, na medida em que for para o mundo um testemunho cruciforme. No sofrimento por amor, sentir-se-á participante das dores do Crucificado. Completará na sua carne o que falta à Paixão do Senhor.²⁸⁶

²⁸⁵ Cf. C. E. FAW, “Death and Resurrection in Paul’s Letters”, *Journal of Bible and Religion* 27 (1959) 292-293.

²⁸⁶ Cf. J. B. GREEN, “Death of Christ”, 208.

A Teologia cruciforme encontrou o ambiente favorável na Igreja primitiva. A razão terá sido a oposição ao Evangelho e a forte perseguição aos discípulos, desde os primeiros instantes. No fundo, os cristãos enfrentavam a constante ameaça de morte, ancorados no testemunho do Crucificado.²⁸⁷ É possível a esperança. Consciente da ressurreição de Cristo, a comunidade eclesial compreende o sentido do sofrimento e vive-o no plano da salvação.

3. A MORTE: INAUGURAÇÃO DE UMA NOVA ERA

As cartas de Paulo permitem-nos entrever um desenvolvimento progressivo do seu pensamento em relação à morte. Na *Primeira Carta aos Tessalonicenses*, considera a proximidade da “παρουσία”. Coloca-se no conjunto daqueles que não teriam perecido até ao dia derradeiro: “Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram.” (1 Ts 4, 15)

Na *Primeira Carta aos Coríntios*, surge informação semelhante. Passou algum tempo após ter escrito aos cristãos de Tessalónica, o que significa que a segunda vinda de Cristo estaria iminente: “(...) num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados.” (1 Cor 15, 52) Especifica como se dará a ressurreição dos mortos. Diz que o ser humano poderá ver recuperada a sua integridade. O corpo e a alma, que compõem a essência humana, tornarão a unir-se. A corporeidade do sujeito será a mesma com a qual foi criado e que se deteriorou na morte. Será renovada por Deus e assumirá o carácter de corpo glorioso, semelhante ao do Filho de Deus. (cf. 1 Cor 15, 39-49)

É na *Segunda Carta aos Coríntios* que Paulo começa a compreender que a vinda de Cristo para julgar o mundo haveria de suceder mais tarde. Apresenta o seu desejo de morrer

²⁸⁷ Cf. J. B. GREEN, “Death of Christ”, 202.

para habitar na plenitude de Deus. Está consciente de que na existência terrena deverá cumprir a vontade divina como preparação da eternidade (cf. 2 Cor 5, 8-9). Na *Carta aos Filipenses*, a possibilidade de um fim dos tempos tardio efetiva-se:

“Minha expectativa e esperança é a de que em nada serei confundido, mas com toda a ousadia, agora como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo, pela vida ou pela morte. Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Mas, se o viver na carne me dá ocasião de trabalho frutífero, não sei bem que escolher. Sinto-me num dilema: meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa. Convencido disso, sei que ficarei e continuarei com todos vós, para proveito vosso e para alegria de vossa fé, a fim de que por mim – pela minha volta entre vós – aumente a vossa glória em Cristo Jesus.” (Fl 1, 20-26)

Para aquele que crê em Jesus, a morte não é o fim. Consiste no começo: a comunhão com Deus, no Paraíso. Aurora de uma nova vida. Para quem anseia pela eternidade, o encontro imperfeito do hoje não basta. Arde no desejo da plenitude. O cristão reconhece que tudo o que diz respeito à vida é passageiro. Aspira ao encontro com Cristo, no seu Reino. Participará da existência divina e acolherá a imortalidade que dela brota. Paulo reconhece que a morte do sujeito não o separa de Deus. A sua essência é conservada, como tesouro, nas mãos divinas.²⁸⁸ Por isso, “morrer é lucro”. Contudo, não deverá esmorecer em vida, nem cair na negligência. Manter-se-á útil a Deus, no cumprimento da sua vontade. O seu quotidiano dá muito fruto se para ele “viver é Cristo”.

PASSAGEM DE TESTEMUNHO

A Sagrada Escritura comprova que a morte é um mistério. Os sentidos humanos não dizem tudo sobre ela. A fé completa aquilo que os olhos não vêem, os ouvidos não ouvem, as mãos não palpam. Entre a tradição de Israel, Jesus Cristo, o Enviado de Deus, e Paulo,

²⁸⁸ Cf. A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, 59.

apóstolo e teólogo cristão, muitas informações nos são oferecidas. No fim desta primeira parte, recordemos sucintamente os temas abordados.

O israelita põe a questão de porque será que existe a morte. Qual a sua causa? Uma das explicações pode ser a transgressão do primeiro homem e da primeira mulher. Perderam a imortalidade e com eles toda a sua descendência. Outros assumem a morte como desenlace natural. Todas as coisas estão sujeitas a uma cadência progressiva. Também o homem estaria destinado a morrer. Albert-Louis Descamps sintetiza as duas teses: com cuidado, poderá dizer-se que terá havido um momento em que os antepassados mais longínquos do ser humano enveredaram pelo pecado.²⁸⁹ Foi transmitido a todo o género humano e a toda a Criação. Estaria alojado na sua essência. Paulo retoma a tese da culpa atribuída ao primeiro homem. Afirma que Jesus é o homem novo, que vem quebrar o destino de morte em que a humanidade incorreu. A sua morte e ressurreição vieram restituir a vida ao género humano. De acordo com a explicação paulina, podemos concluir com Descamps que a morte, ao limite, não pode ser tomada como desenlace natural. Se fosse uma lei da natureza, seria uma imposição inalterável e não daria lugar a uma redenção.

Atento ao fenómeno da morte, o israelita não esquece que voltará ao pó da terra, de onde Iahweh o formou. Tem consciência de que a morte é caminho necessário a trilhar e toda a sua vida servirá de preparação para ela. Dará tanto fruto quanto mais se dispuser à fidelidade perante a Lei. Ela é itinerário para a perfeição. Quem vive no seu cumprimento alcançará uma “boa morte”. Jesus Cristo completa a Lei com o mandamento novo do amor. Supera a interpretação dos escribas e fariseus, os quais a cingiam a um mero cumprimento de normas. O Filho de Deus revela que o homem não terá a salvação pelas suas próprias forças. Só o Pai a poderá dar. Jesus defende a construção do Reino de Deus, no conhecimento de que correria perigo de vida. Não desiste, porque o Pai o acompanhará para a eternidade. O homem,

²⁸⁹ Cf. A.-L. DESCAMPS, “La Mort selon l’Écriture”, 28.

consciente de que morrerá, há-de viver de acordo com o Deus no qual crê. Ele é Amor. A conduta perfeita de vida é a da entrega ao outro. Morrer para si mesmo e doar-se aos desígnios de Iahweh. Paulo alerta que a Lei por si só conduz a um fechamento em si e numa rejeição daquele que é diferente. Com a “lei de Cristo”, o discípulo viverá uma contínua saída de si para se dar. Assim, se predispõe para levar o Evangelho aos confins do mundo.

Diante da morte dos outros e daqueles que lhe são próximos, o israelita faz luto. Assume gestos semelhantes aos da penitência, recordado da sua finitude e do seu estado de pecador. No luto, prepara a sua própria morte. Firme em Iahweh, fortalecer-se-á na resiliência. Esta é a virtude de quem ultrapassa a tribulação e a angústia. Pela descoberta de sentido que lhes é inerente, avança com ânimo para o depois. Jesus lê os sinais da sua vida e descobre que será sujeito a uma morte violenta. A sua prioridade é permanecer unido ao Pai e cumprir o mandato que d’Ele recebeu: o anúncio do Reino. Toda a sua vida é imagem do amor e da misericórdia de Deus. Suspenso na cruz, testemunha-o até ao último segundo. Perdoa o ladrão e promete recebê-lo no Paraíso. Suplica a Deus que esqueça o pecado daqueles que lhe tiram a vida. Dá-se até ao fim. Ama infinitamente.

Durante o tempo em que andou com os discípulos, mostrou-lhes o caminho da cruz. Se o Mestre o haveria de seguir também os verdadeiros seguidores eram chamados a tal entrega: “Não existe discípulo superior ao mestre; todo o discípulo perfeito deverá ser como o Mestre.” (Lc 6, 40) À Paixão de Cristo une-se a Paixão da Igreja. Paulo apresenta a cruz como centro da fé cristã, o que é causa de repúdio para quantos estão fora. À imagem de Jesus, o cristão não deseja a dor pela dor. Entende que ela é via para o pleno testemunho de amor e dádiva de si ao próximo. É resiliente por excelência aquele que centraliza a cruz na sua vida.

O israelita entende que tem o dever grave de dar sepultura aos mortos. Dá-lhes uma morada como possuem os vivos. O sepulcro torna-se um monumento. Um lugar de memória contra o esquecimento natural que a morte produz. Jesus morre no madeiro, despojado de

tudo. O bom senso leva a que ofereçam um espaço para o seu cadáver. A ele acorrem algumas mulheres, movidas pelo luto. Com uma rocha inamovível, é encerrado o corpo de Cristo no sepulcro. Na escuridão, jaz toda a sua missão e propósito. Não será para sempre.

As opiniões em Israel sobre a ressurreição variam. A visão do corpo em decomposição dificulta a muitos crer na ressurreição. Dissolvido o corpo, que é parte da essência humana, como poderia o homem reviver? Entre outros, surge a consciência da morte como missão. Se o sujeito se entrega nas mãos de Iahweh e em seu nome, Ele, que tudo pode, não o deixará perecer para sempre. Resta a esperança. Deus Pai confirma o pensamento de muitos e pela sua onipotência ressuscita o Salvador. Esta certeza repousa no sepulcro vazio e na proclamação da boa-nova. A morte de Jesus renova todas as coisas. Os pagãos confessam-no como Filho de Deus. As mulheres, encarceradas pela chave da cultura e da época, são chamadas à evangelização. Paulo recorda o tempo em que foi perseguidor da Igreja. Conta que a experiência de encontro com o Ressuscitado desconstruiu substancialmente a sua vida. Encontrou uma nova ordem: a Cruz. Anuncia que o cristão pelo Batismo morreu para o pecado e ressurgiu com Cristo para a eternidade. Foi inserido numa nova existência que o marca para sempre.

Jesus revela a morte como a cruz que Ele abraça. Já não é instrumento de suplício. É condição necessária para a salvação. O medo do desconhecido invade o homem. Será o amor a esmagá-lo. Seja a morte física, seja a morte mística. Importa saber-mos parte de um corpo que é a humanidade. Ou mais ainda, a Igreja. A fé na ressurreição enche o sujeito de ânimo e prontifica-o para qualquer angústia. A solidão absoluta não existe. Deus está. E vence.

FINAL

Aproximando-nos do final da nossa reflexão cabe-nos entrecruzar os dois eixos que pautaram este nosso empreendimento de pesquisa, tanto o da Literatura, como o da Teologia. Propomo-nos realizá-lo de um modo direto, partindo de duas questões. Num primeiro momento, perguntaremos: o que traz de desafio à Teologia a obra literária de José Luís Peixoto? E numa segunda etapa: que oferece a Teologia à literatura de Peixoto que lhe permita ampliar a sua reflexão sobre a morte e sobre o destino humano?

Comecemos então pelos desafios do texto literário analisado à teologia. Enumeramos quatro desafios fundamentais:

- 1) Um contributo inicial que o tríptico de José Luís Peixoto traz à Teologia é uma espécie de “deseclipsar” da morte. Vivemos numa sociedade em que impera uma ocultação do morrer. As pessoas não morrem em suas casas, onde poderiam ser acompanhadas de mais perto por familiares e amigos. O óbito tem lugar num espaço neutro, o hospital, e vem confiado ao cuidado profissional de uma equipa médica, longe da visibilidade pública e de uma rede social. A morte tornou-se um tabu, sobre o qual se silenciam os detalhes. O problema deste comportamento cultural é que dissocia a morte da vida e fragmenta a identidade do homem, enquanto ser para a morte.
- 2) Um segundo tópico, prende-se com o desafio à Teologia para que não atue apenas num plano abstrato, conceptual e desencarnado, mas encare a morte como o grande drama humano (e nesse sentido, também como o drama religioso central). De facto, a operação de desdramatização da morte levada a cabo pela escatologia cristã, leva a que a teologia parta frequentemente para respostas automáticas sobre o sofrimento e a morte, respostas que não deixam de ser, no fundo, uma forma de escapismo, pois removem demasiado depressa a inquietação humana. A verdade é que a Sagrada Escritura não se isenta das descrições de mortes, com a crueza que lhes é própria.

Tenhamos presentes os relatos da agonia no Horto das Oliveiras e da Paixão de Jesus. Ou as lágrimas a escorrer-Lhe pela face, ao deparar-se com Lázaro morto, seu amigo. É claro que a entrega de Jesus tem um significado que cobre de sentido o mistério da morte. Contudo, o discurso teológico não se pode circunscrever à meta: há de ter presente o longo caminho a percorrer. O radical sofrimento perante a morte ou no interior da escura travessia do luto são factos intrínsecos à história humana. José Luís Peixoto faz uma reivindicação contra a cosmética ou o olvido do morrer.

3) Em terceiro lugar, o escritor de Galveias contribui para a sedimentação de uma fenomenologia do humano, até ao fim. A alma não substitui a corporeidade. Os romances de Peixoto falam detalhadamente do corpo como tesouro cuja memória é inapagável. Nesse sentido, chamam a Teologia à razão, para que valorize mais a corporeidade, para que a integre de uma forma mais harmoniosa no seu discurso. O autor promove uma purificação da reflexão teológica, para que não se circunscreva a um centramento na alma. Os ritos fúnebres e o luto que nos impele a visitar a sepultura são, por exemplo, momentos de dignificação do corpo, e aí tanto Peixoto como a liturgia cristã coincidem.

4) O quarto ponto em que se desafia a Teologia consiste no envio do leitor para o interior do sepulcro. É na escuridão e no silêncio da morte que se dá o principal diálogo do homem. Em *Morreste-me*, o narrador como que é capaz de ver o corpo do pai, nas profundidades da terra. Descreve-o com detalhe, como se entre o observador e o observado estivesse simplesmente uma redoma de vidro.²⁹⁰ Mais: como se ele estivesse lá dentro. Em *Nenhum Olhar*, Elias morre de desgosto ao deparar-se com a morte do seu gémeo Moisés. É sepultado no mesmo local que o irmão. No mesmo féretro. O diálogo incessante, fraterno, tem continuidade no sepulcro.²⁹¹ O protagonista

²⁹⁰ Cf. J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 52: “Cheguei onde sei que estás, onde ficas, ficaste; onde estás, sob uma campânula de tempo cristalizado, tempo que não passa, mármore.

²⁹¹ Cf. IDEM, *Nenhum Olhar*, 104.

de *Uma Casa na Escuridão* sente o ardor de se encontrar com a sua amada, morta sepultada. Desenterra o seu corpo, contempla-o, beija-o. O diálogo dentro do sepulcro atribui à vida um profundo realismo. O sepulcro é o lugar da interrogação interminável da existência. Ora, não é por acaso, que o mistério pascal de Jesus se tateia no interior do sepulcro: “Então Pedro saiu com o outro discípulo, e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. E, abaixando-se, viu no chão os lençóis; todavia não entrou. Chegou, pois, Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro” (Jo 20,3-6).

Invertamos agora as posições. A Teologia representa também, no diálogo com a obra narrativa de José Luís Peixoto, um desafio importante. Enumeraremos também quatro possíveis pontos de reflexão.

1) Antes de tudo, a teologia e a tradição cristãs oferecem ao escritor uma linguagem para abordar a morte. Há uma representação do morrer e do luto, mesmo nas sociedades secularizadas, que constituem uma clara ressonância do cristianismo. Veja-se, por exemplo, o recurso que Peixoto faz ao universo bíblico para a escolha dos nomes das personagens de *Nenhum Olhar*. São-lhes conferidos papéis que os aproximam dos correspondentes escriturísticos. Sejam através dos espaços onde a narrativa decorre²⁹² e dos paralelos com o deserto e com as tentações do diabo, sejam através da citação de Salmos no início de cada capítulo, em *Uma Casa na Escuridão*. A Bíblia funciona como um repositório literário e hermenêutico para Peixoto, concede-lhe um léxico, um estaleiro de imagens.

2) O segundo contributo da Teologia está bem patente em *Morreste-me*, na meditação do narrador descrita como um suspiro: “E pensei não poderiam os

²⁹² Cf. M. L. PINHO, *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar*, 24.

homens morrer como morrem os dias?”²⁹³ O desejo mais profundo do homem é a vida. A interrogação ressoa como um desejo de que morte não seja o fim. Subjaz assim a aspiração a uma qualquer forma de eternidade. Não é por acaso, que se entrevê na paisagem do real uma “luz fina” que a atravessa²⁹⁴: trata-se do pai, que na sua ausência se faz presente em tudo. A Teologia cristã é um propulsor desta esperança. Do mesmo modo, em *Nenhum Olhar*, subsiste uma questão: o desfecho do romance será, de facto, o fim? Detenhamo-nos numa das últimas expressões: “A morte não existia no meio de todas as coisas mortas. Não existiam os cadáveres. Tinha morrido a memória da morte.”²⁹⁵ Na literatura de Peixoto pulsa uma tensão que a Teologia cristã conhece bem: de que forma se pode realizar a vitória sobre a morte?; Se a morte morre, não poderemos nós esperar um ressurgir? Também as últimas palavras de *Uma Casa na Escuridão* caminham nessa linha. Nos seus segundos derradeiros, o protagonista contempla a imagem da amada, como a mais deslumbrante figura de mulher: “Ela, o seu rosto, diante de mim, as chamas, o fogo, disse amo-te. Como palavras impossíveis e como as únicas palavras. Eu sorri tanto. Fui feliz e, nesse momento morri.”²⁹⁶ Regressa aos ouvidos a expressão do *Cântico dos Cânticos*: “o amor é forte, é como a morte” (Ct 8, 6b). Podemos dizer que a literatura de Peixoto inscreve-se dentro de uma concha acústica, que não se limita a ressoar apenas no aquém terrestre. Como a Teologia, ela supõe o infinito.

3) Em terceiro lugar, a Teologia ajuda-nos a compreender que uma obra como a de Peixoto, mesmo sendo “a-religiosa”, não deixa de constituir uma

²⁹³ J. L. PEIXOTO, *Morreste-me*, 19.

²⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 22.

²⁹⁵ IDEM, *Nenhum Olhar*, 220.

²⁹⁶ IDEM, *Uma Casa na Escuridão*, 253.

espécie de oração. Todo o discurso antropológico que favoreça a hermenêutica do humano é acolhido pela Teologia como convergente. Jesus Cristo é o homem perfeito, que revela ao homem o próprio homem, na plenitude das suas potencialidades.²⁹⁷ O que significa que Jesus é também o Senhor dos não religiosos. Segundo Dietrich Bonhoeffer, estes embora não invoquem explicitamente a Deus, partilham do seu projeto de testemunharem o humano no seio de um mundo desumano.²⁹⁸ Em 1944, Bonhoeffer considera que a tarefa exclusiva de “interpretar religiosamente” era desajustada. A fé cristã não depende de um “*a priori* religioso” que pode habitar ou não o homem. O Cristianismo tem de ser capaz de falar de Deus a partir da finitude humana e da realidade das coisas: “Deus quer ser compreendido por nós, não nas questões sem resposta, mas naquelas que são resolúveis. Isto é válido para a relação entre Deus e o conhecimento científico, mas igualmente para os problemas simplesmente humanos da morte, do sofrimento e da culpa.”²⁹⁹ Cristo falou ao homem por meio da sua Paixão e Crucifixão. Não pela onipotência, mas pela fragilidade. Em Cristo, Deus revela-se como Deus da realidade, a qual tem que ser dita e refletida, como lugar onde Ele se revela.³⁰⁰

4) O quarto desafio que a Teologia pode aproximar da obra literária de José Luís Peixoto prende-se com o conceito de “*Morreste-me*”, essa angústia pela morte do outro que se torna também morte nossa. Nas práticas do luto, o sujeito sente-se impulsionado a encetar um diálogo com o defunto. O dogma cristão, de facto, fala da continuidade da existência para lá do quadro terreno. Paulo afirma

²⁹⁷ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 22.

²⁹⁸ Cf. A. CORBIC, *Dietrich Bonhoeffer: Le Seigneur des Non-Religieux*, Les Éditions Franciscaines, Châteauneuf, 2001, 37.

²⁹⁹ D. BONHOEFFER, *Résistance et Soumission*, Labor et Fides, Genebra, 1973, 321-322 [Texto na versão francesa: “Dieu veut être compris par nous, non dans les questions sans réponse, mais dans celles qui sont résolues. Ceci est valable pour la relation de Dieu et la connaissance scientifique, mais également pour les problèmes simplement humains de la mort, de la souffrance et de la faute.”]

³⁰⁰ Cf. A. CORBIC, *Dietrich Bonhoeffer*, 48-49.

que, no fim dos tempos, Cristo submeterá a si todas as coisas, a morte incluída. Quando tal suceder, Deus será tudo em todos (cf. 1 Cor 15, 23-28). A Teologia concede, assim, ao homem a consciência de que, se existe um além onde a vida persiste a comunhão dos santos é possível.

Estes passos para um diálogo entre a teologia cristã e a obra literária de José Luís Peixoto fazem-nos defender que, também no presente caso, a obra sabe mais do que o artista. Se o autor é perentório a afirmar, “Deus para mim não é uma possibilidade”³⁰¹, a perscrutação teológica da sua antropologia pode, no entanto, levar-nos a compreender os seus romances como um lugar de fronteira.

³⁰¹ PINHÃO, L., “Deus não é uma Possibilidade”.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

Bíblia de Jerusalém, Paulus, São Paulo, 2002.

Novo Testamento Interlinear Grego-Português, Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PEIXOTO, J. L., *Morreste-me*, Quetzal Editores, Lisboa, 2009.

PEIXOTO, J. L., *Nenhum Olhar*, Quetzal Editores, Lisboa, 2010.

PEIXOTO, J. L., *Uma Casa na Escuridão*, Quetzal Editores, Lisboa, 2013.

ESTUDOS

ADNÈS, P., “Mort (Liturgie de la)”, in VILLER, M. ; CAVALLERA, F. & DE GUIBERT, J., *Dictionnaire de Spiritualité : Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, tomo X, Beauchesne, Paris, 1980, 1769-1777.

ARIÈS, P., *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Teorema, Lisboa, 1988.

BARCELLOS, J. C., “Teologia e Literatura”, in CEIA, C., *E-Dicionário de Termos Literários*, in <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/teologia-e-literatura/> [acedido a 26-02-2019].

BIANCHI, E., *Jesus de Nazaré: Paixão, Morte e Ressurreição*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2011.

BONHOEFFER, D., *Résistance et Soumission*, Labor et Fides, Genebra, 1973.

- BOSWORTH, D. A., “Faith and Resilience: King David’s Reaction to the Death of Bathsheba’s Firstborn”, *The Catholic Biblical Quarterly* 73 (2011) 691-707.
- BROVELLI, F., “Exéquias”, in SARTORE, D. & TRIACCA, A. (org.), *Dicionário de Liturgia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1992, 426-436.
- BROWN, R. E., “The Burial of Jesus (Mark 15:42-47)”, *The Catholic Biblical Quarterly* 50 (1988) 233-245.
- BULTMANN, R., “ζάω”: 4. Il concetto di vita nell’A.T.”, in KITTEL, G. & FRIEDRICH, G., *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. III, Paideia, Brescia, 1968, 1427-1474.
- CABRAL, R., “Amizade”, in *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 1, Verbo, Lisboa, 1997, 219.
- COELHO, A. L., «“Eu sou estas personagens”» [Entrevista a José Luís Peixoto], *Público*, 21-10-2000, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/alexandra+lucas+coelho> [acedido a 15-04-2019].
- COELHO, J. C., *As Raízes Terrenas do Perdão em Hannah Arendt*, in http://www.lusosofia.net/textos/coelho_jose_as_raizes_terrenas_do_perdao.pdf [acedido a 11-01-2019].
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação (Dei Verbum)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998, 109-130.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo (Gaudium et Spes)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998, 181-302.
- CORBIC, A., *Dietrich Bonhoeffer: Le Seigneur des Non-Religieux*, Les Éditions Franciscaines, Châteauneuf, 2001.

CUNHA, D. da, *A Amizade segundo São Tomás de Aquino*, Principia, São João do Estoril, 2000.

DESCAMPS, A.-L., “La Mort selon l’Écriture”, in RIES, J., (ed.), *La Mort selon la Bible, dans l’Antiquité Classique et selon le Manichéisme : Actes d’un Colloque de Louvain-La-Neuve*, Louvain-La-Neuve, 1983, 15-89.

DOWD, S. & MALBON, E. S., “The Significance of Jesus’ Death in Mark: Narrative Context and Authorial Audience”, *Journal of Biblical Literature* 125 (2006) 271-297.

DUFF, P. B., “Glory in the Ministry of Death: Gentile Condemnation and Letters of Recommendation in 2 Cor 3, 6-18”, *Novum Testamentum* 46 (2004) 313-337.

DÜRER, A., *São Jerónimo*, ver a pintura em <http://www.museudearteantiga.pt/colecoes/pintura-europeia/sao-jeronimo> [acedido a 15-04-2019].

FALCÃO, M. L., “*Morreste-me*: Recensão”, *Communio* 4 (2009) 483-485.

FAW, C. E., “Death and Resurrection in Paul’s Letters”, *Journal of Bible and Religion* 27 (1959) 291-298.

FERREIRA, J., *Dativo Ético e de Posse em Português*, in <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/dativo-etico-e-de-posse-em-portugues/29880> [acedido a 15-04-2019].

FIorenza, F. & METZ, J., “O Homem como União de Corpo e Alma”, in J. FEINER & M. LÖHRER (ed.), *Mysterium Salutis*, vol.II/3, Editora Vozes, Petrópolis, 1980, 27-72.

GARCIA, L., “Dois livros, uma casa com vista para dentro” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Jornal do Centro*, 20-12-2002, citado a partir de <http://papeisjlp.blogs.sapo.pt/jornal-do-centro-20-dezembro-2002-30046> [acedido a 15-04-2019].

GASTÃO, A. M., “A Morte é Isso: Nunca Mais” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Diário de Notícias*, 24-02-2001, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/2001> [acedido a 15-04-2019].

GASTÃO, A. M., “O Mal em Coabitação com o Amor” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Diário de Notícias*, 6-11-2002, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/2002> [acedido a 15-04-2019].

GREEN, J. B., “Death of Christ”, in HAWTHORN, G. F.; MARTIN, R. P. (ed.) & REID, D. G. (ed. ass.), *Dictionary of Paul and His Letters*, Intervarsity Press, Leicester, 1993, 201-209.

GRELOT, P., “Mort : I. La Mort dans L’Écriture Sainte”, in VILLER, M.; CAVALLERA, F. & DE GUIBERT, J., *Dictionnaire de Spiritualité: Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, tomo X, Beauchesne, Paris, 1747-1758.

HAAS, A., “Mort Mystique”, in VILLER, M. ; CAVALLERA, F. & DE GUIBERT, J., *Dictionnaire de Spiritualité: Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, tomo X, Beauchesne, Paris, 1980, 1777-1790.

HALPERN, M., “As Mutilações do Amor” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Jornal de Letras*, 13-11-2002, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/2002>, [acedido a 15-04-2019].

HEURÉ, G. “Noir est sa couleur”, *Télérama* 2931 (2006) 53.

JESUÍNO, J. C. & OLIVEIRA, C. C., “Introdução”, in JESUÍNO, J. C. & OLIVEIRA, C. C., (orgs.), *Do Luto*, Axioma, Braga, 2016, 1-8.

“José Luís Peixoto”, in <http://www.joseluispeixoto.net/tag/biografia> [acedido a 15-04-2019].

KARADŽA, I., “Paul’s Understanding of Death According to 1 Corinthians 15”, *Kairos - Evangelical Journal of Theology* 8 (2014) 163-174.

- KARRIS, R. J., “Luke 23, 47 and the Lucan View of Jesus’ Death”, *Journal of Biblical Literature* 105/1 (1986) 65-74.
- KELLY, H. A., “Adam Citings Before the Intrusion of Satan: Recontextualizing Paul’s Theology of Sin and Death”, *Biblical Theology Bulletin* 44 (2014) 13-28.
- KOCH, H. J., “Suicides and suicide ideation in the Bible: an empirical survey”, *Acta Psychiatrica Scandinavica* 112 (2005) 167-172.
- KOVACS, J. L., «“Now shall the ruler of this world be driven out”: Jesus’ Death as Cosmic Battle in John 12, 20-36”», *Journal of Biblical Literature* 114 (1995) 227-247.
- LÉON-DUFOUR, X., *Face à la Mort: Jésus et Paul*, Éditions du Seuil, Paris, 1979.
- MANZATTO, A., *Teologia e literatura: aproximações pela antropologia*, in <http://www.alalite.org/files/IColoquio/docs/Manzatto.pdf> [acedido a 1-03-2019].
- MANZATTO, A., “Teologia e literatura: bases para um diálogo”, *Interações* 19 (2016) 8-18.
- MARTIN-ACHARD, R., *La Mort en Face: selon la Bible Hébraïque*, Labor et Fides, Genebra, 1988.
- MENDONÇA, J. T., “A Literatura serve alguma coisa a quem estuda Teologia?”, *Fundamentum* 5 (2016) 7-8.
- MESTRE, J. & FERREIRA, C., «Entrevista a José Luís Peixoto: “Eu escrevo para os outros existirem”», *Rodapé*, 2000, citado a partir de <https://papeisjp.blogs.sapo.pt/tag/joaquim+mestre> [acedido a 15-04-2019].
- MICHEL, O., “μῦμνήσχομαι, μνεία, μνήνη, μνήμα, μνημεῖον, μνημονεύω”, in KITTEL, G. & FRIEDRICH, G., *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. VII, Paideia, Brescia, 1971, 299-322.

NOBRE, A., “Luto – Um salto quântico de martelo anguloso a seixo rolado”, in JESUÍNO, J. C. & OLIVEIRA, C. C. (orgs.), *Do Luto*, Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 2016, xiii-xviii.

OLIVEIRA RODRIGUES, I. de, “*Nenhum Olhar*, de José Luís Peixoto”, *Via Atlântica* 8 (2005) 297-299.

PEIXOTO, J. L., Participação no Programa Televisivo *Ler Mais, Ler Melhor*, in <https://www.youtube.com/watch?v=-SsrGat0u7U> [acedido a 28-02-2019].

PINHÃO, L., “Deus não é uma Possibilidade” [Entrevista a José Luís Peixoto], (*Livros*), 2001, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/2001> [acedido a 15-04-2019].

PINHO, M. L., *Intertextualidades Bíblicas em Nenhum Olhar (2000)*, de José Luís Peixoto, in <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3408/1/Intertextualidades%20b%C3%ADblicas%20em%20Nenhum%20olhar,%20de%20Jos%C3%A9%20Lu%C3%ADs%20Peixoto.pdf> [acedido a 16-04-2019].

PUIG, A., *Jesus: Uma Biografia*, Paulus, Lisboa, 2006.

RAD, G. von, «“ζῆλος”: 1. “Vita” nell’A.T.», in KITTEL, G. & FRIEDRICH, G., *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. III, Paideia, Brescia, 1968.

RICOEUR, *Memória, História, Esquecimento*, citado a partir de http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia [acedido a 16-04-2019].

RICOEUR, P., *O perdão pode curar?*, in http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf [acedido a 25-03-2019].

RORDORF, W., « Culte des Martyrs : II. Théologie et Spiritualité du Martyre », in VILLER, M. ; CAVALLERA, F. & DE GUIBERT, J., *Dictionnaire de Spiritualité : Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, tomo X, Beauchesne, Paris, 1980, 726-732.

SANDERS, E. P., *A Verdadeira História de Jesus*, Editorial Notícias, Cruz Quebrada, 2004.

SANTO AGOSTINHO, *Confissões: Livros VII, X, XI*, in http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessiones_livros_vii_x_xi.pdf [acedido a 18-01-2019].

SANTO AGOSTINHO, “Epistula 55”, in *Obras de San Agustin: Cartas*, tomo VIII, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1951.

SANTO AGOSTINHO, *Obras de San Agustin: Las Confessiones*, tomo II, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1946.

SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teologica*, tomo VIII, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1956.

SANTOS, G. N., «Um “Otimista a Longo Prazo”» [Entrevista a José Luís Peixoto], *Revista - Diário de Notícias*, 2003, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/revista+di%C3%A1rio+de+not%C3%ADcias> [acedido a 15-04-2019].

SCHÜRMAN, H., *Comment Jésus a-t-il vécu sa Mort? : Exégèse et Théologie*, Les Editions du Cerf, Paris, 1977.

SCOTT, J. J., Jr., “Life and Death”, in HAWTHORN, G. F.; MARTIN, R. P. & REID, D. G. (eds.), *Dictionary of Paul and His Letters*, Intervarsity Press, Leicester, 1993, 553-555.

SEPÚLVEDA, “Un’Allegoria della Decadenza”, *La Repubblica*, 2004, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/luis+sep%C3%BAlveda> [acedido a 29-03-2019].

SMITH, D. A., «“Look, the place where they put him” (Mk 16:6): The space of Jesus’ tomb in early Christian memory», *HTS Theologese Studies/Theological Studies* 70 (2014) 1-8.

SPADARO, A., *O Batismo da Imaginação: A Experiência da Palavra Criativa*, Paulinas, Prior Velho, 2016.

TEIXEIRA, J. de S., “Morte”, *In Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 3, Verbo, Lisboa, 1999, 987.

TOLSTOI, L., *A Morte de Ivan Ilitch*, Cardume Editores, Matosinhos, 1940.

TRAQUETE, J., “José Luís Peixoto: Prémio Saramago 2001” [Entrevista a José Luís Peixoto], *Ecos do Sor*, 26-11-2001, citado a partir de <https://papeisjlp.blogs.sapo.pt/tag/jorge+traquete>, acedido a 15-04-2019.

WALASKAY, P. W., “The Trial and Death of Jesus in the Gospel of Luke”, *Journal of Biblical Literature* 94 (1975) 81-93.

WILDE, O., *De profundis*, Editorial Estampa, Lisboa, 1991.

WINTER, P., *On the Trial of Jesus*, Walter de Gruyter & Co., Berlim, 1961.

WÜTHRICH, S., “Naître de mourir: la mort de Jésus dans l’Évangile de Matthieu (Mt 27, 51-56)”, *New Testament Studies* 56 (2010) 313-325.

ZUPPO, D., Entrevista a José Luís Peixoto no programa brasileiro *Agenda*, in <https://www.youtube.com/watch?v=E2UgZUuDiuI&t=176s> [acedido a 15-04-2019].

ÍNDICE

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
ABERTURA.....	5
1. OLHAR O CONTEXTO.....	5
2. PROJETO DE TRABALHO.....	10
PARTE I: PEIXOTO, A MORTE E O LUTO.....	14
CAPÍTULO I: <i>MORRESTE-ME</i>.....	16
1. UM TÍTULO, UMA OBRA.....	16
2. “SERES INCAUTOS”: A VERDADE QUE SE IGNORA.....	17
3. O AMOR QUE MOVE MONTANHAS.....	18
4. “PAI, PERDER-TE”: O LUTO.....	19
4.1. A Contemplação de um Corpo.....	20
4.2. Memória vs Esquecimento.....	21
5. “IMPOSSIVELMENTE MORTO”: TÊNUE ESPERANÇA.....	25
PASSAGEM DE TESTEMUNHO.....	27
CAPÍTULO II – <i>NENHUM OLHAR</i>.....	28
1. UM DIA MORRERÁS: A EFEMERIDADE DA VIDA.....	29
2. “SOU O LUGAR ONDE A MORTE ESTÁ”: TEMPO DE MORRER.....	31
3. “OLHAR DE UMA ESCURIDÃO INTENSA”: O LUTO.....	33
3.1. Luto de Todos, Luto só Meu.....	33

3.2. “Morreste-me”	35
4. A MORTE, FIM TOTAL.....	37
PASSAGEM DE TESTEMUNHO.....	40
CAPÍTULO III: UMA CASA NA ESCURIDÃO.....	41
1. “ESCURIDÃO EM TODOS OS LUGARES”: A MORTE.....	43
1.1. Resignação.....	44
1.2. Ansiar pela Morte.....	45
1.3. A Morte como Absoluto.....	46
2. “UMA FALTA E UM VAZIO”: O LUTO.....	47
2.1. O Enterro.....	47
2.2. Reencontros na Memória.....	50
2.3. <i>Morreste-me</i>	52
3. “POR AGORA, ACENAMOS ADEUS”: A ESPERANÇA.....	54
PASSAGEM DE TESTEMUNHO.....	55
PARTE II: A MORTE RENOVADA EM CRISTO.....	57
CAPÍTULO I - “AO PÓ TORNARÁS”: INTERPELAÇÕES DE	
ISRAEL.....	58
1. PORQUÊ A MORTE?.....	58
2. “QUE SOFRIMENTO TENHO POR TI!”: A DOR DA PERDA.....	62
3. A MORTE SERÁ O FIM?.....	67

CAPÍTULO II - “EM TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO”:	
JESUS E A MORTE COMO MISSÃO.....	71
1. JESUS, PODEROSO SOBRE A MORTE.....	71
1.1. Luz <i>versus</i> Trevas: Um Combate até à Morrer.....	72
1.2. Jesus e a Morte dos Outros.....	74
1.3. Jesus prevê a Morte Violenta.....	75
1.4. A Paixão da Igreja.....	77
2. A CRUZ: PAIXÃO E MORTE DE CRISTO...81	
2.1. A Última Ceia e a Agonia.....	81
2.2. A Condenação Capital.....	84
2.3. As Horas na Cruz.....	86
2.4. Consequências da Morte.....	90
2.5. Sepultura e Ritos Fúnebres.....	92
3. A RESSURREIÇÃO: ANÚNCIO DA VITÓRIA.....94	
CAPÍTULO III - “VIVER É CRISTO E MORRER É LUCRO”: PAULO	
NO SEGUIMENTO DE CRISTO.....	96
1. EXPIAR O PECADO, SUPRIMIR A MORTE.....97	
2. CRUZ DE CRISTO: EVANGELHO DE PAULO.....101	
3. A MORTE: INAUGURAÇÃO DE UMA NOVA ERA.....103	
PASSAGEM DE TESTEMUNHO.....104	
FINAL.....	108
BIBLIOGRAFIA.....	114
ÍNDICE.....	122